

CAMILA KLEIN

**EXPERIÊNCIAS AFETIVAS URBANAS: A RELAÇÃO DOS
HABITANTES COM SUA PRAÇA CENTRAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Ariane Kuhnen

FLORIANÓPOLIS, SC
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Klein, Camila

Experiências afetivas urbanas : a relação dos habitantes com sua praça central / Camila Klein ; orientadora, Ariane Kuhnen - Florianópolis, SC, 2016.
145 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Psicologia Ambiental. 3. Praça Pública. 4. Afetividade. I. Kuhnen, Ariane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

ASSINATURA BANCA

*There are places I remember all my life
Though some have changed
Some forever, not for better
Some have gone and some remain
All these places had their moments
With lovers and friends I still can recall
Some are dead, and some are living
In my life, I've loved them all*

(In my life, John Lennon & Paul McCartney)

Camila Klein. **Experiências afetivas urbanas: a relação dos habitantes com sua praça central**. Florianópolis, 2016. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientadora: Prof^a Dr^a Ariane Kuhnen

RESUMO

A experiência de tornar um espaço em lugar pode ser mediada pela afetividade, que compreende emoções e sentimentos, e orienta a maneira como os indivíduos habitam, circulam e sentem a cidade. Na concepção espinosana, os afetos sobrevivem nas relações estabelecidas com outros corpos e com o mundo, e tais encontros provocam modificações nas capacidades dos corpos para a ação e impelem o pensamento a novas direções, que podem variar positiva ou negativamente. Ora, se sentir também é uma forma de conhecer, a compreensão dos sentimentos que se nutre pelos espaços da cidade permite que se apreenda o que é a cidade para o habitante. Esta pesquisa ancorou-se na afetividade como categoria de análise para compreender e descrever a relação dos habitantes da cidade com a Praça Lauro Müller, em Campos Novos, no interior de Santa Catarina. As praças públicas constituem-se como elementos organizadores do espaço urbano e proporcionam encontro, socialização, descanso e atividade física. Estão ligadas à memória da cidade e representam (ou não) um convite para serem sítio de passagem ou de parada. A praça estudada passou por processo de reforma em 2012, evento que contribuiu para uma nova relação dos habitantes da cidade com este espaço público. Para estudar o binômio praça-habitante dentro da perspectiva da Psicologia Ambiental, utilizou-se do mapeamento comportamental para descrever os aspectos físicos e de uso da praça, e entrevistas semiestruturadas para investigar a afetividade na e pela praça. Os resultados de ambos os instrumentos foram discutidos de forma integrada dentro de três categorias: usos da praça; afetividade e representações da praça. Considerou-se que a afetividade revelou-se na estima pelo lugar e por conta disso a recuperação e reforma dos espaços da Praça Lauro Müller foram catalizadoras de processos de (re)apropriação, quando congregaram o antigo e o novo, o histórico e o moderno, a memória do lugar e aquilo que aponta para o futuro. A afetividade revelada neste estudo assinala uma nova forma de ocupação da praça, que respeita o passado da cidade, mas não denota retorno “ao que era” – tal afetividade relaciona-se com evolução e com a retomada do espaço público com maior potência de agir e existir.

Palavras-chave: Psicologia ambiental. Afetividade. Lugar. Praça pública.

Camila Klein. **Urban affective experiences: the relationship of the inhabitants with its central square.** Florianópolis, 2016. Dissertation in Psychology – Postgraduate Program in Psychology. Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT

The experience of turning a physical space in a place may be mediated by affectivity, which includes emotions and feelings, that guides the way individuals live, circulate and feel the city. In Spinoza's view, the affections come upon the relationships established with other bodies and with the world, and such meetings cause changes in the capabilities of the body to action and urge the thinking in new directions, which can vary positively or negatively. To feel the city it is also a way of knowing the city, which implies that to comprehend people's feelings about the city allows us to apprehend what is the city to the inhabitant. This research was anchored in the concept of affection as an analytical category to understand and describe the relationship of the city's inhabitants with Lauro Muller Square, in Campos Novos, Santa Catarina. Public squares are organizing elements of urban space and provide meeting, socialization, relaxation and physical activity. They are linked to the memory of the city and represent (or not) an invitation to be a site to cross or chill out. The square studied underwent the reform process in 2012, an event that contributed to a new relationship between city dwellers with this public space. To study the binomial square-inhabitant adopting the Environmental Psychology perspective, we applied behavioral mapping to describe the physical aspects and the square modes of use. We also conducted semi-structured interviews to investigate the affectivity that people experienced in the public square. The results of both instruments were discussed in an integrated way, within three analytical categories: public square modes of use; affectivity and representations of the square. Lauro Müller Square rehabilitation promoted the process of reappropriation of the place by the population, because brought together the city's memory and the modernity in the same physical space. Affectivity revealed in this study marks a new form of occupation of the square, as regards the city's past, but does not denote return. Such affectivity relates to evolution and the resumption of public space with greater power to act and exist.

Keywords: Environmental psychology. Affectivity. Place. Public square.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Fonte de água da Praça Lauro Müller	53
FIGURA 2. Praça antiga	54
FIGURA 3. Praça durante a reforma em 2012	54
FIGURA 4. Praça em 2014	55
FIGURA 5. Iluminação Noturna, ano de 2015	56
FIGURA 6. Desenho da praça	59
FIGURA 7. Mapa dos setores da praça com postos de observação	61
FIGURA 8. Perspectiva do posto de observação do Setor 10	62
FIGURA 9. Setor com menor percentual de ocupação	69
FIGURA 10. Diagrama de ocupação em semana típica de uso	70
FIGURA 11. Vista aérea da Praça Lauro Müller	71
FIGURA 12. Esquema conceitual: categorias de análise de conteúdo	73
FIGURA 13. Semana Típica de Uso – Comportamentos	80
FIGURA 14. Comportamento de “reunião de pessoas” por setor	81
FIGURA 15. Permanência dividida por setores	83
FIGURA 16. Alameda no período de inverno, sem flores	86
FIGURA 17. Fonte de Água – Chafariz	91
FIGURA 18. Lixeiras: “cuidar é não jogar lixo no chão”	92
FIGURA 19. O pinheiro e a memória local	97

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Categorias temáticas das publicações sobre praças entre 2005 e 2015	36
TABELA 2. Produção Científica nacional sobre praça pública	39
TABELA 3. Aspectos psicossociais relacionados ao contexto de praças em estudos nacionais e internacionais	41
TABELA 4. Objetivos específicos, instrumentos e análise dos dados	52
TABELA 5. Setores da praça no MC	60
TABELA 6. Registro de ocorrências dos comportamentos do MC	68
TABELA 7. Percentuais de ocupação da Praça Lauro Müller	69
TABELA 8. Caracterização dos participantes da entrevista	72
TABELA 9. Organização da Análise de Conteúdo	73

SUMÁRIO

1. Introdução	21
2. Objetivos	25
2.1 Objetivo Geral	25
2.1.1 Objetivos Específicos.....	25
3. Revisão da Literatura	27
3.1 Psicologia Ambiental: breve histórico e definição.....	27
3.2 Percursos epistemológicos, ontológicos e antropológicos	29
3.3 O espaço público	32
3.3.1 As praças.....	34
3.4 O lugar nos estudos pessoa-ambiente.....	45
3.5 Afetividade como categoria de análise da relação do habitante com a praça pública	47
4. Método	51
4.1 Delineamento da pesquisa.....	51
4.2 Contexto de pesquisa.....	52
4.3 Considerações éticas	57
4.4 Participantes da etapa de entrevistas	57
4.5 Estratégias da coleta de dados: instrumentos e procedimentos	58
4.5.1 Etapa com foco no ambiente: mapeamento comportamental.....	58
4.5.2 Etapa com foco nas pessoas: entrevistas semiestruturadas.....	63
4.6 Análise dos dados.....	64
5. Resultados	67

5.1 Mapeamento Comportamental.....	67
5.2 Entrevistas.....	71
5.2.1 Caracterização dos participantes	71
5.2.2 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise	72
6. Análise e Discussão dos Resultados.....	77
6.1 Categoria 1: Usos da praça	77
6.1.1 Subcategoria 1.1 – Atividades na praça	77
6.1.2 Subcategoria 1.2 – A praça como encontro.....	80
6.2 Categoria 2 – Implicações	83
6.2.1 Subcategoria 2.1 – Atributos físicos e afecções	84
6.2.2 Subcategoria 2.2 – Sentimentos e emoções.....	89
6.2.3 Subcategoria 2.3 – Participação cidadã.....	92
6.3 Categoria 3 – Representações da praça	94
6.3.1 Subcategoria 3.1 – Simbolismos e significados	94
6.3.2 Subcategoria 3.2 – Memória	96
7. Considerações Finais.....	101
8. Referências	109
9. Anexos.....	125
Anexo 1 - Termo de Consentimento do Órgão Público Responsável	125
Anexo 2 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética.....	126
10. Apêndices	129
Apêndice 1 – Termo de Consentimento dos participantes ...	129
Apêndice 2 – Protocolo de observação: Mapeamento Comportamental	132

Apêndice 3 – Postos de observação do MC	134
Apêndice 4 – Roteiro de Entrevista.....	141
Apêndice 5 – Transcrição de Entrevista.....	143

1. Introdução

Cássia é professora e mora a quase dois quilômetros da Praça Lauro Müller. Pelo menos uma vez por semana estaciona seu carro na região central da cidade: precisa ir ao banco, ao correio, à papelaria. A praça está incluída em seu roteiro de andanças pelo centro. Ela adora as flores, e descreve seu trajeto predileto: “(...) da fonte para a casa da cultura (...) além do colorido, é a alameda que forma entre a fonte e o fundo lá, da casa da cultura”. Cássia cruza a praça “*por vontade*”, poderia usar outros caminhos, mas passa por ali porque percebe que sente “*bem estar*” e acha que as flores são as responsáveis por isso. A estética parece ser um dos principais elementos que afetam e alteram as potências dos corpos que circulam naquela praça – mas não é o único.

A Praça Lauro Müller situa-se no município de Campos Novos, meio-oeste de Santa Catarina. O local passou por processo de recuperação e reconstrução após um vendaval que ocorreu em 2011 e destruiu a praça, cuja reinauguração aconteceu em novembro de 2012. A nova “cara da praça” deu também “nova cara” ao cenário urbano do centro da pequena cidade: o local que antes era pouco frequentado passou a contar com a presença diária de muitos visitantes. Descansar, brincar, caminhar e tirar fotos, muitas fotos. A praça ganhou destaque nos jornais locais e nas redes sociais, virou motivo de orgulho e pauta de discussões da comunidade a respeito de sua conservação. A praça foi novamente abraçada pela cidade, o que permitiu levantar algumas questões sobre os espaços públicos e conduziu a presente pesquisa.

Por que alguns espaços das cidades são mais utilizados e frequentados do que outros? Qual a razão para as pessoas conectarem-se e cuidarem mais de um espaço coletivo urbano em detrimento de outro? Afinal, o que está em jogo nas relações do indivíduo com os espaços públicos da cidade onde moram? Este estudo, que teve como objeto as interações entre pessoa e ambiente, buscou compreender a afetividade dos habitantes em relação à sua praça central. O caminho percorrido durante a pesquisa procurou conhecer a praça através do “sentir” dos habitantes da cidade.

Enquanto referenciais geográficos e simbólicos, as cidades abarcam uma variedade de espaços públicos que as caracterizam e compõem sua imagem, como parques, praças, ruas, edifícios, bem como esculturas, pontes, dentre tantos outros elementos construídos (Pol & Valera, 1999). Com suas aglomerações de pessoas e concreto, as cidades, ao mesmo tempo que figuram como ícones da criação humana,

também servem de palco para os problemas da humanidade no século XXI. É a paisagem urbana que se revela em antagonismos, e é produto e produtora do modo como se pensa a vida (Carlos, 1994) .

Em meio às cenas urbanas de agitação, ruídos e pressa, alguns lugares despontam como ilhas que permitem às pessoas reconectarem-se perceptual, cognitiva e afetivamente ao seu entorno. A melhoria da qualidade de vida nas cidades tem sido vinculada à presença da natureza, mesmo que esta se apresente através de obras planejadas pelo ser humano (Menguetti, Rego & Pellegrino, 2004), como é o caso das praças, cujos elementos naturais, como vegetação (árvores, flores, vegetação rasteira, folhagens, etc.) pedras e água, melhoram as condições biofísicas do lugar, trazendo benefícios para o entorno e para as pessoas (Perovic & Folic, 2012).

As praças públicas se constituem como elementos organizadores do espaço urbano e proporcionam encontro, socialização (Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiiman, 2012), descanso e atividade física (Koohsari, Karakiewicz & Kaczynski, 2012). Estão ligadas à memória da cidade, sendo palco de manifestações culturais, sociais e políticas (Barbini & Ramallete, 2012; Silva, Lopes & Lopes, 2011), e, quando bem cuidadas, representam um convite para serem sítio de passagem ou de parada.

Para compreender o binômio praça-habitante da cidade, a presente pesquisa teve como norte teórico a Psicologia Ambiental (PA), cuja produção de conhecimento dialoga com a arquitetura, o urbanismo e a geografia, e cujos métodos e técnicas de pesquisa inserem-na no âmbito dos estudos pessoa-ambiente. A PA investiga as inter-relações entre pessoa e entorno e os processos afetivos, cognitivos e simbólicos implicados nesse ambiente que, além de físico, é histórico e cultural. Logo, a percepção que o indivíduo tem da cidade extrapola sua exterioridade concreta, para dialogar com o simbólico (Bomfim, 2010; Lima & Bomfim, 2009; Pol & Valera, 1999).

Para além dos estudos que consideram o entorno apenas como o cenário dos acontecimentos na vida humana, entende-se que o ambiente está em interação com as pessoas na medida em que transmite significados traduzidos dentro da cultura. Enquanto disciplina aplicada, as pesquisas em PA apoiam intervenções urbanas que tornam cidades produtoras de experiências afetivas positivas, no sentido de que é preciso (re)apropriar-se dos espaços urbanos que são coletivos. Tal apropriação implica em um “abraçar a cidade” de modo a transformá-la em um lugar carregado de sentido e afetividade.

Nos estudos sobre interações pessoa-ambiente há uma variedade de termos que referenciam as relações de afeto das pessoas pelos lugares

como: enraizamento, pertencimento, apropriação, senso de lugar, filiação, dependência, identidade - citados por Giuliani (2003); sentimento de comunidade (Lima & Bomfim, 2009), senso de comunidade (Bow & Buys, 2003), afetividade na cidade (Bomfim, 2010), apego ao lugar (Giuliani, 2003, 2004; Giuliani & Feldman, 1993; Scannel & Gifford, 2010), e relação emocional com lugar (Manzo, 2003, 2005).

A relação que se estabelece com um lugar contribui para a definição da identidade social, ao mesmo tempo em que esta relação é alimentada pelos significados que o lugar oferece para a identidade da pessoa (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace & Hess, 2007; Kuhnen, 2009; Twigger-Ross & Uzzel, 1996). Os sentimentos e emoções despertados pelos lugares qualificam, positiva ou negativamente, as experiências de vida das pessoas de forma individual e particular.

Os afetos atribuídos a alguns lugares e às comunidades que os lugares ajudam a definir (e.g.: lar, vizinhança, cidade), fazem parte da constituição da identidade de lugar nos indivíduos (Giuliani, 2003, 2004). A relação cognitiva, afetiva ou simbólica de um grupo humano com um entorno específico gera um sentimento de identidade grupal, cuja referência espacial (e.g.: um bairro, uma praça, um monumento, uma rua) supera seu caráter físico e assume uma dimensão social (Elali, 2013; Pol & Valera, 1999) perpassada por valores, simbologias e afetividade (Kuhnen, 2009).

Para entender como os habitantes da cidade relacionam-se com sua praça central, a pesquisa balizou-se no entendimento de Bomfim (2010), que compreende a afetividade na cidade como emoções e sentimentos orientadores das ações cotidianas. A afetividade na cidade revela a implicação do cidadão com ela, portanto, não é apenas vínculo com o lugar, mas abarca os sentimentos e emoções – sejam eles negativos ou positivos – em relação ao espaço construído. A forma como se dá esta implicação com os espaços da cidade indica as ações de seus habitantes em relação a esses entornos, traduzindo-se (ou não) em ética e cidadania na cidade.

Os bons encontros permitem a conexão do habitante com a cidade enquanto lugar, onde são tecidas biografias. Mais do que espaço para descanso ou para travessia, a praça pública, assim como a rua e a calçada, podem assumir relevância histórica na vida dos indivíduos, pois serve como representação concreta de eventos da vida, e permitem às pessoas compararem presente e passado através das lembranças a eles associados. Da conexão com a cidade, deriva a dimensão ética da afetividade (Sawaia, 2000), quando há envolvimento e identificação

com o lugar, que remete a si e à coletividade. São histórias produzidas e partilhadas na realidade socioespacial dando forma aos entalhes da vida urbana.

No intuito de verificar o panorama de pesquisas sobre praças públicas em âmbito nacional e internacional, foi realizada uma revisão sistemática¹ contemplando o período de janeiro de 2005 a novembro de 2015. Foram localizados 48 artigos – 15 nacionais e 33 internacionais, e os temas predominantes versam sobre aspectos físicos: regeneração urbana, aspectos arquiteturais, revitalização, conforto acústico e térmico, arborização e vegetação, contaminação, efeitos da urbanização sobre espécies de insetos e funcionalidade da praça.

Foram identificados dez estudos que trataram de aspectos psicossociais associados a atributos físicos do ambiente da praça pública, ou tendo a praça como contexto de ocorrência de fenômenos psicológicos ou comportamentos. Os temas das pesquisas foram: segregação socioespacial e sociabilidade (Andrade, Jayme & Almeida, 2009); preferências ambientais (Shi, Gou & Chen, 2014); interação entre design da praça, comportamentos e interações sociais (Hajmirsadegui, Shamsuddin & Forougui, 2014); senso de comunidade (Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiman, 2012); atributos da praça e saúde mental (Francis, Wood, Knuiman & Giles-Corti, 2012); percepção ambiental (Rašcović & Decker, 2015); identidade coletiva e cidadania (Mitermique, 2014); comportamento de brincar em crianças (Luz & Kuhnen, 2013); e lazer e socialização de idosos (Viegas, Silva & Elali, 2014). Na busca não foram identificados artigos que tratassem de afetividade relacionada ao espaço público de praças, fato que reforçou o delineamento da temática e a realização da presente pesquisa.

Diante do exposto, o estudo procurou somar-se às pesquisas realizadas no Laboratório de Psicologia Ambiental (LAPAM/UFSC) que privilegiam a investigação em espaços abertos públicos, de forma a contribuir com a discussão acerca da relação das pessoas com tais lugares, seu comportamentos, percepções e modos de uso. Como exemplos de pesquisas do LAPAM, podemos citar o estudo realizado no Parque da Lagoa do Peri, em Florianópolis, a respeito da percepção dos cuidadores sobre a interação criança-natureza (Peres, 2013); a

¹ Bases Redalyc, Sage e Science Direct, com os seguintes descritores nas palavras-chave: praça AND pública, plaza AND publica, *public* AND *square*, espaço AND público, *public* AND *open space*. Na base Scielo foram utilizados os descritores praça AND pública nas palavras-chave e no título. A revisão sistemática completa encontra-se na seção 3.3.1.

investigação sobre as percepções da comunidade universitária sobre o Bosque do Planetário do Campus Universitário da UFSC (Kuhnen, 2013), e a pesquisa sobre o uso dos espaços urbanos pelas crianças, em especial o comportamento de brincar em quatro praças públicas de Criciúma- SC (Luz & Kuhnen, 2013). Todos os estudos são relevantes na medida em que se preocupam com espaços públicos e cidades feitas para pessoas.

Quanto à relevância social, o estudo tentou oferecer justificativas para a revitalização e construção de praças, por parte do poder público, não apenas no município estudado, mas também em outros municípios preocupados em criar espaços promotores de vida comunitária, saúde, lazer, e, acima de tudo, espaço para os bons encontros na e com a cidade. Finalmente, a presente investigação almejou compreender e descrever a afetividade das pessoas da cidade em relação a sua praça central, articulando os resultados da pesquisa dentro do espectro da PA, no intuito de contribuir para esta área de conhecimento. Ante o exposto, procurou responder à seguinte pergunta de pesquisa: qual a relação de afetividade dos habitantes com sua praça central?

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Compreender a afetividade dos habitantes em relação à Praça Lauro Müller, sob a perspectiva das interações pessoa-ambiente.

2.1.1 Objetivos Específicos

- Descrever aspectos de uso da praça central.
- Clarificar a afetividade dos habitantes frequentadores da praça.
- Compreender a inter-relação entre os atributos do ambiente físico e a afetividade.

3. Revisão da Literatura

3.1 Psicologia Ambiental: breve histórico e definição

O interesse das ciências em geral pela influência dos fenômenos ambientais sobre a conduta humana é antigo, entretanto, considerando-se os antecedentes históricos da PA, destacam-se os estudos publicados de Von Uexkull, em 1909, com seu conceito de Umwelt (ambiente); e a obra *Geopsyché*, de Hellpach, em 1911, ambos na Alemanha. Dentro da Psicologia, os estudos de Egon Brunswik e Kurt Lewin, exercem forte influência para a constituição da moderna psicologia ambiental: o primeiro com suas investigações acerca da percepção, e o segundo, com sua teoria de campo e a visão do entorno a partir de uma perspectiva molar (Valera, 1996a).

A PA se constitui marcada pela interdisciplinaridade. Segundo Pinheiro (2003), ser parte “psicologia” e parte “ambiental” implica que suas raízes são amplas e ultrapassam o terreno da Psicologia. Parte destas raízes alimenta-se de conhecimentos “externos”: Arquitetura e Planejamento Ambiental, Geografia e Ciências Bio/Ecológicas. Outra parte firma-se em duas grandes tradições teóricas: a Psicologia da Percepção e a Psicologia Social.

O escopo de estudos em PA contempla temas relativos à degradação ambiental bem como à intervenção e planejamento de ambientes construídos - sempre focando na relação entre a pessoa e tais ambientes. Também abarca pesquisas sobre os efeitos dos ambientes sobre os comportamentos, percepções e/ou afetos das pessoas, e investiga como os indivíduos atuam, modificam e constroem seu entorno (Aragonés & Américo, 1998; Gifford, Steg & Reser, 2011; Pinheiro, 2003; Valera, 1996a).

A PA consolidou-se como área distinta de estudo no fim dos anos 60 e início dos anos 70, nos EUA (Günther & Rozestraten, 2005) e duas grandes vertentes de pesquisa e aplicação podem ser referenciadas: o planejamento de ambientes construídos – que é a vertente mais antiga, e os estudos sobre degradação ambiental (Ferreira, 2006).

No campo de estudo de ambientes construídos - desde suas origens - a PA demonstra sua ligação com as demandas sociais. O quadro sócio político de reconstrução das cidades após a II Guerra Mundial congregou arquitetos, planejadores urbanos e cientistas do comportamento humano, com a finalidade de repensar os espaços urbanos, não apenas em seus aspectos estéticos, mas também em sua função de atender às necessidades humanas. Surgiu inicialmente como o

nome de “psicologia da arquitetura” no fim dos anos 50, dada a necessidade dos arquitetos de entenderem como as grandes obras públicas do pós guerra poderiam acomodar um grandioso número de pessoas desabrigadas, em numerosos blocos de apartamentos – fato que exigiu um novo olhar sobre os espaços de habitação e convivência social (Ferreira, 2006; Melo, 1991; Tassara, 2003).

Merecem destaque os estudos de Ittelson e Proshansky, iniciados em 1958, em Nova Iorque, que investigaram a influência da arquitetura hospitalar sobre o comportamento de portadores de doenças mentais. No MIT - em Massachusetts, EUA - Lynch e sua equipe estudam a percepção do espaço urbano e publicam o clássico *The image of the city*, em 1960. É interessante observar que a intenção de Proshansky era voltar o olhar da psicologia para o que ele chamava de a “vida das pessoas”. Este autor teceu duras críticas à psicologia social, acusando-a de ter deixado de lado problemas pertinentes à vida humana. Por conta disso Proshansky acreditava que a PA viria suprir esta lacuna, de forma a contribuir para uma sociedade melhor (Ferreira, 2006).

Com o reconhecimento mundial de uma crise meio-ambiental no final dos anos 60 e início dos anos 70, impulsionado por relatórios do Clube de Roma e a publicação do *The limits to growth*, em 1972, a Psicologia Ambiental tem seu segundo período de grande crescimento, com psicólogos voltados para questões relacionados à poluição e monitoramento da qualidade ambiental. Não por acaso, a American Psychological Association estabeleceu um grupo para estudar os problemas de degradação ambiental, e esta tarefa é delegada ao mesmo grupo que estudava o problema do crescimento populacional (Ferreira (2006). Nos anos 80 a preocupação é voltada para fontes de energia, desde a oriunda da mineração até a nuclear, suscitando debates acerca dos riscos e impactos causados por sua geração. Nessa década, a psicologia ambiental “verde” também interessa-se pelo consumidor final: suas atitudes e comportamentos frente ao uso/conservação/desperdício de energia (Canter e Craik, 1981).

Desde o meio da década de 80, o engajamento da PA com a transformação social e a qualidade de vida das pessoas (através da qualidade ambiental) vem sofrendo um processo de desgaste e esvanecimento. Observa-se o declínio de pesquisas relacionadas à degradação ambiental e o esvaziamento de um discurso mais “político” em defesa das questões ambientais, levando a crer que PA “[...] quase não diferencia o tom de seu discurso do de outras subáreas” (Ferreira, 2006, p.27). Em uma análise crítica Wiesenfeld e Zara (2012) reiteram a carência de um discurso ético-político nas pesquisas em PA na

primeira década do século XXI, na América Latina: a PA, que fora concebida como uma disciplina crítica, deveria reaproximar-se das suas “metas iniciais” que a impulsionaram em sua origem, e buscar alternativas de produção e aplicação do conhecimento.

No Brasil, o percurso histórico da PA se dá em três momentos, de acordo com trajetória proposta por Pinheiro (2003): o período entre os anos 70 – 80 é marcado pela tradução de obras estrangeiras da área, que, curiosamente, ficaram mais conhecidos entre arquitetos, sociólogos e designers no país. No segundo momento histórico compreendido por meados dos anos 80 e década de 90, começaram a surgir autores brasileiros, com publicações em periódicos e orientações de trabalhos acadêmicos. Embora neste período não tenha havido muito intercâmbio entre os pesquisadores brasileiros, ele é importante para impulsionar a pesquisa nacional.

O terceiro e atual momento, assinala a tentativa de integração entre os diversos grupos de pesquisa brasileiros, assim como a consolidação das linhas de pesquisa acadêmica na área. Diversas publicações congregam pesquisadores de diferentes universidades do país, e materializam os esforços dos professores e pesquisadores que integram o Grupo de Trabalho em Psicologia Ambiental da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (GT-Psi-Ambiental/ANPEPP). Como exemplo, citam-se os livros “Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente”, organizado por Raquel Guzzo, José Pinheiro e Harmut Günther, publicado em 2004, e “Temas Básicos em Psicologia Ambiental”, organizado por Sylvia Cavalcante e Gleice A. Elali, de 2011.

3.2 Percursos epistemológicos, ontológicos e antropológicos

A PA, ao longo de seu curso histórico, foi influenciada por diferentes posicionamentos epistemológicos, que evoluíram em compasso com as perspectivas adotadas pelas ciências em geral. As principais perspectivas epistemológicas adotadas pela PA são: individualista, interacionista, sistêmica e transacionalista (Valera, 1996a). A presente pesquisa parte do pensamento sistêmico como visão de mundo implicada na atividade científica (Vasconcellos, 2013).

A teoria dos sistemas do biólogo Ludwig von Bertalanffy chegou ao seu auge de divulgação na década de 50 e, não por acaso, a PA recebe grande influência da visão sistêmica. A crise ambiental ganha relevo mundial e reconhece-se, não só nos meios acadêmicos, mas

também nos meios de comunicação de massa, que as ações humanas geram efeitos na natureza, que por sua vez “reage”. Logo, a humanidade que, até então via-se como “separada” e até “superior” aos elementos da natureza, passa a (re)conhecer-se como parte de um todo muito maior: o planeta. Se nas perspectivas individualista e interacionista a ênfase dos estudos estava mais nos indivíduos do que nos ambientes, com a visão sistêmica a PA passa a considerar a interação dinâmica entre pessoas e contextos (Valera,1996a).

A transição de paradigma implicou na descrição contextualizada das interações entre pessoas e espaços físicos. A unidade de análise passou a ser a pessoa e o ambiente como partes de um sistema integrado de interações, que operava em equilíbrio dinâmico, o que significava que uma alteração em uma parte deste sistema alterava o todo de forma conjunta (Valera,1996a). Na atualidade a perspectiva de um “equilíbrio dinâmico” entre a pessoa e o ambiente foi substituída pela compreensão de que as interações não se dão de forma equilibrada e previsível. O novo paradigma do pensamento sistêmico apoia-se em três pressupostos: complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2013), explicitados a seguir.

O modelo tradicional de fazer ciência busca a simplificação e compartimentalização de seus objetos de estudo – ao contrário, os estudos pessoa-ambiente desafiam o pesquisador a admitir a complexidade, que pressupõe: a interligação dos fenômenos e sua indissociabilidade, a importância da contextualização, e o princípio dialógico de que não há um desfecho único, ou conclusão “final”, ou solução monista (Vasconcellos, 2013). Ou seja, o que se busca, no presente estudo, é o diálogo entre conceitos teóricos e os dados de campo para entender as relações entre espaço físico da praça pública, comportamentos e afetividade, sem inferir causalidade linear. Por fim, trabalha-se com a ideia de que distingue-se o objeto de estudo para os fins da pesquisa, o que implica distinguir sem isolar ou simplificar.

Outro ponto do pensamento sistêmico que apoia o presente estudo é a assunção da instabilidade da realidade, portanto o objeto de pesquisa representa o recorte em um tempo e espaço definidos e únicos. Para tanto se busca contextualizar o objeto em relação a quem e a quem, para que as descobertas de campo sejam integradoras – e não simplificadoras da realidade.

Como último pressuposto epistemológico destaca-se a objetividade entre parênteses, que nasce do consenso entre os pesquisadores e a comunidade científica. Admite-se que a metodologia empregada na atividade científica não é objetiva em si, nem sua

existência se dá apartada do contexto social onde ela é concebida. Portanto, a qualidade e a “objetividade” da metodologia de pesquisa ancoram-se no acordo intersubjetivo dos pesquisadores envolvidos – e sua construção e convenção coletivas agregam confiabilidade aos métodos e técnicas empregados. Além disso, a postura do pesquisador é de implicação e “[...] referência necessária ao observador” (Vasconcellos, 2013, p.152).

Quanto aos aspectos ontológicos, Corral-Verdugo (2005) descreve as dimensões da “realidade” dentro dos estudos da PA, para a qual há o ambiente tangível composto de propriedades físicas e químicas, que são captadas pelos nossos sentidos. As percepções, sentimentos e comportamentos são afetados por esta realidade material, que, por sua vez, também sofre a modificações provocadas pelas pessoas. Todavia, existe também, o ambiente criado pelo homem, que é sujeito social. Este ambiente convencionado é impregnado de normas, símbolos e artefatos culturais, cujos estímulos são decodificados segundo atribuições produzidas por um grupo social. Assim os dois aspectos da realidade - material e cultural – compõem o “ambiente sócio físico” compreendido pela PA.

Finalmente, adota-se a perspectiva de homem que retoma sua relação com o contexto, com os ambientes, e que não pode mais ver-se separado destes. O homem ambiental (Ittelson, Proshansky, Rivlin & Winkel, 2005) deve manifestar uma relação ética com seus ambientes, e extrapolar as preocupações psicológicas com o “eu” e com as relações humanas, unicamente. O homem impregnado pela ética ambiental é responsável “[...] pelo outro da natureza ou pelo outro como ambiente exterior a mim” (Freire & Vieira, 2006, p.33), ao mesmo tempo que responsabiliza-se pelos outros que habitam o mundo e a gerações futuras que irão habitá-lo. O vínculo do homem com este “outro exterior” perdeu-se ao longo da história das sociedades - e hoje se vive a tentativa de reencontrar esta humanidade que não pode ser traduzida sem um vivo senso de ambiente. Busca-se a reconexão com o mundo físico, seja natural ou construído, a partir da ética da responsabilidade e do cuidado (Freire & Vieira, 2006).

3.3 O espaço público

“A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (Lefebvre, 2001, p.22).

A cidade constitui-se na realidade imediata, no dado prático-sensível, e impõe-se no plano arquitetônico, enquanto o “urbano” revela-se por meio das realidades sociais, das relações construídas pelas subjetividades: cidade e vida urbana, que proclamam a indissociabilidade entre o plano concreto e as relações sociais. As aglomerações urbanas transformam-se à medida que mudam as sociedades, e tal transformação encontra-se no caminho intermediário entre mudanças amplas, relacionadas à economia, ao Estado, aos poderes políticos, e aquilo que é da ordem imediata – as relações diretas entre pessoas e grupos sociais. Lefebvre (2001), para compreender a cidade como o meio termo entre a vida cotidiana e as instâncias de poder, chama de *ordem próxima* as relações dos indivíduos em grupos razoavelmente organizados e mais ou menos amplos, e *ordem distante* aquilo que se situa em um nível “superior” formado pelo Estado, a Igreja, as instituições jurídicas, a cultura e as ideologias.

A ordem distante projeta-se na realidade prática (ordem próxima), revelando-se nas relações de produção e de propriedade, inscrevendo-se nos espaços, nos lugares e nas vidas comuns. Ela traça, recorta e define o desenho da cidade – mas também é tensionada por este plano da vida imediata:

Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é uma obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (Lefebvre, 2001, p.52)

Há um investimento histórico na constituição das cidades que contribuiu para a decadência da vida coletiva. Propositado ou não, o fato é que a moderna configuração do tecido urbano resultou na dissolução da própria urbanidade – que pressupõe a vida na cidade como o exercício da alteridade (Lefebvre, 2001). Para entender este fenômeno de deterioração ou abandono dos núcleos urbanos, é mister olhar para

trás e acompanhar o percurso histórico das cidades que, lentamente, afastaram-se do ideal de coletividade para tornarem-se espaços da estranheza.

Revisitando a ágora grega e o fórum romano, deparamo-nos com espaços públicos para onde afluíam cidadãos, escravos, prostitutas, mercadores, políticos e religiosos – sítios da diversidade, auto-exposição e contato entre as pessoas (Sennet, 2008). Adiantando alguns séculos, chegamos aos núcleos das antigas cidades medievais, que congregavam o comércio, a religião, a política, a produção de bens e a produção intelectual (Lefebvre, 2001). Tais espaços constituíam-se cenários fervilhantes da vida em sociedade na Antiguidade e na Idade Média e opunham-se a rusticidade da vida no campo: a cidade dava lugar às ideias.

Com a revolução sanitária das cidades promovida pelo avanço das ciências médicas, em meados de 1740, a administração de grandes centros europeus passou a cuidar da limpeza urbana, por meio da implantação de sistemas de esgoto e regulamentação da conservação dos passeios públicos e limpeza das áreas defronte as residências. Nesta época a analogia de que a cidade é como um corpo, cujas artérias e veias deveriam permitir a livre circulação de pessoas, toma força entre os administradores públicos. O tecido urbano passa a incorporar em seu desenho avenidas, ruas de mão única e grandes intersecções, e inaugura uma nova forma de locomoção, que até hoje perdura: a do indivíduo sozinho, impelido ao movimento acelerado, sujeito às demandas do tráfego. As exigências da circulação eficiente resultam em corpos dessensibilizados que não se conectam com o espaço onde circulam: das cidades emergem espaços neutros, áreas urbanas reservadas para os indivíduos em locomoção e não mais para multidões em movimento (Sennet, 2008).

Além da modificação das ruas e avenidas, os espaços públicos, outrora ocupados pela feira, pelos grupos em protesto e pelas festas religiosas, também ganham nova configuração após a revolução francesa. Se a prioridade era facilitar a circulação das multidões e desencorajar os movimentos de grupos organizados, era necessário criar grandes espaços abertos, cuja amplitude permitia a fácil vigilância dos habitantes da cidade.

Chega-se às cidades planejadas do século XIX, cujos espaços públicos de convívio e pausa são afetados por esta nova ordem, que os desvaloriza por meio da priorização da locomoção e que promove o arrefecimento do sentimento de partilha e da cidade como bem comum (Sennet, 2008). Além das modificações arquitetônicas, a retirada das

moradias dos pobres, dos centros urbanos, reforça o que Lefebvre (2001) chama de destruição da urbanidade, já que procura padronizar – dentro de um ideal burguês de cidadão – os corpos que circulam no centro da cidade: é a negação da diversidade constituinte da essência das cidades.

Na era moderna a lógica da velocidade e a supervalorização do conforto individual apontam para a monotonia e para o isolamento. Ora, se os deslocamentos são feitos prioritariamente com automóvel, o corpo aliena-se dos espaços pelos quais passa. Com a divisão funcional das áreas da cidade – em centro de negócios, bairros residenciais, áreas de comércio – o imperativo do deslocamento com automóvel fica ainda mais evidente – e necessário. Então, como ficam os espaços onde se pode experimentar, sentir a cidade?

Atualmente, o uso dos espaços públicos para a pausa, o encontro, o perambular na cidade, pode sinalizar certa resistência à lógica da circulação. Movimentos brasileiros como *Boa Praça*², *Praças*³ e *Canteiros Coletivos*⁴ acenam para o desejo das pessoas de não apenas usar ou ocupar, mas também recuperar áreas descuidadas ou esquecidas pela ordem de urbanização vigente. Outro ponto a ponderar é o interesse crescente dos grupos de pesquisa⁵ em estudar os espaços abertos públicos – sejam ruas, praças ou parques – que também reforça a ideia de que nas cidades há algo que resiste, que deseja os bons encontros, e que manifesta uma nova forma de ocupação e desenho dos lugares. Poderiam cidadãos ordinários ou pesquisadores em universidades dar voz aos anseios de se ter uma experiência corpórea sensível nas cidades? Estaria sendo gestado um novo contorno de urbanização?

3.3.1 As praças

Com a finalidade de obter um panorama das pesquisas realizadas em praças públicas, no intervalo entre janeiro de 2005 e novembro de 2015, realizou-se uma busca nas bases Redalyc, Sage e Science Direct, com os seguintes descritores nas palavras-chave: praça AND pública, plaza AND publica, *public* AND *square*, espaço AND público, *public*

² <http://movimentoboapraça.com.br/>

³ <http://www.praças.com.br/>

⁴ <http://canteiroscoletivos.com.br/>

⁵ Como exemplo, a base de dados Science Direct lista cinco trabalhos publicados em 2005 com os descritores “*public*” AND “*open space*”, e apenas no ano de 2015 há 31 artigos publicados sobre os espaços abertos públicos (de janeiro a novembro).

AND *open space*. Na base Scielo foram utilizados os descritores praça AND pública nas palavras-chave e no título. Todos os abstracts foram revisados a fim de excluir artigos que porventura não tratavam do espaço aberto público entendido como praça. A escolha de não associar descritores relativos a aspectos psicológicos, como afeto, afetividade ou emoções justificou-se pela necessidade de detectar as tendências das pesquisas sobre praças de maneira ampla, associado ao argumento de que estudos sobre afetividade no referido contexto urbano ainda são pouco explorados⁶.

Foram localizados 48 artigos – 15 nacionais e 33 internacionais, dispostos em seis categorias temáticas na Tabela 1: aspectos do ambiente físico (17 artigos); religião/história/política (6 artigos); sustentabilidade (3 artigos); urbanização e cidades (8 artigos); bem estar físico/ qualidade de vida (4 artigos); e aspectos psicológicos (10 artigos). Os estudos sobre aspectos físicos representam a maioria das pesquisas que versam sobre regeneração urbana, aspectos arquiteturais, revitalização, conforto acústico e térmico, arborização e vegetação, contaminação, efeitos da urbanização sobre espécies de insetos e funcionalidade da praça.

⁶ O uso dos descritores associados aos aspectos psicológicos restringiu demasiadamente a busca de artigos nas bases e não se mostrou produtivo. Isso justifica a opção pelos descritores de caráter amplo, como “praça” e “pública”, por exemplo.

TABELA 1

Categorias temáticas das publicações sobre praças entre 2005 e 2015

Categoria / quantidade de publicações	Temáticas dos Artigos	Áreas de abrangência dos Periódicos	Autores / Ano
Aspectos do ambiente físico 17 publicações	regeneração urbana; aspectos arquiteturais, revitalização, conforto acústico e térmico; arborização; vegetação; contaminação; efeitos da urbanização sobre vespas e abelhas; aspectos de uso da praça	geografia; cidades sustentáveis; energia; gestão urbana; arquitetura e urbanismo; engenharia; ambiente e comportamento humano; investigações florestais	Zanette, Martins & Ribeiro, 2005; Yang & Kang, 2005; Velásquez, 2005; De Angelis, De Angelis Neto, Rodrigues Mota, Scapin, Mano, Schiavon et all, 2005; Silva, Tavares, Paiva & Nogueira, 2008; Lin, 2009; Silva. Lopes & Lopes, 2011; Souza, Ferreira, Mello, Plácido, Santos, Graça et all, 2011; Manini, Marchioro, Colli, Nishi & Guilherme, 2012; Romani, Gimenes, Silva , Pivetta & Batista, 2012; Kramer & Krupek, 2012; Barbini & Ramallete, 2012; 2013; Martinelli, Battisti & Matzarakis, 2014; Escobar, 2014; Freitas, Pinheiro & Abrahão, 2015; Rossi, Anderini, Castellani, Nicolini & Morini, 2015

Religião / História / Política 6 publicações	história de praças; o papel da praça como espaço político; o papel da religião em praça pública	filosofia; ciências sociais; antropologia; geografia política	Lee, 2009; Low, 2009; Menezes, 2009; Cortéz, 2011; Hulsmeyer, Silva, Purificação, Barreto & Rodrigues, 2011; Barthold, 2012
Sustentabilidade 3 publicações	análise de praça pública sob a ótica da sustentabilidade; o valor de áreas verdes em tempos de racionamento de água	engenharia; paisagismo e planejamento urbano	MacDonald, Crossman, Mahmoudi, Taylor, Summers & Boxall, 2010; Vadiatti & Kashkooli, 2011; MacDonald, Crossman, Mahmoudi, Taylor, Summers & Boxall, 2010
Urbanização / Cidades 8 publicações	planejamento urbano; adequação de áreas residenciais em áreas para praças; adequação de praças para usuários de terceira idade; envolvimento do setor privado no redesenho de praças; vida de moradores de rua em praça pública; paisagens históricase especulação imobiliária; praça e turismo cultural	arquitetura, paisagismo, planejamento urbano, geografia política, política urbana, ciências sociais, desenvolvimento local	Turel, Yigit & Altug, 2007; Tang & Wong, 2008; Grose, 2009; Melik, Aalst & Weesep, 2009; Thornton, 2010; Koohsari, Kaczynski, Giles-Corti & Karakiewicz, 2013; Rodriguez, 2010; De Lucca & Pimenta, 2015; Nascimento & Trentim, 2011

Bem estar físico / Qualidade de vida 4 publicações	relação entre praças, caminhada e saúde/doença; qualidade do ambiente e bem estar; proximidade da praça e prática de caminhada	paisagismo e planejamento urbano, geografia, ambiente e comportamento humano, ciências sociais e do comportamento	Nasution & Zahrah, 2012; Koohsari, Karakiewicz & Kaczynski, 2012 ; Edwards, Hooper, Trapp, Bull, Boruff & Corti, 2013;Paquet, Orschulok, Cofee, Howard, Hugo, Taylor, Adams & Daniel, 2013
Aspectos Psicossociais 10 publicações	segregação socioespacial, sociabilidade; preferências ambientais; interação entre design da praça, comportamentos e interações sociais; senso de comunidade; atributos da praça e saúde mental; percepção ambiental; identidade coletiva e cidadania; comportamento de brincar em crianças; lazer e socialização de idosos	sociologia urbana, cidades sustentáveis, psicologia ambiental, ciências sociais e do comportamento, medicina, geografia, arborização ubana, psicologia	Andrade, Jayme & Almeida, 2009; Perovic & Folic, 2012; Francis, Wood, Knuiman & Giles-Corti, 2012; Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiman, 2012; Luz & Kuhnen, 2013; Hajmirsadegui, Shamsuddin & Forougui, 2014; Shi, Gou & Chen, 2014; Viegas, Silva & Elali, 2014; Mitermique, 2014; Rašcović & Decker, 2015

Nota: revisão sistemática realizada pela autora em novembro de 2015. Buscas realizadas nas bases Scielo, Redalyc, Science Direct e Sage. Descritores rastreados nas Palavras-chave: praça AND pública, plaza AND publica, public AND square, espaço AND público, public AND open space

Dentre as publicações nacionais, foram identificados 15 estudos sobre praças, predominantemente ancorados em aspectos arquitetônicos e de vegetação, conforme detalhamento fornecido na Tabela 2. Dois artigos relatam pesquisas em Psicologia Ambiental, um realizado pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC e outro pelo Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ambos os estudos discutem as interações pessoa-ambiente e dissertam, respectivamente, sobre o comportamento de brincar em crianças de seis a doze anos de idade, no espaço de quatro praças públicas de Criciúma – SC (Luz & Kuhnen, 2013), e sobre lazer a socialização de idosos em duas praças de Natal – RN (Viegas, Silva e Elali, 2014).

TABELA 2

Produção Científica nacional sobre praça pública

Temática do artigo	Áreas de Investigação do Periódico	Autor / Ano
Arborização urbana em praças públicas no Bairro da Tijuca, RJ	Ciências Florestais	Freitas, Pinheiro & Abrahão, 2015
Transformação de paisagens históricas e exploração imobiliária: estudo do conjunto arquitetônico da Praça do Congresso em Criciúma - SC	Gestão urbana, estudos urbanos, arquitetura e urbanismo, geografia	De Lucca & Pimenta, 2015
Lazer e socialização de idosos em praças de Natal - RN	Psicologia	Viegas, Silva & Elali, 2014
Uso do espaço público por crianças, comportamento do brincar em praça pública	Psicologia	Luz & Kuhnen, 2013

Aspectos do ambiente: arborização urbana em praças públicas de Guarapuava - PR	Investigações florestais	Kramer & Krupek,2012
Aspectos do ambiente: caracterização da arborização de uma praça em Ribeirão Preto-SP	Investigações florestais	Romani, Gimenes, Silva , Pivetta & Batista,2012
Aspectos do ambiente e saúde pública: associação entre contaminações em praça pública e doenças em crianças usuárias das praças	Veterinária	Manini, Marchioro, Colli, Nishi & Guilherme, 2012
Praça e turismo cultural	Desenvolvimento Local	Nascimento & Trentim, 2011
Aspectos do ambiente e de uso: apropriação da praça, aspectos físicos, aspectos do uso da praça	Engenharia civil e arquitetura	Silva. Lopes & Lopes, 2011
Aspectos do ambiente: arborização urbana em praças públicas em Aracaju - SE	Investigações florestais	Souza, Ferreira, Mello, Plácido, Santos, Graça et all, 2011
Aspectos históricos e culturais de uma praça em Umuarama-PR	Tecnologia	Hulsmeyer, Silva, Purificação, Barreto & Rodrigues, 2011
Espaço público e segregação socioespacial, sociabilidade	Sociologia Urbana	Andrade, Jayme & Almeida, 2009
Aspectos do ambiente: aspectos urbanísticos, vegetação	Ciências vegetais e animais	Silva, Tavares, Paiva & Nogueira, 2008

Aspectos do ambiente: levantamento de aspectos físicos praças em Maringá-PR	Agronomia	De Angelis, De Angelis Neto, Rodrigues Mota, Scapin, Mano, Schiavon et all, 2005
Aspectos do ambiente: efeitos da urbanização sobre espécies de vespas e abelhas no contexto de praças públicas	Paisagismo e planejamento urbano	Zanette, Martins & Ribeiro, 2005

Nota: revisão sistemática realizada pela autora em novembro de 2015.

Foram identificados dez estudos que trataram de aspectos psicossociais associados a atributos físicos do ambiente da praça pública, ou versaram sobre a praça como contexto de ocorrência de fenômenos psicológicos ou comportamentos. Conforme demonstrado na Tabela 3, os temas das pesquisas foram: segregação socioespacial e sociabilidade; preferências ambientais; interação entre design da praça, comportamentos e interações sociais; senso de comunidade; atributos da praça e saúde mental; percepção ambiental; identidade coletiva e cidadania; comportamento de brincar em crianças; e lazer e socialização de idosos. Na busca não foram identificados artigos que tratassem de afetividade relacionada ao espaço público de praças. Isto figurou como um dos fatores que motivou a realização da presente pesquisa, que se propôs conhecer a praça pública por meio das emoções e sentimentos manifestados pelo e no lugar.

TABELA 3

Aspectos psicossociais relacionados ao contexto de praças em estudos nacionais e internacionais

Tema do artigo	Áreas de Investigação do Periódico	País	Autor / Ano
Influência das árvores na percepção ambiental de praças	Arborização urbana	Alemanha	Rašćović & Decker, 2015

Praça como locus de identidade coletiva e cidadania	Geografia	Chile	Miternique, 2014
Relação entre preferências ambientais e espaços abertos públicos limitados por edifícios	Cidades sustentáveis	China	Shi, Gou & Chen, 2014
Lazer e socialização de idosos em praças de Natal - RN	Psicologia	Brasil	Viegas, Silva & Elali, 2014
Estudo da interação entre aspectos do design de uma praça, comportamento, aspectos psicológicos (conforto, segurança, prazer, descoberta) e interação social	Ciências sociais e do comportamento	Irã	Hajmirsadegui, Shamsuddin & Forougui, 2014
Uso do espaço público por crianças e comportamento do brincar em praça pública	Psicologia	Brasil	Luz & Kuhnen, 2013
Associação entre senso de comunidade e qualidade do espaço aberto público	Psicologia ambiental	Austrália	Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiman, 2012
Relação entre atributos do espaço aberto público e saúde mental	Ciências sociais e medicina	Austrália	Francis, Wood, Knuiman & Giles-Corti, 2012
Percepção visual de praça; revitalização e necessidade de inclusão de elementos naturais	Ciências sociais e do comportamento	Servia	Perovic & Folic, 2012

Espaço público,
sociabilidade e
segregação
socioespacial

Sociologia
Urbana

Brasil

Andrade, Jayme
& Almeida,
2009

Nota: revisão sistemática realizada pela autora em novembro de 2015.

Os espaços livres públicos condicionam as formas da cidade e são representados pelos sistemas viários, vias de acesso, estacionamentos, parques urbanos e praças (Silva, Lopes & Lopes, 2011; Mengueti, Rego & Pellegrino, 2004). As praças públicas são distintas de outros aspectos urbanos através da singularidade de sua pavimentação, vegetação e iluminação. Lynch (1960) discorre sobre a importância dos *nodes*⁷ para apoiar a organização perceptual que se tem da cidade, portanto as praças, entendidas aqui como um dos tipos de *nodes*, devem ser percebidas como um todo destacado de seu contexto urbano e possuírem a qualidade de serem inesquecíveis (*unforgettable place*) e inconfundíveis.

Para Lynch (1960), os espaços urbanos captam a atenção das pessoas e passam a fazer parte do mapa cognitivo que têm da cidade quando estes possuem uma identidade que os distingue e os destaca do contexto, ao mesmo tempo em que se relacionam com o observador e o entorno. Além disso, possuem um significado, que denota uma implicação emotiva e/ou funcional para a pessoa. Pode-se pensar que a praça pública contempla as características listadas por Lynch, na medida em que se erige como um elemento organizador do mapa da cidade – tanto o mapa cartográfico quanto o cognitivo. Ademais, a praça pode, além dos aspectos cognitivos e funcionais, congrega memórias, simbolismos e afetividade ao mapa mental que o habitante constrói em suas vivências na cidade.

Ou seja, as cidades e seus lugares são feitos de “vida e idéias” que são representadas nas palavras, nos conceitos, nos símbolos, e os mapas são tentativas de capturar e registrar as representações construídas sobre tais espaços. Os mapas cartográficos localizam pontos, mas são destituídos da vida efervescente da cidade (Hissa &

⁷ Em tradução livre *node* designa um marco, uma intersecção, um ponto de convergência de várias ruas para um espaço ao ar livre que fica delimitado pela própria ausência de marcos e muros (neste caso pode ser uma área verde ou praça) ou destacada por elementos altos como um obelisco ou a torre de uma igreja.

Mello, 2008). A maneira como cada pessoa descreve o “seu” mapa da cidade deixa transparecer não só a organização cognitiva e espacial que tem da cidade, mas também suas preferências, os lugares que lhe são caros, e os marcos que são partilhados pelo grupo social, como é o caso da praça pública.

A qualidade dos ambientes pode influenciar a percepção de segurança do local e encorajar o uso do espaço público (Foster, Knuiman, Wood & Giles-Corti, 2013; Foster, Giles-Corti & Knuiman, 2014; Lapham, Cohen, Han, Williamson, Evenson, McKenzie, Hillier & Ward, 2015; Valera & Guardia, 2014). Nas praças, fatores como conservação, boa iluminação e ausência de pontos cegos permite uma efetiva visualização do espaço aberto e aumentam a sensação de segurança. A presença de mais cidadãos utilizando o espaço público da praça também contribui para a percepção de que o local é seguro, incrementando sua ocupação, que, por sua vez, propicia a prática de atividades físicas, lazer e socialização.

O desenho arquitetônico de algumas praças pode promover a prática de atividade física, principalmente pela presença de boa pavimentação para caminhada, academia ao ar livre e quadra ou campo para jogos recreacionais. Segurança, áreas verdes, estética e manutenção do espaço também são apontados como fatores que influenciam o uso do espaço para atividade física, assim como a proximidade entre a residência e a praça, que facilita o deslocamento até o local (Koohsari, Mavoa, Vallanueva, Sugiyama, Badland, Kaczynki, Owen & Giles-Corti, 2015).

As praças públicas proporcionam espaço para a interação social (Hajmirsadegui, Shamsuddin & Forougui, 2014) e o desenvolvimento de senso de comunidade (Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiman, 2012a); servem como local de descanso e atividade física (Koohsari, Karakiewicz & Kaczynki, 2012) e a presença de elementos naturais, como vegetação, pedras e água, melhoram as condições do lugar, trazendo benefícios para o entorno e para as pessoas (Carrus, Scopelliti, Laforteza, Colangelo, Ferrini, Salbitano, Agrimi, Portoghesi, Semenzato & Sanesi, 2015; Perovic & Folic, 2012; Sugimoto, 2013). A qualidade dos ambientes das praças influencia positivamente a saúde mental das pessoas, o que não implica, necessariamente, frequentá-las: estudos de Francis, Wood, Knuiman e Giles-Corti (2012b) evidenciaram que a simples relação de vizinhança ou proximidade com tais áreas diminuem a ocorrência de ansiedade.

Para além de sua função organizadora do espaço urbano, a praça pública representa a memória da cidade, vinculada a cerimônias

religiosas, atividades comerciais e movimentos políticos e sociais (Lee, 2009; Low, 2009; Cortéz, 2011; Hulsmeyer, Silva, Purificação, Barreto & Rodrigues, 2011; Barthold, 2012) e mesmo que tais aspectos não sejam mais percebidos em alguns centros urbanos, o valor simbólico das praças perdura através de objetos (estátuas, marcos, placas etc.) que demarcam seu papel na história da cidade (Barbini & Ramalhe, 2012).

A paisagem urbana materializa as relações sociais e econômicas, e, ao mesmo que se transmuta, é também cenário de memórias coletivas ou individuais que registram o processo de produção da própria cidade (De Lucca & Pimenta, 2013). A praça pública pode configurar como um vínculo entre o passado e o presente da cidade contemporânea, na medida em que encerra em sua história aspectos relacionados às identidades e subjetividades dos habitantes.

3.4 O lugar nos estudos pessoa-ambiente

O processo de urbanização influencia e é influenciado pelo modo de vida das pessoas, ao passo que a concretude das cidades é a projeção das relações sociais (Lefebvre, 2001). Portanto a cidade e suas ruas, bairros, praças e edificações, possui uma atmosfera que lhes é própria e que extrapola o planejamento urbano e a geografia, já que revela identidades e discursos de pessoas que ali habitam e circulam: são as experiências dos habitantes na cidade que definem o que é espaço e o que é lugar.

Para entender a relação entre as pessoas e os lugares, é necessário atentar para as especificidades dos termos “espaço” e “lugar” empregados nos estudos pessoa-ambiente. O espaço denota amplitude, movimento e liberdade, e se remete ao aspecto físico, à concretude, às dimensões e delimitações de uma área: o espaço pode conter objetos inanimados, seres vivos, e todo tipo de matéria; e pode ser identificado a partir de uma referência espacial. Portanto o espaço pode ser medido entre dois pontos, dois objetos, criando distâncias e delimitações. Já a constituição de lugar pode demandar pouco ou mais tempo, e, ao contrário da noção de espaço que denota movimento, o lugar é compreendido como pausa, porque implica relação e vínculo (Cavalcante & Nobrega, 2011; Tuan, 1983).

As cidades podem assumir a condição de lugar, e também podem conter infinitos lugares distinguidos por pessoas ou por grupos: há “[...] cidades interiores, riscadas e desenhadas pelos indivíduos que escrevem, com a sua vivência, a sua própria cidade” (Hissa & Mello, 2008, p.296). O lugar é o espaço vivido e sentido, onde inscrevem-se

histórias. Parte-se do entendimento de que os lugares são constituídos na relação das pessoas com os espaços, por meio dos sentidos e significados a eles atribuídos e que extrapolam suas propriedades objetivas. Se o lugar é produção humana, logo é construção incessante, que revela a tensão entre as pausas e os movimentos inerentes à vida urbana, pois “[...] mesmo movimentando-se, a maioria dos homens encontra-se em um lugar. Ali, no lugar, a existência dos homens adquire o sentido da vida” (Hissa & Corgosinho, 2006, p. 12).

A praça pública convida o habitante para a pausa e para o movimento, para o sentar na grama e para ser usada como atalho no centro da cidade. Por conta disso figura como bom exemplo quando se pensa o lugar como produção humana, cujos ritmos e fluxos não retiram sua condição de existência enquanto lugar (Hissa & Corgosinho, 2006), já que não é a ausência do movimento que o define: o lugar desvela-se nas relações das pessoas com o espaço concreto, e é um processo de construção social e histórica.

A cidade, se entendida como “casa”, como lugar onde se habita, possui sentidos e significados que constituem subjetividades e ao mesmo tempo são produto de estas. Portanto, extrapola-se o conceito geográfico de cidade, para pensa-la como “[...] símbolo complexo e inesgotável da existência humana” (Fonseca, 2003, p.256). Na cidade estão inscritas as memórias do habitante e de seus grupos sociais, e é nela onde se tecem os vínculos entre pessoas e lugares.

Nas pesquisas em Psicologia Ambiental, há uma variedade de termos que referenciam os vínculos entre pessoas e lugares. As expressões possuem algumas variações nas definições ou no referencial epistemológico, mas todas, sem exceção, tratam de vínculos com os lugares, sejam estes ambientes naturais ou construídos. Pode-se citar alguns exemplos, como: enraizamento, pertencimento, apropriação, senso de lugar, filiação, dependência, identidade - elencados por Giuliani (2003); sentimento de comunidade (Lima & Bomfim, 2009), senso de comunidade (Bow & Buys, 2003), afetividade na cidade (Bomfim, 2010), e apego ao lugar (Giuliani, 2003, 2004; Giuliani & Feldman, 1993; Hidalgo & Hernández, 2001; Milligan, 1998; Scannel & Gifford, 2010).

Os laços afetivos com os lugares qualificam, positiva ou negativamente, as experiências de vida das pessoas de forma individual e particular, além de marcarem as vivências de grupos humanos inteiros (Giuliani, 2004) – neste último caso pode-se pensar, como exemplo, a relação dos judeus com o território do Estado de Israel. Os espaços físicos assumem relevância histórica na vida dos indivíduos, pois

servem como representações concretas de eventos da vida, e permitem às pessoas compararem presente e passado através das lembranças associadas aos lugares (Twigger-Roos & Uzzel, 1996).

A vinculação afetiva em relação a um entorno específico gera um sentimento de identidade grupal (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace & Hess, 2007; Twigger-Ross & Uzzel, 1996) cuja referência espacial supera seu caráter físico e assume uma dimensão social (Elali, 2013; Pol & Valera, 1999) perpassada por valores e simbologias (Kuhnen, 2009). Há um movimento dialógico entre os processos de identificação com os lugares, os significados atribuídos a eles e as relações de afeto que alimentam e são alimentadas por tal identificação. Portanto a interação com os espaços não representa simples ocupação corporal, mas é, sobretudo, um processo ativo de atribuição de sentidos (Ponte, Bomfim & Pascual, 2009).

Os afetos pelos lugares dão tonalidade às experiências de vida das pessoas, e fazem parte da constituição da identidade de lugar nos indivíduos (Giuliani, 2003, 2004). Além disso, a constituição de espaços em lugares demanda mais do que apenas familiaridade: ela também implica o sentimento de estar entre pares, de sentir-se seguro e de ter experiências sociais partilhadas (Sawaia, 1995).

3.5 Afetividade como categoria de análise da relação do habitante com a praça pública

A experiência de tornar um espaço em lugar pode ser mediada pela afetividade, que compreende emoções e sentimentos, e orienta a maneira como os indivíduos habitam, circulam e sentem a cidade. Por emoções, entende-se como o afeto que irrompe e altera o fluxo da conduta normal do indivíduo, cujas modificações de ordem neurofisiológica e bioquímica manifestam-se no corpo. As emoções são provocadas por objetos ou situações específicas e são momentâneos, como por exemplo, o medo e a cólera.

Os sentimentos, por sua vez, são as emoções matizadas pela cultura, que são submetidas aos processos cognitivos, e podem ser duradouros (Poncela, 2011). O sentimento não necessariamente refere-se a coisas específicas: ele é o “[...]tom emocional que caracteriza como me coloco no mundo”(Sawaia, 2000a, p.15). Como exemplo, a cólera pode ser uma emoção momentânea, enquanto o sentimento de cólera pode delinear as relações que uma pessoa estabelece ao longo da vida, caracterizando-a como uma pessoa colérica ou exaltada.

A natureza da experiência humana – entendida como social e histórico cultural – dá o contorno das reações emocionais, de forma que estímulos e sensações associam-se para originar as emoções. Após a reação emocional, segue-se a “[...] sensação da emoção em relação ao objeto que a desencadeou, a percepção da relação entre objeto e estado emocional do corpo” (Damásio, 2012, p.130).

Portanto, *sentir* os estados emocionais e ter consciência deles permite que as respostas às emoções sejam ajustadas às histórias pessoais de interação com o ambiente – o que significa dizer que os sentimentos proporcionam algo extra, se comparados às emoções. Para Damásio (2012), as emoções se desenvolvem tanto nas estruturas subcorticais – mais primitivas – quanto nas estruturas neocorticais do cérebro, e os sentimentos, por sua vez, são “[...] tão cognitivos como qualquer outra imagem perceptual e tão dependentes do córtex cerebral como qualquer outra imagem” (p. 151). Nessa perspectiva, os sentimentos não se descolam do que se entende como cognição, já que ambos partem das mesmas estruturas cerebrais.

Ora, se sentir também é uma forma de conhecer, a compreensão dos sentimentos que se nutre pelos espaços da cidade, permite que se apreenda o que é a cidade para o habitante. Conhecer a cidade através do sentir evidencia sua imbricação com os corpos:

A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço-movimento, afeto-ação. A cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito na vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo. (Hissa & Nogueira, 2013, p.56)

Neste mesmo sentido é que Tuan (1983) refere-se à relação entre os corpos e os espaços, já que a gênese do lugar é um processo que pressupõe percepções e afecções, ao passo que o “[...] sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (p. 203). As experiências prático-sensíveis que emergem da relação afetiva corpo-cidade e corpo-praça inscrevem-se nas subjetividades e lapidam a identificação do habitante com o lugar.

Esta pesquisa se inspira na definição espinosana dos afetos como “[...] as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções (Espinosa, 1992, p. 267). Em sua definição introdutória em *Ética III*, Espinosa dá o tom de sua exposição: os afetos são atribuídos tanto ao corpo quanto à alma. As afecções alteram a potência

de agir do corpo e as ideias destas afecções alteram a potência de agir da alma – logo, afetam o pensar (Gleizer, 2005).

Na concepção espinosana, os afetos sobrevivem nas relações estabelecidas com outros corpos e com o mundo. Estes encontros provocam modificações nas capacidades dos corpos para a ação e impelem o pensamento a novas direções, que podem variar positiva ou negativamente. Logo, há afecções boas, que aumentam a potência de agir, e constituem a alegria; e afecções más, que diminuem a potência de agir e compõem a tristeza. Portanto, para Espinosa, a alegria e a tristeza dão as nuances afetivas das experiências humanas (Espinosa, 1992; Gleizer, 2005; Sawaia, 2000a). Ademais, não há inferência de causalidade na relação mente e corpo, como por exemplo, sugerir que as emoções “começam” no corpo e afetam a mente – ambos estão em igualdade de potência, que se manifesta tanto psíquica como fisicamente.

A afetividade transita entre o que é da ordem concreta e objetiva e o que é da esfera subjetiva, entrelaçando, de maneira indissociável, a mente e o coração, a razão e a emoção. São indivíduos de carne e osso, cujas emoções são biológicas, sociais e situacionais, e entrecruzam o individual e o coletivo, bem como o que é cotidiano e o que é histórico. Sawaia, inspirada em Vygotsky, vai mais além ao apontar para a indissolubilidade entre mente, corpo e sociedade: o biológico, o social e o psicológico encontram-se nos significados, e, portanto, a compreensão dos afetos deve incluir os significados partilhados socialmente, mas, sobretudo aqueles assentados na história individual das pessoas (Sawaia, 2000b). Logo, é preciso superar a dicotomia entre razão e emoção, e compreender emoções, sentimentos, linguagem e pensamento como mediadores das ações humanas (Bomfim, 2010).

Sentir é estar envolvido, implicado em algo que pode ser outra pessoa, um conceito, um processo, uma situação ou até outro sentimento. Tal implicação pode ser positiva ou negativa, ativa ou reativa, direta ou indireta. A implicação se dá quando o indivíduo relaciona a informação a si mesmo, e quanto mais ampla for a rede de integrações que faz em relação à informação, mais amplas as possibilidades de envolvimento e identificação (Heller, 2009). Ela ocorre em vários níveis, como por exemplo: posso me importar apenas com a árvore em frente a minha casa, mas não me incomodar com as notícias sobre desmatamento; ou sentir-me afetado com o debate sobre reflorestamento e crer que isso sempre me diz respeito.

Estar interessado ou implicado é fator constitutivo da própria ação e do pensar – e pode variar, segundo Heller (2009), de total

indiferença até total implicação, cuja intensidade é modulada por limites biológicos e sociais. Ou seja, a magnitude e a forma da manifestação dos sentimentos são regulados social e culturalmente. Os pensamentos são implicações: quando se pensa sobre algo, ou se tenta entender um significado, ou busca-se a solução de um problema há envolvimento, logo, há sentimento. Tanto para Heller(2009), como para Espinosa (1992) e Damásio (2012), o sentir está integrado ao pensar.

Há sentimentos que, ao contrário daqueles determinados por necessidades biológicas, são tecidos nas experiências cotidianas, e são chamados de orientativos. Quanto mais experiências de vida, maior o papel dos sentimentos orientativos, que podem ser afirmativos ou negativos, e balizam preferências, predisposições, ações, pensamentos, julgamentos e até relações interpessoais (Heller, 2009). Partindo desta afirmação de Heller é que Bomfim (2010) propõe que a afetividade na cidade não é apenas vínculo do habitante com o lugar, mas abarca “[...]todos os sentimentos e emoções que, em seu conjunto, demandam disposições afirmativas ou negativas [...]que configuram uma afetividade em relação ao espaço construído e vivido”(p.55).

A forma como se dá a implicação com os espaços da cidade indica as ações de seus habitantes em relação a esses entornos, traduzindo-se (ou não) em ética e cidadania na cidade (Bomfim, 2010). Tal ética pode ser exprimida por meio de comprometimento social e senso de coletividade que intensificam a potência de existir dos cidadãos, e, se é ética, potencializa o cuidado de si e do outro e vai na contramão da segregação – são os bons encontros *com* e *na* cidade, enquanto espaço da alteridade e do conviver. A cidadania manifesta-se quando o habitante ultrapassa a condição de pessoa que apenas “usa” a cidade, e passa a olhar para fora de si, para fora do limite do privado e do individual. Assumindo esta condição, o habitante da cidade encontra-se com o que é coletivo e de interesse público – sua atuação é balizada pela reflexão que considera as consequências de suas ações (Ferrara, 1996).

Finalmente, a afetividade na cidade revela-se na estima pelo lugar e por conta disso é que a recuperação/revitalização dos espaços da cidade pode ser catalizadora de processos de (re)apropriação, quando congrega o antigo e o novo, o histórico e o moderno, a memória do lugar e aquilo que aponta para o futuro. Tal estima assinala uma nova forma de ocupação das ruas, praças, parques, que respeita o passado da cidade mas não denota retorno “ao que era” – ela relaciona-se com evolução e com a retomada da cidade com maior potência de agir e existir.

4. Método

4.1 Delineamento da pesquisa

Esta é uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa (Gil, 1991; Hernández; Fernández y Baptista, 2006) e corte transversal, pois analisa um recorte temporal específico na vida dos participantes e a praça pública estudada. Optou-se pelo método de estudo de caso, que obtém dados através de variados procedimentos de coleta (Creswell, 2010), e cujo caráter idiográfico permite o aprofundamento da informação acerca do objeto, bem como origem de novas perguntas durante o processo de coleta (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012).

A opção pelo estudo de caso que utiliza múltiplos procedimentos de coleta está em concordância com pressuposto epistemológico da complexidade. Também está de acordo com as estratégias utilizadas pela Psicologia Ambiental, cuja abordagem multimétodos articula diferentes estratégias de pesquisa, que buscam uma averiguação mais ampla das interações pessoa-ambiente (Gunther, Elali & Pinheiro, 2004; Rivlin, 2003). Os resultados produzidos por diferentes métodos, técnicas e instrumentos permitem a confrontação, complementação e/ou diálogo entre dados obtidos, proporcionando maior riqueza na discussão dos achados da pesquisa.

Foram empregados os métodos observacional e de entrevista – na tentativa de compreender a inter-relação praça-habitante de forma contextualizada e integradora. A etapa preliminar da pesquisa foi composta por observação assistemática e conversa com informantes, registrados em diário de campo. Na etapa descritiva foi utilizado o instrumento de mapeamento comportamental e entrevistas semi-

TABELA 4

Objetivos específicos, instrumentos e análise dos dados

Objetivos Específicos	Questões Norteadoras	Instrumentos	Análise
Descrever aspectos de uso da praça central	Foco no ambiente com as pessoas	Mapeamento Comportamental (MC)	Análise estatística de ocupação e uso da praça
Clarificar a afetividade dos habitantes frequentadores da praça	Foco nas pessoas no ambiente	Entrevista semiestruturada	Análise de conteúdo: categorias estabelecidas pela literatura e categorias emergentes nas entrevistas
Compreender a inter-relação entre os atributos do ambiente físico e a afetividade	Foco na interação entre pessoas e ambiente	Entrevista + MC	Diálogo entre dados do mapeamento e dados da entrevista

4.2 Contexto de pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Campos Novos, na microrregião do Planalto Sul do estado de Santa Catarina. O município possui 35.054 habitantes, e o perímetro urbano, cuja área é de 17,08 km², possui nove praças⁸. A Praça Lauro Müller (Figura 1) é a praça central, fundada em 1920, e foi o ambiente selecionado para o presente estudo em Psicologia Ambiental.

⁸ Informações do site oficial da Prefeitura Municipal de Campos Novos, disponível em: <http://www.camposnovos.sc.gov.br/>



FIGURA 1

Fonte de água da Praça Lauro Müller.

Fonte: Prefeitura Municipal de Campos Novos

Para descrever a praça pública estudada, foram contatados informantes qualificados a fim de que fornecessem dados a respeito do ambiente selecionado para o estudo. Estes informantes representam perspectivas específicas que contribuem para o entendimento do contexto de pesquisa. A consulta de informantes ou “especialistas” aproxima-se da técnica de painel de especialistas discutido por Pinheiro, Farias e Abe-Lima (2013), que propõem que pessoas envolvidas com a situação investigada ou com as condições ambientais estudadas “[...] merecem ser ouvidas, justamente por causa dessa sua ‘especialidade’” (p.187), sem que haja a intenção de que tais falas aludam conclusões ou verdades absolutas.

O primeiro informante selecionado foi o gestor público responsável pela reforma da praça. Este indicou uma representante da Secretaria Municipal de Educação, que por sua vez indicou o Delegado de Polícia Civil. O contato com os três informantes foi em caráter exploratório, registrado em diário de campo, no mês de julho de 2014. Os dados dos informantes compõem a descrição do contexto de pesquisa que segue abaixo.

No mês de novembro de 2011 o município de Campos Novos foi atingido por um forte vendaval que arrancou as árvores e causou grandes estragos na praça quase centenária. A Figura 2 retrata o aspecto da vegetação e pavimentação da antiga praça. O processo de recuperação e reconstrução das áreas destruídas e revitalização de áreas

antigas que restaram após o vendaval durou um ano, e a praça foi reinaugurada no mês de novembro de 2012. A Figura 3 evidencia o período de reconstrução do local e as poucas árvores que sobreviveram aos fortes ventos, e a Figura 4 mostra a praça com a configuração atual.

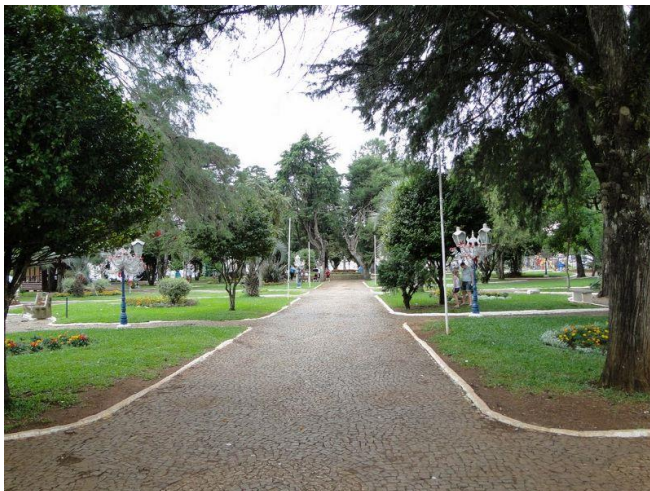


FIGURA 2

Praça antiga. Fonte: Prefeitura Municipal de Campos Novos



FIGURA 3

Praça durante a reforma em 2012.

Fonte: Prefeitura Municipal de Campos Novos



FIGURA 4

Praça em 2014. Fonte: acervo da pesquisadora

Atualmente o local possui características arquitetônicas⁹ que propiciam lazer, atividade física e descanso. Além dos aspectos arquitetônicos, o interesse de pesquisa também se deu em função da mudança do comportamento da comunidade em relação à praça. O presente estudo não pretendeu realizar análise comparativa entre o antes e o depois da reforma, mas vale assinalar que a modificação arquitetônica promoveu alteração no público que frequentava a praça. Segundo informações do Delegado de Polícia Civil, a antiga praça, por ausência de boa iluminação e grande quantidade de árvores de grande porte e arbustos, favorecia a presença de usuários de drogas lícitas e ilícitas nas áreas de penumbra, sobretudo no período da noite. Segundo o Delegado, isso pode ter sido um dos fatores que inibiam a presença de um público mais amplo e heterogêneo¹⁰ na praça central. A Figura 5 mostra a iluminação atual da área central da praça.

⁹ Jardins, fonte de água, bancos, mesas para jogos, parque infantil, campo de areia para prática de esportes, aparelhos de ginástica ao ar livre, palco e área livre para eventos.

¹⁰ Por “heterogêneo” o informante refere-se a pessoas de várias idades, classes sociais e grupos, em contraponto ao público dos usuários de drogas, que seria um público específico.



FIGURA 5

Iluminação Noturna, ano de 2015. Fonte: acervo da pesquisadora

O projeto de reconstrução da praça respeitou o antigo desenho, mantendo o parquinho infantil, o campinho e a fonte de água nos mesmos lugares. Foram feitos alargamentos em todas as vias de acesso e a criação de uma grande área pavimentada anexa ao palco de eventos. As árvores centenárias foram substituídas por canteiros de flores e novas árvores que ainda estão baixas e não geram sombra. A iluminação noturna, segundo o ponto de vista do gestor público responsável pela obra, foi um dos fatores que contribuíram para a segurança no local, e motivou as famílias a visitarem a praça no período da noite. O gestor acrescenta que, por sua vez, “quanto mais gente da comunidade for lá [na praça] mais segura ela fica” (sic). O gestor justificou que a substituição dos caramanchões por pergolados e árvores jovens, apesar de diminuir a área de sombra durante o dia, também foi importante para que a praça deixasse de ser ponto de uso de droga - segundo ele, não há mais pontos cegos que facilitem esta prática.

Um ponto destacado pela representante da Secretaria de Educação foi que a nova configuração da praça atraiu as pessoas através da estética dos jardins. Relatou que após a inauguração alguns habitantes sentiram-se motivados a plantar mudas de flores que tinham em suas casas em alguns canteiros da praça. Também salientou a acessibilidade da pavimentação da praça como fator positivo para a presença de cuidadores com carrinhos de bebê, cadeirantes e idosos com

dificuldade para locomover-se (o antigo pavimento era de pedra portuguesa).

Para possibilitar a operacionalização da pesquisa, a praça foi dividida em 13 setores, que serão especificados na seção 4.5.1.

4.3 Considerações éticas

O estudo foi realizado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, previstas pela Resolução 466/2012/CNS do Ministério da Saúde. Após autorização do departamento municipal responsável pela praça pública selecionada para o estudo (Anexo 1), o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina – Parecer Consubstanciado nº 1.057.145 (Anexo 2).

A autorização para a etapa observacional da coleta (mapeamento comportamental) foi concedida apenas pela autoridade pública. De acordo com Pinheiro, Elali e Fernandes (2004), o consentimento para realização de mapeamento comportamental com foco em áreas públicas, sem contato direto com as pessoas no local, restringe-se ao órgão responsável.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos participantes da entrevista, através do qual deram sua anuência mediante assinatura do documento (Apêndice 1). Levaram-se em conta os benefícios e riscos envolvidos na pesquisa com pessoas, portanto os participantes foram informados da possibilidade de solicitar seu desligamento da pesquisa a qualquer tempo caso sentissem algum desconforto psicológico ou constrangimento relacionado à entrevista. Todos estes esclarecimentos constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.4 Participantes da etapa de entrevistas

A escolha dos participantes para a entrevista foi do tipo intencional, não-probabilístico, seguindo os seguintes critérios de inclusão:

- a) Residir no município há pelo menos seis meses da data da entrevista;
- b) O participante considerar-se um frequentador da praça, mesmo que eventual;
- c) Ser maior de 18 anos para assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta dos dados da entrevista foi organizada de forma que os participantes foram abordados na praça pública, em horários distribuídos nos períodos de manhã, tarde e noite, em dias úteis da semana e fim de semana, no mês de junho de 2015. Foram entrevistadas 14 pessoas, cuja faixa etária variou entre 18 e 85 anos, sendo nove do sexo feminino e cinco do sexo masculino. As entrevistas foram realizadas até que apresentassem a saturação ou redundância de informações (Alves, 1991). O número de participantes da entrevista foi baseado em estudos que evidenciaram que, em amostras não probabilísticas, os dados começam a ser delineados na 6ª entrevista e a saturação teórica na 12ª entrevista (Francis, Johnston, Robertson, Glidewell, Entwistle, Eccles, & Grimshaw, 2010; Guest, Bunce & Jonhson, 2006).

4.5 Estratégias da coleta de dados: instrumentos e procedimentos

4.5.1 Etapa com foco no ambiente: mapeamento comportamental

A etapa com foco no ambiente atendeu ao primeiro objetivo específico de caracterizar o contexto físico e de uso da praça, por meio de observação naturalista dos comportamentos dos frequentadores do local, na maneira como ocorrem ordinariamente (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012), e o instrumento utilizado foi o Mapeamento Comportamental, cujo resultado ilustra uma semana típica de uso da Praça Lauro Müller.

O mapeamento comportamental (MC) é um documento de base empírica, produto da observação (Marušić & Marušić, 2012; Sommer & Sommer, 2002), cuja representação gráfica do uso e ocupação do espaço permite a associação entre os atributos físicos do ambiente e os comportamentos que nele ocorrem. O MC constitui-se em importante ferramenta de análise do comportamento em ambientes construídos (Cosco, Moore & Islam, 2010). A complexidade do MC varia de acordo com os objetivos da pesquisa, que pode contemplar o que ocorre em um espaço específico – comportamentos *versus* localização (Pinheiro, Elali & Fernandes, 2008) até formas mais complexas de mapeamento que englobam comportamentos, gênero e idade aproximada das pessoas observadas, período do dia, período da semana em que a ocupação do espaço ocorre, direções de deslocamento e até condições climáticas.

A construção do instrumento de MC implica em observações preliminares que definam claramente o que será registrado, o mapa da área, e o cronograma das observações, a fim de que se crie um sistema de apontamento, codificação e análise dos dados. Além de observações, a elaboração do MC pode contar, por exemplo, com entrevistas, pesquisa em bancos de dados ou conversas com informantes (Marušić & Marušić, 2012).

Nesta pesquisa, a construção do protocolo de observação do MC contou com uma etapa preliminar composta por: a) informações fornecidas pelo gestor público responsável pelo processo de reconstrução da praça; b) observações preliminares da praça, registradas em diário de campo; e c) desenho da planta baixa do local fornecido pela Prefeitura, conforme Figura 6.

As observações assistemáticas da praça na fase exploratória levaram em conta: a) os comportamentos das pessoas no ambiente da praça, para estabelecer as categorias comportamentais; b) o estudo da divisão da praça em setores e o tempo necessário para completar o circuito de caminhada entre um setor e outro; e c) adequação dos postos de observação em cada setor.



FIGURA 6
Desenho da praça. Fonte: Prefeitura Municipal de Campos Novos

O protocolo de observação que compõe o instrumento de mapeamento foi baseado nas categorias: comportamento, tempo e localização, e os setores do mapa foram divididos de acordo com as “unidades prováveis de comportamento” (Pinheiro, Elali & Fernandes,

2004; Raymundo, Kuhnen & Soares, 2011). A Praça Lauro Müller possui setores planejados que diferenciam-se de acordo com o uso. O instrumento foi composto pelo mapa com a demarcação dos setores e uma ficha de observação, com tabela de dupla entrada para registrar o número de pessoas por setor e o comportamento. A divisão do mapa do teste piloto foi baseada na análise do desenho da Figura 6 – e o primeiro teste do protocolo demonstrou que o número de setores era inadequado (oito setores), pois alguns deles eram muito grandes, com pontos cegos, o que impossibilitava o registro apropriado das observações.

O mapa foi novamente dividido e testado, tendo sua forma final com 13 setores que levaram em conta: a possibilidade de observação sem pontos cegos e a correta contagem de pessoas por área. Os setores foram listados conforme demonstra a Tabela 5 e a nomeação considerou características do espaço físico e/ou nomes indicados no desenho já apresentado na Figura 6.

TABELA 5

Setores da praça no MC

1.	Bancos e pergolado
2.	Piso livre
3.	Banheiros e bancos
4.	Bancos e pergolado
5.	Fonte de água central (chafariz)
6.	Bancos com vista para igreja
7.	Parque infantil
8.	Praça Padre Quintilio
9.	Campinho
10.	Ginástica pública
11.	Bancos no “monumento”
12.	Praça das Borboletas
13.	Bancos e mesas para jogos

Fonte: autora

A Figura 7 mostra o croqui utilizado no protocolo, os setores numerados e os postos de observação – note que as flechas azuis indicam a direção do olhar do observador ao fazer o registro. Não foram realizados apontamentos diretamente no mapa – este serviu apenas como guia da delimitação de cada área, seu respectivo posto de observação e a sequência rigorosa do percurso do observador pela praça.

que ilustra a perspectiva de observação da ginástica pública. O Apêndice 4 apresenta o registro fotográfico das perspectivas de cada posto de observação na praça.



FIGURA 8

Perspectiva do posto de observação da Ginástica Pública. Fonte: acervo da pesquisadora

A numeração dos setores levou em consideração a caminhada do observador, e sua sequência também foi testada de forma a diminuir o tempo de deslocamento entre os postos. O tempo dispendido para preencher o MC com os 13 setores foi de, em média, 20 minutos. As observações foram realizadas com intervalos de uma hora, entre 08h00min e 19h00min, de domingo a sábado, completando todos os horários e dias da semana. Foram registrados 84 mapas com 13 setores, totalizando 1082 observações ou “instantes congelados no tempo”.

A versão piloto do MC foi testada com intervalos de 30 minutos e percebeu-se que as atividades e ocupações por setor repetiam-se dentro do intervalo, tornando a observação a cada 30 minutos redundante. Portanto, para capturar diferentes padrões de uso ao longo do dia, ajustou-se o MC para intervalos de uma hora.

O teste de concordância buscou a fidedignidade do instrumento: os observadores devem estar de acordo com o conjunto de categorias comportamentais em pelo menos 80% das observações (Creswell, 2010), ou seja – divide-se o número de vezes que concordaram pelo número de total de observações feitas para se chegar ao percentual de concordância. Após treino de aplicação do protocolo do MC o índice de concordância entre os dois observadores foi de 87,5%. Para dirimir quaisquer dúvidas, foi anexado junto ao protocolo de observação um

campo com breve descrição das categorias comportamentais – a descrição foi elaborada e acordada entre os observadores para aumentar a confiabilidade do MC.

4.5.2 Etapa com foco nas pessoas: entrevistas semiestruturadas

Para atender aos objetivos de caracterizar e compreender a vinculação afetiva dos habitantes com a praça, a segunda etapa da pesquisa fez uso de entrevista semiestruturada. A construção das perguntas da entrevista foi guiada pelos objetivos específicos do estudo e pelo trabalho de Bomfim (2010) sobre afetividade na cidade, e teve os seguintes aspectos norteadores: aspectos de uso; aspectos sociais; aspectos afetivos; atributos do ambiente físico; engajamento/participação cidadã; e simbolismos e significados. A fim de checar a clareza da linguagem, e adequação das perguntas, a entrevista passou pelo crivo de seis avaliadores, dentre eles: três doutorandos, dois mestrandos e um graduando, todos membros do Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC.

A elaboração das perguntas considerou aspectos que concorrem na formação de vínculos afetivos com os lugares. Os processos interacionais dos indivíduos contribuem para tais vínculos, ou seja, os significados e afetos atribuídos a um local podem derivar das relações sociais que ali ocorrem (Milligan, 1998). Portanto, a afetividade manifestada por lugares pode extrapolar ou não se relacionar com as características físicas ou atributos do lugar, o que significa que vínculos sociais podem ser a fonte primária da formação do vínculo com o lugar (Kyle, Graeff & Manning, 2005). Isto foi considerado na construção das perguntas da entrevista, na tentativa de diferenciar a afetividade relacionada ao ambiente físico da afetividade proveniente das interações sociais. A pergunta que estimulou o entrevistado a responder a primeira coisa que lhe vinha à mente foi: “quando vem a praça o que mais gosta é...”. As respostas variaram entre aspectos relacionados ao ambiente físico da praça, atividades realizadas na praça, como ginástica ou descanso, e encontros e socialização.

Para saturar as informações fornecidas dentro da própria fala do entrevistado, utilizou-se de perguntas com a mesma finalidade, como por exemplo: “como você se sente quando está aqui?” seguidas de “se fosse resumir seus sentimentos em relação à praça, com que palavras você resumiria?”. O caráter redundante das perguntas auxiliou, neste exemplo, o levantamento acerca dos sentimentos e emoções pelo lugar e

no lugar. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Nos casos em que o entrevistado forneceu mais informações após o término da entrevista com o uso de gravador, as falas foram registradas em diário de campo. O roteiro que norteou a entrevista está exposto no Apêndice 5.

4.6 Análise dos dados

Os dados do MC foram organizados e analisados por meio de estatística descritiva, e dispostos em tabelas e gráficos que ilustram a semana típica de uso da praça: a disposição dos frequentadores nos diversos setores forneceram pistas comportamentais dos lugares e atividades preferidas. As entrevistas foram analisadas com base na análise de conteúdo de caráter qualitativo, que considera a singularidade das expressões, as condições de sua produção e seus objetivos na comunicação.

As inferências da análise foram feitas em função da presença dos temas, até mesmo em temas com menor frequência de aparição na fala dos entrevistados (Bardin, 1977; Moraes, 1999) e a codificação combinou códigos predeterminados com códigos emergentes (Creswell, 2010). Como a construção da entrevista semi-estruturada foi balizada pelos objetivos específicos de pesquisa e pela literatura, a codificação inicial do conteúdo das entrevistas foi “baseada em conceitos” (Gibbs, 2009), e foi ajustada ao longo do processo análise, permitindo a emergência de novos elementos ajuste de categorias e subcategorias pré-definidas.

O primeiro passo foi a “leitura flutuante” das entrevistas (Bardin, 1977, p. 96), seguida de anotações de impressões no próprio documento da transcrição das entrevistas. O tema foi utilizado como unidade de registro, composta por frases completas e trechos de frases cujas proposições possuem sentido mesmo quando “isoladas”. Os temas foram localizados no texto à medida que as categorias pré-estabelecidas serviram de guia para a leitura. Segmentos de fala relevantes para a discussão dos objetivos de pesquisa que não se enquadraram nas categorias prévias representaram elementos de análise emergentes dos dados.

A análise do conteúdo (Bardin, 1977; Moraes, 1999) das entrevistas teve como categorias prévias os elementos que compõem a afetividade apontados pela literatura: emoções/sentimentos, cognição, percepção e orientação do espaço, afetividade como elemento orientador das condutas de ética e cidadania (Bomfim, 2008), significados/sentidos

atribuídos (Ponte, Bomfim & Pascual, 2009), identidade de lugar (Giuliani, 2003, 2004), e identidade grupal (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace & Hess, 2007; Twigger-Ross & Uzzel, 1996). Após leitura exaustiva das transcrições das entrevistas, identificação dos elementos de análise, e descarte de algumas categorias prévias, alcançou-se o ajuste e organização das categorias estabelecidas para este estudo, apontadas na seção 5.2.2 a seguir.

Finalmente, estabeleceu-se um diálogo entre os dados da entrevista e do MC, no intento de responder ao terceiro e último objetivo específico, de compreender a inter-relação entre os atributos do ambiente físico e a afetividade. A convergência de várias fontes de dados e perspectivas dos participantes apoiou a validação do estudo (Creswell, 2010), e ampliação da compreensão da afetividade na cidade, em particular, àquela direcionada ao ambiente da praça pública.

5. Resultados

5.1 Mapeamento Comportamental

O protocolo de mapeamento comportamental foi dividido em tabela de dupla entrada, com os setores da praça no eixo horizontal e as categorias comportamentais listadas no eixo vertical à esquerda. Para apreensão dos comportamentos, foram elencadas as categorias que seguem descritas a seguir:

Atividade física: uso do setor para realização de ginástica, corrida, alongamento, prática de esporte (jogos). Foi considerada como atividade física a prática de caminhada no perímetro da praça, cujo ritmo de marcha é constante, sem paradas, e que não se enquadra nem na categoria de “travessia”, nem na de “caminhada na praça”.

Sozinho e sentado em banco: permanecer sentado em banco, sem companhia de pessoas.

Sozinho em pé: permanecer em pé, parado no setor, sem companhia de pessoas.

Adulto acompanhando criança: acompanhar, cuidar, assistir criança. Esta categoria deve excluir os comportamentos “reunião de pessoas” e “brincar”.

Brincar: ato de brincar, e pode ser realizada por criança e/ou adulto. Deve excluir a possibilidade de ser “atividade física” e de “adulto acompanhando criança”.

Reunião de pessoas: dupla ou grupo de pessoas em pé, sentadas ou passeando; pessoas paradas no mesmo setor e visivelmente pertencentes ao mesmo grupo. Dupla ou grupo conversando, socializando. Inclui adultos, adolescentes e crianças. Deve excluir a categoria “adulto acompanhando criança” e “travessia”.

Caminhada na praça: caminhada pelo espaço da praça cujo ritmo de marcha é mais lento que o utilizado em “atividade física”; passear, perambular, *leisure pace*¹¹ (Ngesan & Zubir, 2015). Comportamento realizado sem companhia de pessoas. Deve excluir o comportamento de “reunião de pessoas”, “atividade física” e de “travessia”.

Cruzar a praça/ travessia: usar praça como caminho para deslocar-se na cidade, usar a praça como travessia, passagem. A travessia poder realizada individualmente ou em grupo, e deve excluir a

¹¹ Tradução livre: passada de lazer, caminhada de lazer.

possibilidade de ser “atividade física”, “caminhada na praça” e “reunião de pessoas” que estejam passeando.

Os resultados do MC permitiram a apreensão ampla do que ocorre no local, de forma a retratar uma semana típica de uso (Pinheiro, Elali & Fernandes, 2004) da Praça Lauro Müller. Foram registrados 4.375 eventos de comportamento, dentre as oito categorias comportamentais selecionadas para o estudo. O comportamento com maior ocorrência foi o de “Reunião de pessoas”, com 32% das ocorrências (n= 1418) e o de menor ocorrência foi o estar “Sozinho em pé”, compreendendo 2% das observações (n= 101). A Tabela 6 mostra todos os comportamentos em ordem crescente de ocorrência.

TABELA 6

Registro de ocorrências dos comportamentos do MC

Comportamentos	Ocorrência	%
Sozinho - em pé	101	2,31%
Atividade física	274	6,26%
Caminhada na praça	281	6,42%
Sozinho - sentado em banco	378	8,64%
Brincar	446	10,19%
Adulto com criança / criança	502	11,47%
Cruzar a praça / travessia	975	22,29%
Reunião de pessoas	1418	32,41%
TOTAL	4375	100,00%

O MC registrou que o setor com menor frequência de pessoas foi a “praça das borboletas”, que possui área pavimentada com quatro bancos, representada na Figura 9. A ocupação da praça dividida em treze setores está demonstrada na Tabela 7, e o setor mais ocupado é o parque infantil, com 16,85%, cujo percentual é composto por 373 crianças e 364 adultos.



FIGURA 9

Setor com menor percentual de ocupação: “Praça das Borboletas”.

Fonte: acervo da pesquisadora

TABELA 7

Percentuais de ocupação dos setores da Praça Lauro Müller

Setores	Ocupação	%
S12. praça das borboletas	215	4,91%
S11. bancos no monumento	223	5,10%
S3. banheiros e bancos	258	5,90%
S4. bancos e pergolados	270	6,17%
S9. campinho	280	6,40%
S5. fonte de água	299	6,83%
S2. piso livre	310	7,09%
S13. bancos e mesas para jogos	321	7,34%
S8. praça Pe. Quintilio	329	7,52%
S6. bancos com vista para a igreja	340	7,77%
S10. ginástica ao ar livre	370	8,46%
S1. bancos e pergolados	423	9,67%
S7. parque infantil	737	16,85%
TOTAL	4375	100,00%

Os dados do Mc geraram o diagrama da praça com suas respectivas faixas percentuais de ocupação, distribuídas por setor, ilustrado na Figura 10. A predominância dos percentuais entre 6% a 7,9%, representados pela cor azul, demonstra que as pessoas usufruem do espaço distribuindo-se de forma equilibrada nos vários setores, ao longo da semana típica de uso.

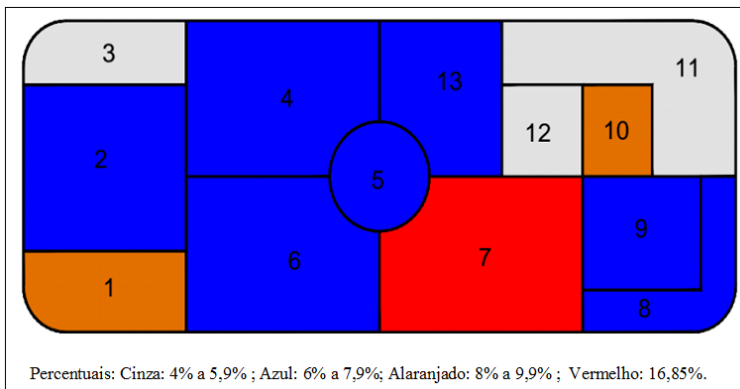


FIGURA 10

Diagrama de ocupação total da praça em uma semana típica de uso com Setores de 1 a 13.

Os setores 1 e 10, apresentaram percentuais de ocupação entre 8% e 9,9%. O setor 1 fica em uma esquina em frente ao Fórum da Comarca e do banco Caixa, e os comportamentos mais observados foram o de reunião de pessoas (n=196) e de travessia (n=133). A foto aérea na Figura 11 mostra no canto inferior esquerdo da praça o setor 1.



FIGURA 11

Vista aérea da Praça Lauro Müller. Fonte: Prefeitura Municipal de Campos Novos

O setor 10 é a academia ao livre, que também pode ser identificada no diagrama da Figura 10 e na foto aérea da Figura 11. A academia é a segunda área mais utilizada da praça, com um percentual de ocupação e uso de 9,67%. Neste setor, comportamentos de maior ocorrência são o de “atividade física” (n=185) seguido de “reunião de pessoas” (n=75).

5.2 Entrevistas

5.2.1 Caracterização dos participantes

A etapa com foco nas pessoas contou com a participação de 14 pessoas, que foram abordadas em diferentes horários e dias da semana na praça pública, e aceitaram conceder entrevista gravada, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Uma transcrição de entrevista encontra-se no Apêndice 6 a título de exemplo. Foram entrevistados cinco homens e nove mulheres, cujas idades variaram entre 18 anos e 85 anos. O tempo de residência na cidade variou entre seis meses e 57 anos. A frequência de visita à praça variou entre diária e mensal (ao menos uma visita por mês). A Tabela 8 apresenta os participantes da pesquisa.

TABELA 8

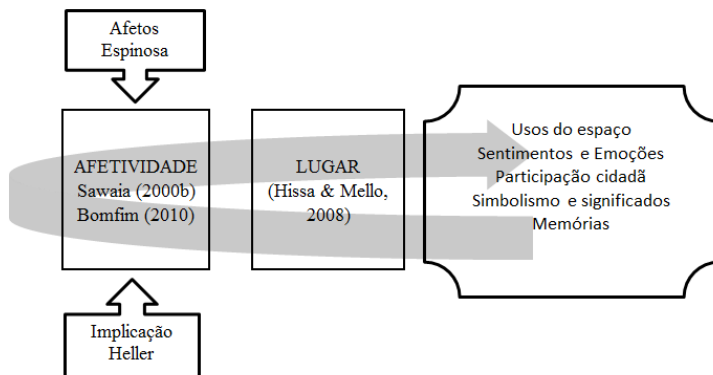
Caracterização dos participantes da entrevista

	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de residência	Frequência na praça
E1	F	39	Ensino Médio	2 anos	Semanal
E2	M	59	Fundamental incompleto	26 anos	Semanal
E3	M	85	Fundamental completo	57 anos	Semanal
E4	F	61	Fundamental completo	30 anos	Diária
E5	F	47	Superior Completo	47 anos	Diária
E6	M	53	E. Médio Completo	28 anos	Semanal
E7	F	64	Superior Completo	28 anos	Semanal
E8	F	30	Fundamental incompleto	30 anos	Quinzenal
E9	F	18	E. Médio Incompleto	6 meses	Quinzenal
E10	F	35	Fundamental incompleto	35 anos	Mensal
E11	M	61	Fundamental completo	21 anos	Semanal
E12	F	59	Fundamental completo	12 anos	Semanal
E13	M	60	Superior Completo	20 anos	Diária
E14	F	29	Formação Técnica	2 anos	Quinzenal

Fonte: autora

5.2.2 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise

O esquema conceitual na Figura 12 mostra como a teoria amparou a análise do conteúdo das entrevistas. Os conceitos de afetividade e lugar situaram a compreensão que se teve dos usos da praça, e dos sentimentos e emoções despertadas pelo e no lugar. Também conduziram às reflexões sobre a participação cidadã como um desdobramento da implicação com o lugar e os sentimentos positivos nutridos pela cidade. Os simbolismos e significados, bem como as memórias também atravessaram ao mesmo tempo em que compuseram o entendimento de afetividade e lugar.

**FIGURA 12**

Esquema conceitual para compreensão das categorias de análise de conteúdo. Fonte: elaborado pela autora.

O conteúdo das entrevistas semiestruturadas possibilitou a criação de três categorias de análise. Como já referido na sessão 4.7 a codificação dos elementos de análise teve caráter misto, sendo conduzida pelos objetivos de pesquisa e pelo conteúdo da revisão de literatura, ao mesmo tempo em que atentou para a emergência de novos elementos. Com base nas semelhanças e distinções entre os elementos de análise, foram criadas as subcategorias.

Assume-se que as categorias de análise inter cruzam-se e sua divisão é meramente didática. As categorias organizadas em “usos da praça”, “afetividade” e “representações da praça” procuraram traduzir as múltiplas formas em que a afetividade na cidade se manifesta, de maneira a tentar compreender o que é da relação imediata com o lugar concreto, aquilo que diz respeito ao “sentir” e a implicação com a praça e, finalmente, a ideia que se faz da praça por meio de significados, metáforas e memórias. A Tabela 9 apresenta as categorias e suas respectivas subcategorias e elementos de análise:

TABELA 9

Organização da Análise de Conteúdo

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
	1.1 Atividades na praça	Atividades físicas Descanso Distração Perambular Usar espaço como ponto de

Categoria 1 Usos da praça		espera Usar como travessia
	1.2 A praça como encontro	Socialização Aspectos multifuncionais do espaço que propiciam encontros intergeracionais Espaço para brincar
Categoria 2 Implicações	2.1 Atributos físicos e afecções	Iluminação Acessibilidade Beleza / estética Conforto térmico Elementos naturais (vegetação, pássaros, água) Arborização Benefícios psicofísicos
	2.2 Sentimentos e emoções	Paz Harmonia Aconchego Admiração Bem Estar Alegria
	2.3 Participação cidadã	Engajamento Cuidado Pagamento de impostos Incômodo com depredação Responsabilidade do poder público Denunciar mau uso do espaço
Categoria 3 Representações da praça	3.1 Simbolismos e significados	Metáforas Lazer comunitário Identidade social: “ser camponovense” Organização perceptual da cidade
	3.2 Memórias	História da cidade História pessoal Aspectos físicos que evocam memórias

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora

A categoria “Usos da praça” tem como ênfase os resultados com foco no lugar, para atender ao primeiro objetivo específico de descrever aspectos de uso da praça. Embora seja uma etapa centrada no lugar, esta

categoria procura descrever a “vida do lugar”, cuja descrição só é possível com e através das pessoas. A praça não foi caracterizada a partir de seus atributos físicos, mas sim a partir dos usos que os habitantes fazem dela. Ou seja, a descrição extrapola o desenho arquitetônico, pois apresenta a praça ocupada e usufruída por seus frequentadores.

As categorias “Afetividade” e “Representações da praça” tratam da relação dos habitantes com sua praça utilizando a afetividade como conceito que permeia a compreensão das respectivas subcategorias, que discutem sentimentos e emoções, participação cidadã, simbolismos, significados e memórias. Também incluem uma subcategoria que trata dos atributos físicos que afetam os corpos e as ideias, no intuito de não perder de vista a relação intrínseca e complexa entre o ambiente e a pessoa, com a finalidade de compreender a vida na e da praça por meio do “sentir”. Ambas as categorias procuram responder aos objetivos específicos de clarificar a afetividade dos frequentadores da praça e compreender a inter-relação entre os atributos do ambiente físico e a afetividade.

6. Análise e Discussão dos Resultados

O presente estudo tentou compreender a inter-relação pessoa-ambiente na praça pública e evidenciar as relações entre espaço físico, comportamentos e afetividade sem inferir causalidade. Em acordo com o pressuposto epistemológico da instabilidade, reitera-se que os resultados fornecem um retrato do objeto de pesquisa, e, como todo retrato, é um recorte em um tempo e espaço específico. Portanto, são resultados passíveis de integração e diálogo com dados de outras pesquisas, mas não passíveis de generalização.

Nesta seção os resultados do MC e das entrevistas serão discutidos de forma integrada – os dados do MC dialogarão e complementarão a análise e discussão das categorias de análise das entrevistas. Consonante ao pressuposto da complexidade assume-se que, embora sejam estabelecidas categorias, elas não podem ser vistas de maneira isolada na realidade, e sua distinção é meramente didática. As categorias de análise das entrevistas foram organizadas de forma a evidenciar tanto as especificidades quanto as regularidades nos relatos dos participantes, que, agregadas aos dados do MC, responderam aos objetivos do presente estudo.

6.1 Categoria 1: Usos da praça

Esta categoria procura responder ao primeiro objetivo de pesquisa no que diz respeito à caracterização do uso da praça. Aqui se apresentam as razões pelas quais as pessoas dirigem-se à praça pública, desde seu fator utilitário, como por exemplo, o uso da academia ao ar livre, até seu aspecto social, enquanto lugar de encontro com as pessoas e com a cidade. Ou seja, a categoria versa sobre as atividades na praça e a praça como lócus de vida social.

6.1.1 Subcategoria 1.1 – Atividades na praça

A **subcategoria 1.1** descreve o que as pessoas podem fazer individualmente na praça, portanto exclui comportamentos relacionados à vida social e encontros. Na prática, as atividades individualizadas (fazer ginástica, por exemplo) e encontros podem estar imbricados ou ocorrerem concomitantemente, portanto considerou-se esta distinção apenas para fins de análise.

O ambiente da praça atrai pessoas que apreciam o movimento da cidade, gostam de observar as outras pessoas, os carros que passam, as

crianças que brincam. Respondentes que refeririam gostar de “olhar o movimento” e que ficam na praça “para esvaziar a cabeça” são pessoas que se dirigem à praça tanto sozinhas quanto acompanhadas por outras pessoas. Nos momentos em que estão sozinhas, desfrutam do local para descanso, para refazer-se mentalmente ou distrair-se, como refere E6, 53 anos de idade, que trabalha como gerente operacional:

Geralmente venho no horário de folga e sento por aqui [...] descontraír, mudar um pouco a rotina [...] venho na igreja um pouquinho ali, porque a função da gente, nem sempre a gente pode ir na missa, então tá tudo aqui, então venho na igreja ali rezar um pouquinho, venho na praça, depois vou para casa [...] representa uma forma de lazer [...]ver o movimento e também aproveitando para dar uma caminhada. (E6)

Os dados do MC ilustram os relatos de entrevistas que referem satisfação no simples estar na praça, seja sentado em banco, em pé parado em algum setor ou perambulando. O ato de “olhar” também é referenciado com algo que motiva o ir à praça: “Costumo olhar, ver o movimento, às vezes frequento a academia, e ficar sentado, olhando o movimento (E11)”. Dentre os eventos comportamentais registrados em uma semana típica de uso da praça, 18% (n= 760) foram relativos a estar sozinho na praça. A fala de E10 resume os comportamentos que também foram registrados no MC, pois os motivos que a levam à praça são “[...]sentar, andar, olhar o movimento e ver o chafariz”.

Outra entrevistada que mora a 100 metros da praça relata que vai à praça para “[...] pensar um pouco na vida” (E5). A possibilidade de permanecer no local para pensar, meditar, relaxar e esvaziar os pensamentos é referida como motivação para ir à praça, e permite aos entrevistados reconectarem-se à cidade e a si mesmos. Sentimentos de estima pela cidade (Bomfim, 2010) brotam dos momentos de meditação, enquanto observam o chafariz, a flor, o idoso que passa.

O perambular na praça, compreendido como um caminhar com passadas mais lentas, paradas e mudanças de direção (Ngesan & Zubir, 2015) foi referido por E3, aposentado de 85 anos de idade, como uma prática diária que encerra um fim em si mesma – é o caminhar pela satisfação que a própria ação proporciona: “Dizer que vou fazer tal coisa na praça? Não, não tenho. Vem, passeia aí, dá uma olhadinha e depois vou embora”. O perambular remete o aposentado a um “não fazer”, ao descompromisso e à sensação de que a ida à praça é sem objetivo.

Ao contrário, alguns entrevistados referem-se à caminhada na praça como um ato propositado, consciente e que compõe a busca por distração e lazer, como menciona E14, 22 anos, moradora da área rural da cidade, que percorre, de automóvel, 13 quilômetros de sua casa até o centro da cidade, apenas para visitar a praça: “[...] também para você vir andar aqui, simplesmente para você passear, para você se distrair, eu acho que é isso, é um espaço para que as pessoas venham se distrair” (E14).

Devido à sua posição central na cidade, cujo entorno concentra bancos e as principais ruas de comércio, a praça também foi referida pelos entrevistados como lugar para esperar outras pessoas, ponto para aguardar a abertura do comércio local, e local para sentar-se às mesas e lanchar (a praça não possui ponto de venda de alimentos).

Também se destaca a “travessia” pela praça, como caminho para se chegar a algum ponto da cidade, e que difere da “caminhada na praça”. A travessia é um meio, enquanto que a caminhada é um fim. A travessia indica movimento, passagem, enquanto a caminhada, o perambular, implica em permanência na praça. O uso da praça como travessia foi referido por alguns entrevistados como ato intencional quando usa as calçadas e ruas do centro da cidade, que, mesmo tendo várias opções de trajetos, fazem a travessia pela praça para apreciar as flores ou o chafariz. Dentre os comportamentos observados na praça, a travessia configura como 22% (n= 975) de um total de 4.375 ocorrências na semana típica de uso. A Figura 13 demonstra os percentuais de ocorrência de todos os comportamentos registrados, com destaque para a travessia.

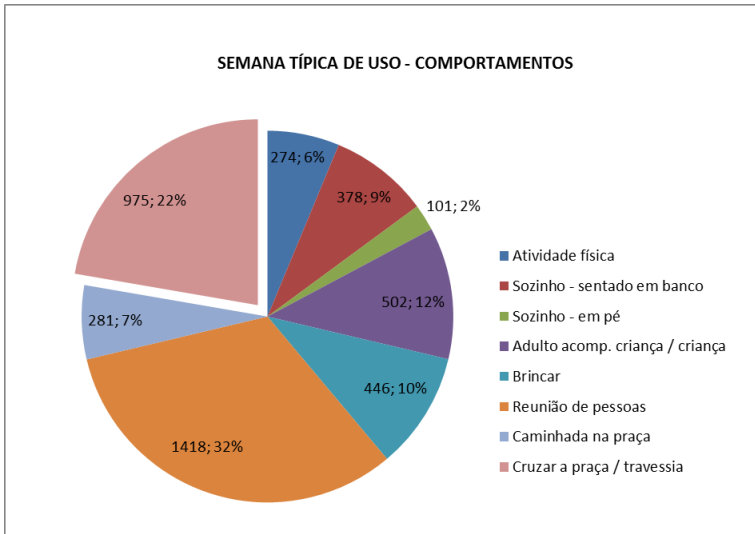


FIGURA 13

Semana Típica de Uso – Comportamentos (em números absolutos e percentuais)

A atividade física em espaços ao ar livre traz benefícios à saúde física, e também contribui para a saúde mental pela possibilidade de contato com elementos naturais, como jardins e água, que influenciam na satisfação percebida pelos praticantes das atividades (Koohsari, Vallanueva, Sugiyama, Badland, Kaczynski, Owen, & Giles-Corti, 2015; Ozdemir & Yilmaz, 2008). A academia ao ar livre foi referida por seis dos entrevistados como um dos fatores que motivam sua ida à praça. Nos dados coletados por meio do MC a academia configura como o segundo setor mais ocupado da praça, representando 8,79% (n=299) da taxa de ocupação, perdendo apenas para o parque infantil. A possibilidade de fazer atividade física gratuita figura como um dos fatores que estimulam o uso deste setor. Outro fator de uso da academia é relativo às interações sociais e será abordado na subcategoria 1.2 a seguir.

6.1.2 Subcategoria 1.2 – A praça como encontro

A **subcategoria 1.2** trata da praça como lugar de encontro com as pessoas, onde o habitante vivencia “[...] a interação entre as esferas íntima e pública, a convivência com o igual e com o diferente sem o

excluir” (Bomfim, 2010, p. 217). Esta categoria denota “reunião de pessoas”: o encontro de pessoas na praça, o estabelecimento de novas amizades, o espaço onde famílias reúnem-se e o lugar para levar os filhos brincar.

As categorias comportamentais que implicam em permanência na praça somaram 3.400 ocorrências (neste caso a categoria “travessia” foi excluída desta contagem pois não é considerada permanência). A “reunião de pessoas” representa 42% das observações, o que significa que em uma semana típica de uso 1.418 pessoas, entre crianças, jovens e adultos utilizaram a praça como lugar de reunião e encontro. A Figura 14 mostra como adultos e crianças, que utilizam a praça para como lócus de interação social, distribuem-se pelos 13 setores da praça. Os lugares preferidos para os adultos reunirem-se são os setores 1 e 13, ambos com bancos para sentar e algumas mesas.

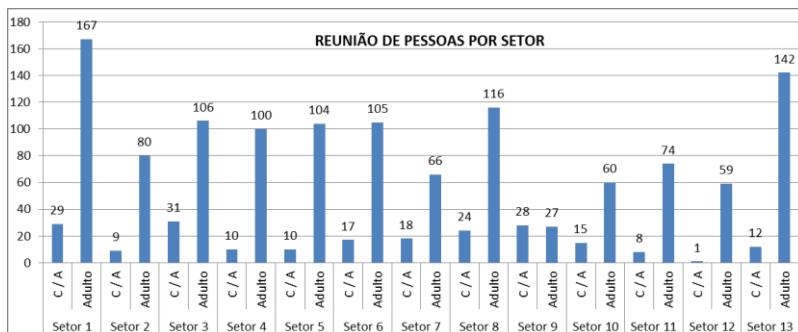


FIGURA 14

Comportamento de “reunião de pessoas” por setor (números absolutos)

Legenda: C = criança; A = adolescente

Os relatos dos entrevistados destacam a praça como ambiente de encontros intergeracionais. A fala da aposentada, 61 anos, que vai diariamente à praça reflete isso: “[...] vejo pais, mães, crianças de todas as idades vindo, correndo, bicicleta, skate, bola, o sorvete, o picolé, é todo mundo correndo e a praça cheia, gente de todas as idades, principalmente em finais de semana” (E4).

Um dos fatores que pode ser atribuído à presença de pessoas de várias idades no local é a multifuncionalidade dos setores da praça, que permite a realização de atividades diversificadas, como revela a fala da entrevistada:

[...] como é uma praça que foi, foi planejada pra isso, pra vários efeitos no caso, pras crianças irem

brincar no parque, pras pessoas virem ali praticar exercícios físicos, pras pessoas caminharem, pras pessoas... Aqui você pode ver gente assim, fazendo piquenique ali na frente, outros estão comendo pipoca com chimarrão, outros então tomando uma cervejinha, você vê idosos, você vê adultos, você vê jovens, você vê crianças, você vê famílias, muitas famílias, no verão principalmente têm muitas famílias aqui, e o pessoal vem aqui e se diverte, não é só entretenimento, é uma diversão, depende o que cada um vem buscar [...] dá para as crianças correrem, dá para os jovens aproveitarem. (E5)

As crianças concentram-se nas áreas do campinho e do parque infantil, somando, em números absolutos, 566 crianças que utilizam estes dois setores, na semana típica de uso. A presença de adultos – pais e cuidadores – nos setores de parque e campinho também chama a atenção: 451 adultos estiveram nas áreas de lazer destinadas as crianças, que conta com bancos, mesas e áreas de sombra para aqueles que não participam diretamente das brincadeiras com as crianças. O percentual de uso do parque infantil e do campinho, com adultos e crianças somados, totalizam 28,48% da taxa total de ocupação da praça.

O parquinho aparece como uma área voltada para o brincar e o desenvolvimento infantil, mas também como lugar de socialização dos adultos. Além do prazer de ver os filhos brincar, o parque é um lugar para estabelecer novos laços de amizade, como exemplifica a moradora de área rural, que leva suas filhas para brincar na praça:

[...] encontra gente conhecida ou a gente até faz amizades também, né, porque você tá aqui, você conversa com alguém, olha as meninas, no parquinho você também conversa com mães, sempre faz amizade, tem este convívio social, né, com as pessoas. (E14)

Para quem mora sozinho, a praça configura-se como lugar onde a vida social acontece, e para quem tem família, ela é o destino dos finais de semana e fins de tarde. Os setores da praça – exceto o parque infantil e o campinho que são configurados para receber crianças – distribuem os frequentadores de forma equilibrada, como se pode observar na Figura 15. Neste caso não estão contabilizados os eventos de “travessia” no local, apenas os comportamentos que indicam permanência.

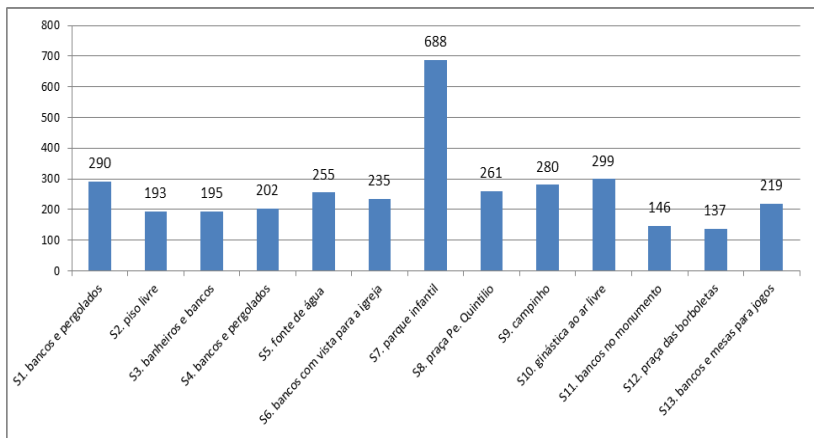


FIGURA 15

Permanência dividida por setores (números absolutos)

A distribuição das pessoas no local reforça a suposição de que a multifuncionalidade da praça traduz-se em duas qualidades do local: a possibilidade de agregar pessoas de diferentes faixas etárias e atrair frequentadores com distintos interesses de uso. Tais qualidades são exemplificadas na fala da aposentada, que mora em frente à praça:

[...] uma academia para todo mundo, pessoas de qualquer idade, é um parquinho que as crianças brincam o dia todo, a quadra de esporte também aqui, essa praça onde se apresentam os conjuntos e bandas, né, é um espaço que antes não tinha. (E4)

De fato, a multifuncionalidade e o aspecto inclusivo do espaço público são apontados por Perovic e Folic (2012) como fatores que impactam positivamente a percepção que os usuários têm do local. Uma praça pública que comporte a coexistência de reuniões, atividades físicas, concertos musicais, teatro, piquenique, feiras, serviços religiosos, manifestações políticas, permite sua apropriação por um grande número de habitantes da cidade (Biara, Alkama & Nabou, 2013) e uma maior implicação da comunidade com o local.

6.2 Categoria 2 – Implicações

Compreende-se que sentir é estar implicado, e a implicação, por sua vez, é fator constitutivo da ação e do pensar. Portanto, esta categoria

abrange: aspectos físicos que afetam os habitantes que utilizam a praça, de forma a modificar as potências dos corpos; a relação entre o espaço físico e os benefícios psicofísicos percebidos; a manifestação dos afetos que aumentam ou diminuem a potência de agir do cidadão que frequenta a praça; e, finalmente, aspectos relacionados a engajamento e participação cidadã. Articula elementos importantes que compõem a afetividade na cidade: o concreto e o subjetivo, a mente e o corpo, a razão e a emoção (Bomfim, 2010), cujo entrelaçamento constitui-se em categoria mediadora entre a pessoa e a praça pública.

6.2.1 Subcategoria 2.1 – Atributos físicos e afecções

A **subcategoria 2.1** diz respeito às características físicas do local, referidas pelos entrevistados. Partiu-se do entendimento que as afecções alteram a potência de agir do corpo e do pensar de forma inseparável (Gleizer, 2005), portanto, ao ser questionado sobre o que mais lhe chama atenção na praça, o participante responde não só a partir de sua cognição, mas também movido por emoções e sensações. Esta subcategoria elenca os elementos concretos que afetam os indivíduos em seu “estar na praça”. Foram consideradas respostas que descreveram claramente aspectos físicos¹² que denotaram preferências e motivações para ir ao local, opiniões favoráveis ou desfavoráveis sobre o espaço físico, referências a setores específicos da praça, bem como benefícios psicofísicos associados ao “estar na praça”.

Após a intervenção arquitetônica, a praça passou a ter maior incidência de luz natural, no período diurno, e iluminação artificial noturna que privilegia tanto os passeios quanto os elementos arbóreos e paisagísticos. A importância da iluminação como um aspecto que atrai as pessoas para a praça fica exemplificada na fala da entrevistada, que vai ao local diariamente:

[...] ela é muito bem aproveitada pelas pessoas, porque agora nós temos assim uma praça extremamente bonita, espaço, claro, meu Deus, eu não tenho nem ideia de quantos postes tem aqui, mas tanto durante o dia quanto durante a noite ela é uma praça que pode ser frequentada porque ela

¹² As respostas que não se referiram a atributos físicos específicos, ou enfatizaram sentimentos e emoções associados à praça como um todo foram discutidas na subcategoria seguinte.

ficou aberta ficou, assim, ahnn, ampla, clara, agradável, bonita, muito bonita. (E5)

Para Ngesan e Zubir (2015), um indicador de sucesso na constituição de um espaço público é sua utilização em diferentes períodos do dia, e, no caso de parques e praças, a iluminação noturna figura como um aspecto preponderante. Em pesquisa realizada em parques na Malásia, os autores apontam que a possibilidade de utilizar o local à noite, além de atrair pessoas de baixa renda que não podem custear o lazer em locais pagos, também propicia contato com a natureza, recreação, atividade física e interações sociais.

A iluminação também está associada à sensação de segurança que se tem no local (Foster, Giles-Corti & Knuiman, 2014), e promove a vigilância natural, entendida como a possibilidade de ver e ser visto por outros (Ricardo, Siqueira & Marques, 2013). Como exemplo de insegurança, a entrevistada E5 refere-se à má iluminação da antiga configuração da praça Lauro Müller como um aspecto facilitador de criminalidade:

[...] as árvores eram recortadas, só que como não foi dada muita manutenção, nem muita atenção, ela se tornou uma praça escura, onde as pessoas frequentavam muito pouco por que...ahnn...começou a ser um lugar onde era perigoso pra ir a partir das cinco, seis horas da tarde...ela ficou uma praça escura, ali era boca de fumo, os maconheiros da cidade se reuniam ali, e praticamente pouquíssimas crianças vinham. (E5)

Quanto à estética, os participantes apreciam a jardinagem, que figura como um dos elementos que atraem os visitantes, como menciona a professora de 64 anos, que mora a 1.300 metros da praça, e vai até o local de carro. A entrevistada estaciona o carro na região central da cidade, e a praça está incluída em seu roteiro de andanças pelo centro – ela adora as flores, e descreve seu trajeto predileto: “(...) da fonte para a casa da cultura (...) além do colorido, é a alameda que forma entre a fonte e o fundo lá, da casa da cultura”(E7). A Figura 16 ilustra a “*alameda*” e dá uma ideia do trajeto preferido da entrevistada. Os elementos naturais somados a presença de pássaros também são apontados como atrativos.



FIGURA 16

Alameda no período de inverno, sem flores.

Fonte: acervo da pesquisadora

Tanto a fala de E7, quanto a Figura 16 da “*alameda*” esboçam a relação entre subjetividade e estética, já que a imagem que se tem do ambiente construído é resultado de um processo bilateral entre o observador e o ambiente (Lynch, 1960). A experiência com um espaço físico é, primariamente, produto da percepção visual, e, por conta disso, cores, textura, iluminação, vegetação, organização dos passeios e pavimento, participam conjuntamente na construção subjetiva que se tem dos lugares. A valoração estética associada aos elementos da natureza, como vegetação e água, ganha outra dimensão no contorno das cidades, porque os espaços abertos públicos estão em constante diálogo com os habitantes, não apenas por sua posição no desenho urbano, como também por ser um espaço concebido por e para pessoas (Perovic & Folic, 2012).

A sensação de ar puro e ambiente arejado são apontados pelos entrevistados como aspectos físicos que contribuem para o bem estar na Praça Lauro Müller, como descreve E4: “[...] sinto aquela alegria, você respira ar puro, você ouve ainda o canto dos passarinhos que têm bastante aqui no final da tarde”. O que os entrevistados descrevem como “ar puro” e “*arejamento*”, é objeto de pesquisas sobre design de espaços públicos abertos e percepção subjetiva de quão confortável é o ambiente

(Hajmirsadegui, Shamsuddin & Forougui, 2014). Desde a antiga Paris do século XVIII a praça já figurava como o “pulmão urbano”, e, numa época em que pouco se sabia sobre fotossíntese, bastava respirar fundo no local para, intuitivamente, perceber os benefícios da vegetação, mesmo que encravada entre as edificações da cidade (Sennet, 2008).

Dentre os entrevistados, cinco mencionam a falta de áreas de sombra na praça como um elemento que dificulta a permanência no local durante o verão, nos horários em que a incidência dos raios de sol é maior. As opiniões dividem-se entre aqueles que sentem falta das árvores frondosas da antiga vegetação da praça, e os que reconhecem que apenas precisam aguardar o crescimento das árvores recém plantadas, como refere E5: “[...] Eu faria as árvores crescerem um pouco mais rápido...mas isso é uma consequência que daqui uns cinco ou seis anos já estará bem melhor, né, já estará no tamanho apropriado para trazer mais sombra”.

Com efeito, o ambiente de praças públicas, quando providas equilibradamente de vegetação, luz do sol e ventilação, contribui para as condições microclimáticas¹³ dos centros urbanos, resultando em conforto térmico (Biara, Alkama & Nabou, 2013; Lin, 2009). No caso da Praça Lauro Müller, tal qualidade está condicionada ao crescimento das árvores, no médio prazo. Como mencionados por alguns participantes, é preciso “*dar tempo ao tempo*” e esperar as árvores crescerem para que o local volte a ter sombra.

A arborização foi o único aspecto elencado como negativo ou deficitário na praça. A menção de que faltam árvores e sombra corrobora com pesquisas que destacam a importância dos elementos verdes nos espaços públicos. Conforme um estudo que avaliou a percepção visual de espaços abertos públicos em Niksic, Montenegro, a presença de elementos naturais, como vegetação, pedras e água, potencializa a percepção positiva que se tem do espaço, e melhora a saúde do ambiente e das pessoas (Perovic & Folic, 2012).

¹³ A presença da fonte de água contribui para o microclima da praça, proporcionando umidade e sensação de conforto térmico. Entretanto, na fala dos entrevistados ela figura mais como fator que evoca sentimentos e emoções, e não como um aspecto relacionado a conforto térmico ou de bem estar físico. Devido à justaposição de sentimentos que ocorre nas falas que referenciam a área da praça com a fonte de água, este setor será discutido na seção 6.2.2.

Somada aos aspectos de iluminação, estética, conforto e arborização, os entrevistados referiram-se à acessibilidade, elencando os benefícios da pavimentação, que permite que pessoas com carrinhos de bebê, cadeirantes ou pessoas com dificuldades de locomoção utilizem o espaço da praça para lazer. A pavimentação aparece como atributo físico que afeta as pessoas em seu “estar na praça”. É também um fator que motiva a visita, assim como um aspecto que proporciona o encontro de pessoas com diferentes necessidades, como já tratado na subcategoria 1.2 que fala da vida social na praça.

A boa conservação dos equipamentos do parque infantil foi apontada como um fator que motiva a visita ao local. A possibilidade de proporcionar diversão segura e gratuita é mencionada pelos pais e cuidadores como um aspecto positivo desse setor. Além disso, como o parque possui a maior área de sombra da praça e conta com vários bancos, figura como um ponto de encontro e socialização dos pais de crianças pequenas. A academia ao ar livre também é citada como um dos setores que atrai os frequentadores e constitui um dos aspectos físicos percebidos como um benefício à saúde física.

A percepção de que o ambiente da praça influencia de modo positivo a saúde física e mental fica evidente na fala de E13, aposentado de 60 anos de idade, que refere a si como “sozinho” e frequenta a academia diariamente: “[...] eu tinha depressão antigamente, ficava muito em casa, daí eu comecei vir fazer física e aquilo lá me passou, fiquei bem melhor, estou bem mais animado”. O aposentado, além de associar seu bem estar à atividade física na praça, deixa transparecer sua implicação afetiva com a praça, quando fala do pássaro, da árvore, da flor. Ao aliar-se à paisagem da praça e experimentá-la com o corpo, E13 vivencia sua “cura”, que é percebida através dos sentimentos potencializadores despertados ali.

Além de concluir que a “*depressão passou*” E13 menciona a possibilidade de conversar com pessoas enquanto faz exercícios – são os encontros com as pessoas e com o lugar, as relações sociais e a relação com a concretude do espaço, dando a cor e o tom à maneira como os frequentadores percebem os benefícios do “estar na praça”. Corroborando com a fala de E13, pesquisas realizadas na Austrália demonstram que frequentar os espaços abertos públicos favorece a manutenção ou melhora da qualidade da saúde mental, por meio do contato com ambientes com elementos naturais e também pelas relações sociais que se dão em tais espaços (Francis, Wood, Knuiman & Giles-Corti, 2012b). A presença de elementos verdes, mesmo com baixa biodiversidade, como é o caso das praças, diminui o estresse, aumenta a

sensação de bem estar e tem propriedades restaurativas (Carrus, Scopelliti, Laforteza, Colangelo, Ferrini, Salbitano, Agrimi, Portoghesi, Semenzato & Sanesi, 2015).

6.2.2 Subcategoria 2.2 – Sentimentos e emoções

A **subcategoria 2.2** abrange os sentimentos e emoções evocados no lugar e pelo lugar: é o “sentir” como ferramenta para “conhecer” a praça¹⁴. Assume-se que os afetos advêm das relações constituídas com outros corpos e com o mundo, e portanto geram modificações nas capacidades para a ação e impelem o pensamento a novas direções. Nesta perspectiva, ao serem convidados a discorrer sobre a praça, os participantes o fizeram por meio das cognições, emoções e sentimentos que compõem a afetividade.

Em sua fala simples, o aposentado que vai à academia ao ar livre diariamente, traduz a concepção espinosana de que as afecções podem aumentar ou diminuir a potência de agir do corpo e das ideias. Para ele, o estar na praça resulta em aumento de sua força e vontade de viver. Ele elogia o paisagismo da praça mas dá mais ênfase aos atributos que transcendem os aspectos concretos do ambiente. Fala da possibilidade de convivência com mais pessoas, do “*aconchego*” que sente, e completa: “[...] sinto alívio no corpo [...] me sinto mais feliz, mais animado” (E13).

Sem nunca ter ouvido falar em Espinosa, o aposentado brinda à Alegria: “[...] sinto aquela *alegria*, você respira ar puro, você ouve ainda o canto dos passarinhos que têm bastante aqui no final da tarde”(E13). Ao tomar a afetividade como mediadora das relações, pode-se pensar a praça pública como lugar de encontro: encontro com a cidade e encontro com as outras pessoas. E se for palco para os bons encontros, a praça carrega a marca da Alegria, de onde emergem relações de igualdade.

Nas falas dos participantes, o estar na praça remete à descanso, relaxamento, tranquilidade e alívio – estas menções associam-se, em geral, a aspectos da jardinagem e da beleza. Sentimentos de paz, harmonia e *aconchego* também são apontados como fatores que estimulam o retorno ao local. O sentimento de admiração foi associado

¹⁴ As falas de entrevistados que fizeram referência direta e explícita a aspectos físicos e setores da praça foram discutidos na subcategoria 2.1, para cumprir fins didáticos e de organização da análise dos dados. As respostas que enfatizaram sentimentos e emoções foram analisadas e discutidas nesta seção.

ao aspecto estético da praça, cuja beleza é mencionada em todas as entrevistas.

Para aqueles que percebem a praça como distração, diversão, lazer e passatempo, os sentimentos referidos são de bem estar e alegria. Tais menções estão relacionadas, em geral, aos encontros que os entrevistados têm com outras pessoas. Quatro, dentre os entrevistados, associaram a satisfação de estar na praça com a possibilidade de observarem outras pessoas, como descreve E1, moradora da cidade há dois anos, que vai à praça semanalmente com seus dois filhos pequenos: “Ah...eu me sinto bem... porque vejo minhas crianças brincando... se divertindo...e é uma coisa boa... Que mãe não gosta de ver os filhos brincando? Não é? Se divertindo”.

Enquanto alguns têm prazer em observar os próprios filhos, outros mencionam o exercício de observar pessoas que não conhece, como a jovem costureira de 18 anos, que, ao ser indagada sobre o que mais gostava na praça, respondeu: “eu gosto mais de olhar os idosos fazendo academia”(E9). Contou que senta sempre embaixo do mesmo pergolado, no mesmo banco. Também explicou que mora há pouco tempo em Campos Novos, e que sua cidade natal, no Centro-oeste do país, possui apenas uma praça mal cuidada, sem vegetação, e que é palco de discussões entre seus frequentadores, envolvendo até violência física.

Para tentar entender a forma de interação de E9 com o ambiente, recorre-se ao entendimento de Heller (2009) referente à implicação, que ocorre quando se relaciona a informação a si mesmo, e, portanto há envolvimento e identificação. No caso da entrevistada, os afetos despertados pela praça de sua cidade natal diminuía sua potência de agir e eram geradores de tristeza. Ao contrário, os afetos despertados pela Praça Lauro Müller são percebidos como potencializadores e caracterizados pela positividade e alegria (Gleizer, 2005). De forma recursiva, ao longo da entrevista, a costureira falou em “*paz*”, “*tranquilidade*” e “*sossego*” – emoções e sentimentos que carregam a marca da autonomia e da vontade de estar no espaço público.

O aspecto mais mencionado nas entrevistas é a presença da fonte de água (Figura 17), que foi associada não apenas à estética, mas principalmente a sentimentos de paz e relaxamento. Estudos sobre paisagismo constataram que a água é um dos mais importantes atributos dos espaços públicos, capaz de despertar múltiplas emoções.

Além disso, a água atrai os olhares dos visitantes, costuma ser o local que concentra o maior número de pessoas tirando fotos e evoca a sensação de alívio (Sugimoto, 2013). O gerente operacional de 53 anos

costuma ir à praça semanalmente para relaxar, principalmente depois do horário de trabalho. Ele compara as emoções despertadas pela fonte às emoções evocadas pelo mar:

Gosto do chafariz ali, [...] a gente no dia a dia trabalha com bastante problema e coisa, e daí dá uma...tipo...seria o nossa praia aqui, né? O nosso mar , porque quando você vê o mar lá embaixo você dá aquela né, muda um pouco.../ na verdade tipo, é um sentimento de liberdade. (E6)



FIGURA 17

Fonte de Água – Chafariz. Fonte: acervo da pesquisadora

A afetividade medeia as ações e revela-se nelas. Os sentimentos orientativos¹⁵ estabelecidos nas experiências cotidianas (Heller, 2009), transparecem nas falas dos participantes quando falam de suas preferências estéticas, da maneira como utilizam o espaço da praça e quando emitem suas opiniões. Os participantes revelaram sentimentos orientativos cujas disposições positivas são terreno fértil para a construção do vínculo com a praça e o estabelecimento desta enquanto lugar.

¹⁵ Para Heller (2009), são sentimentos que orientam preferências, predisposições, ações, pensamentos, julgamentos e até relações interpessoais.

6.2.3 Subcategoria 2.3 – Participação cidadã

A **subcategoria 2.3** refere-se a práticas que denotem participação e implicação com o espaço da praça, que se traduz em uma ética do cuidado com o ambiente e com as pessoas. A participação remete à noção de senso de comunidade ou coletividade, no sentido de que a praça é um bem comum que deve ser conservado e usufruído por todos. Esta subcategoria deriva da compreensão de afetividade na cidade porque congrega aspectos relacionados à estima e identificação com lugar que potencializam as práticas de cidadania.

Os participantes atribuem a si a responsabilidade quanto ao descarte correto do lixo e à conservação dos equipamentos. Também revelaram preocupação com a conservação dos jardins e demonstraram incômodo em relação à utilização de canteiros ou grama como trajeto de caminhada. Embora a maioria das menções relacione-se apenas ao descarte do lixo (Figura 18), isso já denota uma predisposição ao cuidado, que vai ao encontro do que é coletivo e de interesse público. Neste caso, a atuação do habitante é balizada pela reflexão que considera as consequências de suas ações (Ferrara, 1996).



FIGURA 18

Lixeiras: “cuidar é não jogar lixo no chão”.

Fonte: acervo da pesquisadora

Uma das participantes mencionou a importância de denunciar o mau uso da praça, e, quando observa alguém a depredando, chama sua atenção: “[...] eu acho isso injusto, se eu vejo, eu falo!” (E8). A

participante contou que nunca denunciou na Prefeitura, mas se for necessário, o fará. De fato, a cidadania manifesta-se quando o habitante ultrapassa a condição de usuário da cidade, e passa a olhar para fora de si, para fora do limite do privado e individual para compreender a cidade como espaço partilhado (Ferrara, 1996).

A noção de que a responsabilidade é de todos fica clara quando E8 menciona que não adianta a Prefeitura entregar uma praça bonita para a cidade se as pessoas não colaborarem. E a dona de casa completa: “[...] como eu ajudo? Vendo o lado positivo, jogando lixo no lixo, tendo a conscientização de você ter um ambiente bom, né? Uma coisa para você ter utilidade”.

O agricultor de 59 anos, que vai semanalmente à praça, menciona o esforço coletivo que garante a existência do espaço público que, para ele, inspira orgulho: “[...] o esforço do povo, do prefeito, e dos garis que cuidam” (E2). Dentre os atores sociais elencados, pode-se considerar que o prefeito representa as instâncias de poder, da ordem distante, enquanto o povo e os garis pertencem à ordem próxima, da realidade prática (Lefebvre, 2001). A responsabilidade do cuidado em relação à praça depende do câmbio eficaz entre a ordem próxima e a distante. A participação cidadã emerge do diálogo entre o poder público e a população, na medida em que esta se sente protagonista na gestão dos espaços públicos.

O recolhimento de impostos também foi citado como forma de contribuição na gestão do espaço público. Entretanto, denotou ser uma participação indireta e abstrata, que sucede quando o cidadão não consegue se imaginar com poder de ação e transformação na cidade – quando reconhece que é necessário fazer alguma coisa mas responsabiliza o poder público, que também lhe é abstrato (Ferrara, 1996).

Ao ser indagada sobre como poderia contribuir com o cuidado com a praça, a aposentada de 61 anos, não fez rodeios: “Acho que é fazer o que a gente já está fazendo hoje, vindo para a praça e usando este espaço que nós temos’ (E4). Para ela, cuidar é usar, é ocupar, é apropriar-se, é implicar-se. A implicação, entendida como envolvimento, é percebida em todas as falas dos entrevistados, por meio das histórias pessoais e do grupo, construídas com e na praça. Destas histórias nasce não só a estima, mas a autoestima do habitante, tecida na identificação com o lugar. Portanto, a afetividade na cidade também pode revelar-se por meio da estima pelo lugar e pelo sentimento de pertencimento (Bomfim, 2010). O processo de reconstrução da praça

permitiu a emergência de um novo vínculo das pessoas com o lugar, que se desdobra na participação do cidadão e no desejo de um viver público.

6.3 Categoria 3 – Representações da praça

Esta categoria trata da representação da praça como ideia, como maneira de perceber o entorno e nomeá-lo ou significá-lo. Tal representação pode ser por meio de uma metáfora, que revela os simbolismos e significados da praça para o habitante da cidade. Também pode ser por meio da percepção espacial que se tem da cidade, cuja praça central configura como organizador do mapa cognitivo. Finalmente, a ideia da praça também pode ser uma memória, um fragmento da história pessoal que, entrelaçada ao lugar, faz com que a praça seja significativa para o entrevistado.

A categoria “representações da praça” está exposta de forma separada da categoria “Implicação” apenas para fins didáticos, pois entende-se que as ideias a respeito dos lugares são construídas nas biografias pessoais, a partir das afecções que provocam modificações no sentir e no pensar. Os simbolismos, as cognições e a memória não se descolam dos sentimentos e emoções, já que partem das mesmas estruturas cerebrais (Damásio, 2012). Logo, as representações da praça dão-se a partir da implicação com o lugar e a afetividade manifestada em tal relação.

6.3.1 Subcategoria 3.1 – Simbolismos e significados

A **subcategoria 3.1** trata dos simbolismos por meio de metáforas que representam a praça, e que traduzem a afetividade pelo lugar. Além disso, versa sobre os significados da praça para os indivíduos e para a comunidade. Finalmente, aborda como a praça faz parte do arranjo simbólico que o habitante elabora no seu mapa simbólico da cidade, de forma a figurar como um marco que organiza o espaço.

O simbolismo do espaço transcende sua representação concreta, e seus significados podem manter-se em um nível individual, como uma significação pessoal, ou serem compartilhados por toda a comunidade como uma significação social (Valera, 1996b). Há espaços físicos que têm a capacidade de aglutinar significados socialmente partilhados, como os espaços urbanos. Os participantes da pesquisa foram incitados a pensar o que a praça representava para si e para a cidade, o que suscitou algumas respostas por meio de metáforas, como “*coração de*

Campos Novos”, “*praça capa de revista*”, “*cartão postal*”, e “*cartão de visita*”.

Uma das participantes referiu-se à praça como o “[...] cartão postal da minha casa” (E4). É interessante pensar nas duas metáforas: a praça é o *cartão postal*, e a *casa* é a cidade. A cidade é percebida como “casa”, como lugar onde se habita, como morada. O “cartão postal”, a praça, traduz o orgulho de ser habitante da cidade. A partir da fala de E4, pode-se ponderar que os sentidos e significados são produtos e produtores das subjetividades, logo a cartografia da cidade é extrapolada, para dar lugar à cidade simbólica, à praça simbólica, frutos das experiências humanas nos espaços urbanos.

Hissa & Mello(2008) consideram que as cidades podem assumir a condição de lugar, e também podem conter infinitos lugares distinguidos por pessoas ou por grupos – dessa forma a praça configura-se como um destes lugares onde se inscrevem histórias. O lugar é o espaço vivido, e isto fica exemplificado na fala da aposentada de 61 anos que vibra ao falar do “*povo na praça*”: a participante conta que a praça reúne pessoas de variados grupos sociais e faixas etárias – usa como exemplo as manifestações artísticas na praça, que mesclam distintos grupos culturais e pessoas com diferentes interesses. E a aposentada completa: “[...] então você vê a praça *viva*” (E4).

Além das metáforas que remeteram a significados individuais ou do grupo social, todos os catorze entrevistados mencionaram que a praça representa *lazer* para a cidade – e lazer gratuito, para todas as idades, para todas as classes sociais, e para pessoas com diferentes interesses e necessidades. Logo, este significado da praça remete à cidade para todos, e aos espaços favoráveis à felicidade, referidos por Lefebvre (2001).

Enquanto alguns entrevistados referiram-se à praça com metáforas associadas a emoções (coração da cidade, cartão postal, etc.), outros a apontaram como um elemento na organização simbólica que se tem do mapa da cidade. A praça foi citada como um ponto de referência para encontrar ou reencontrar outras pessoas, como exemplifica a fala da dona de casa de 30 anos:

[...] é um ponto onde há... ‘sabe lá na pracinha, lá nos encontramos’, então é o ponto, às vezes assim, nós nos separamos tipo, com minha irmã, com meu marido, e aí ‘oh, nos encontramos lá na pracinha’, é aqui o nosso ponto para voltar para casa, né, ou qualquer coisa. (E8)

A praça destaca-se pelo seu entorno que congrega o comércio e os serviços, como fala E7: “[...] é um ponto muito importante pelo entorno que tem, tem muita coisa importante ao redor da praça, então frequentar aqui, e passar por aqui, exprime negócios, exprime saúde, religião, compra”. Como proposto por Lynch (1960), alguns espaços urbanos, como é o caso da praça, possuem uma identidade que os distingue e os destaca do contexto, ao mesmo tempo em que se relacionam com o observador e o entorno. Além disso, a praça possui um significado, que denota uma implicação emotiva e/ou funcional para a pessoa.

Utilizar a praça como um marcador no mapa cognitivo da cidade auxilia o habitante na sua localização e locomoção. A representação simbólica por meio de mapas pode parecer arbitrária em um primeiro momento, mas congrega elementos organizadores do espaço, preferências de trajetos, marcos perceptuais que aglutinam significados e também lugares carregados de afetividade e histórias.

6.3.2 Subcategoria 3.2 – Memória

A **subcategoria 3.2** refere-se às memórias individuais relacionadas ao ambiente da praça, a histórias partilhadas na comunidade, elementos que remetam a história do município e aspectos físicos da praça que evocam memórias. Twigger-Roos & Uzzel (1996) destacam que os ambiente físicos inscrevem-se na história de vida dos indivíduos, pois funcionam como representações concretas de acontecimentos da vida, e demarcam o presente e passado por meio das lembranças associadas aos lugares. Um exemplo é a fala de E11, de 61 anos, que associa a praça a sua infância:

[...] então eu tenho a lembrança de idade de sete anos, dos Campos Novos com esta praça aqui, claro era menos, não tinha calçamento, era menos coisa, né? Era mais árvores, mas esta praça, desde que eu nasci, está aqui... / Ela é um pedaço da história da minha vida. (E11)

As metamorfoses do espaço urbano ganham vida na fala dos antigos moradores, e seus testemunhos confrontam os antigos e atuais lugares, cujas sobreposições dão forma à história local. Através das memórias e dos espaços partilhados é possível acessar parte da história do lugar. Um exemplo é do aposentado de 85 anos que vai quase todos os dias à praça, e no início da entrevista diz que não gosta de nada no

local e que nada faz ali. À medida que a entrevista avança, conta de sua preocupação com o pinheiro (Figura 19), uma das poucas árvores que sobreviveu a devastação causada pelo vendaval.



FIGURA 19

O pinheiro e a memória local. Fonte: acervo da pesquisadora.

Em meio às divagações, olhando para o pinheiro, E3 discorre sobre a importância das serrarias para a economia local e o crescimento da cidade. E, apesar de afirmar que não “*não faz nada na praça*”, revelou que sempre verifica se o pinheiro tem água suficiente para sobreviver e se está bem irrigado. O pinheiro o faz lembrar-se do motivo que o levou a morar em Campos Novos: trabalhar na extração da madeira, na década de 50. Ao olhar para a árvore, as memórias pessoais e a história do lugar brotam:

Única coisa que eu desejaria aqui, é que não secasse aquele pinheiro [...] É uma coisa só que eu queria que ficasse, porque é a recordação do povo daqui...madeira... pinheiro...é...aqui começou só com madeira em roda ali, derrubaram pinheiro, muita gente de fora... (E3)

Em sua caminhada diária, E3 percorre o caminho pavimentado da praça – mas também percorre memórias. Sua fala conduz à pergunta: seria o espaço concreto a prova de que a história ocorreu? O lugar, carregado de significados, constitui e é constituído pelas identidades individuais e coletivas – e com elas transforma-se. Se um lugar deixa de existir – como é o que ocorre nos velhos centros urbanos, onde as

antigas casas dão lugar a edifícios – sua supressão e o apagamento das memórias implica no desaparecimento das identidades e dos valores outrora partilhados pelo grupo social local (Hissa & Mello, 2008). Portanto, é possível pensar que o lugar é mais que palco dos acontecimentos, o lugar é a própria história.

E, se o lugar é a própria história, a praça erige-se como marco, cujos traços do passado comunicam-se com os traçados atuais, de forma que presente e passado estão lado a lado. É interessante pensar que a praça manteve o antigo desenho, com poucas modificações feitas durante a reconstrução. O que sofreu grande mudança foi o paisagismo, a iluminação e a pavimentação. A possibilidade de encontrar o parquinho e os monumentos no mesmo lugar, ou até mesmo o velho pinheiro que sobreviveu, permite que as memórias afetivas sejam evocadas e revividas, como exemplifica a comerciante E12, 59 anos:

[...] é aqui, que a gente teve um pouco da infância aqui, é tenho foto de quando eles eram pequenos (os filhos). O que traz bastante recordação são aquelas árvores, que tinha aqueles passarinhos, tinha aquelas pombas embaixo, sabe? [...] eu queria voltar naquele tempo que tinha meus filhos pequenos e traze-los aqui de novo. [...] coisas boas, as lembranças... (E12)

A travessia na praça é permeada por reminiscências da história pessoal, cujos registros estão no corpo e na alma, frutos das afecções despertados pelo lugar concreto e pelo lugar que povoa os pensamentos e compõe as lembranças. A moradora E5, 47 anos, dá uma ideia da praça como parte de si, quando usa expressões como “*parte de mim*”, “*parte da minha vida*” e “*não consigo imaginar sem*” (a praça). Ao descrever isso, comove-se, fica com os olhos marejados de lágrimas e explica que a vida toda morou a 100 metros da praça, que tornou-se extensão do lar, extensão de si. E completa: “[...] se me mudasse daqui eu sentiria muita falta da praça”.

Nos lugares, passado e presente representam camadas de história que se sobrepõem. Isso fica exemplificado na fala desta professora:

[...] porque a praça antiga ficou pruma época que era de quando meu pai veio para cá, então pensa assim, há sessenta anos atrás era uma praça muito bonita, só que ela não era mais viável para Campos Novos, hoje, essa praça de hoje é uma praça viável para nós hoje, Campos Novos hoje com trinta e quatro mil habitantes, então é uma

praça que está sendo realmente usada, usufruída.
(E5)

A praça estudada, que os entrevistados referem-se como a “praça antiga”, foi pouco usufruída por pelo menos duas décadas (anos 90 e 2000) e sua reconstrução, em 2012, deu lugar a novas histórias e novos sentidos. A (re)apropriação pela população revela a potência do lugar, aponta para o futuro e para uma nova forma de ocupação dos espaços públicos. A nova praça respeita a história da cidade, mas sua ocupação não denota retorno “ao que era” nem retorno a um passado idealizado como “a melhor época” – a nova ocupação relaciona-se com evolução e com a retomada da cidade com maior potência de agir e existir.

7. Considerações Finais

Ao realizar esta pesquisa, nosso intuito foi compreender a afetividade dos habitantes em relação à sua praça central, sob a perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. A primeira parte de nossas considerações finais será reservada para a discussão da metodologia, os acertos, os percalços e as impressões do campo de coleta. A segunda parte versará sobre as reflexões suscitadas durante a discussão dos resultados.

Para construir a revisão de literatura, recorreremos à psicologia, à geografia urbana e à arquitetura. Este diálogo entre as ciências é marca constitutiva da área de estudos pessoa-ambiente. Ao propor-se compreender as interações entre pessoas e ambientes considerando sua complexidade, a Psicologia Ambiental extrapola as fronteiras da ciência psicológica para dialogar com outras disciplinas. Portanto, a PA investiga as experiências humanas em sua concretude definindo-as em seus aportes ambiental, histórico e psicossocial.

Sobre a escolha da temática e o referencia teórico, verificamos que alguns estudos realizados em parques¹⁶ aproximavam-se, mas não coincidiam com a proposta da presente pesquisa, na medida em que tais estudos tiveram como escopo aspectos relacionados a emoções e sentimentos sob a perspectiva teórica do apego ao lugar (*place attachment*). Podemos citar como exemplo, uma pesquisa em um parque no Canadá, cujos resultados sugerem que vínculos funcionais, cognitivos e emocionais com os parques são preditores de engajamento e conservação dos ambientes (Halpenny, 2006). Dados de outra pesquisa realizada nos Estados Unidos apontam que o apego ao lugar, bem como o significado atribuído ao lugar, são elementos que devem ser levados em conta ao se planejar e fomentar o uso de espaços públicos (Kyle, Graeff & Manning, 2005). Por conta da possibilidade de estudar praça pública sob uma perspectiva teórica distinta, sentimo-nos encorajadas a levar adiante a presente pesquisa, empregando a afetividade como categoria mediadora entre habitante e praça pública, e sua articulação com o conceito de lugar.

A metodologia ancorou-se no novo paradigma do pensamento sistêmico, na tentativa de compreender as relações entre o espaço físico

¹⁶ Neste estudo adotou-se a definição do Ministério do Meio Ambiente (Brasil, 2014): parque urbano é uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, no entanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos.

da praça pública, os comportamentos observáveis e a afetividade, sem inferir causalidade linear. Deriva daí o pressuposto da complexidade, que implica na inexistência de um desfecho único ou “conclusão final”. Diante disso, entendemos que esta pesquisa contribui para a discussão acerca da afetividade que se manifesta nos e pelos espaços públicos, mas não pretende ser conclusiva ou generalizável. Pelo contrário, os resultados aqui discutidos costuram-se a tantos outros retalhos na colcha tecida pelos pesquisadores que têm a cidade como campo e objeto de estudo.

Apontaremos alguns percalços que nos ajudam a ponderar as possibilidades de novos estudos sobre esta temática. A afetividade foi investigada a partir dos discursos dos frequentadores da praça, e a escolha dos participantes foi do tipo intencional não probabilístico. Esta opção de seleção de participantes encerrou o desafio da análise de conteúdo de entrevistas de algumas pessoas cuja forma de expressão e vocabulário muito se afasta do que estamos acostumadas na academia. Para nós, foi um exercício importante para captar a profundidade que reside na simplicidade.

Ao nos apoiarmos no pressuposto sistêmico da instabilidade da realidade, entendemos que a metodologia de análise das entrevistas cumpriu a proposta da pesquisa acadêmica, mas é apenas um esboço da praça, cuja vida pulsante tem cheiros, cores e sons que não podem ser apreendidos em um estudo: os olhares, a respiração, o dedo que aponta para a árvore e para a flor. A memória de infância que faz o peito arfar. A alegria de ter um lugar para o lazer e para o encontro da família, e que não se traduz apenas em palavras, mas é demonstrada no sorriso no rosto e no corpo relaxado que se recosta no banco da praça. É o lugar sentido pelos corpos, que aumentam sua potência de existir e são movidos por emoções e sentimentos potencializadores.

Assumimos que o estabelecimento das categorias de análise das entrevistas foi instrumental e que poderiam ter sido adotadas diferentes divisões. Um dos desafios da análise de conteúdo foi o isolamento de seus elementos, já que nas falas dos participantes as afecções, as memórias, as ações, os significados e os simbolismos, amalgamaram-se aos elementos concretos da praça. É pensando nisto, nestas fusões nos relatos, que tomamos emprestada a expressão de Hissa e Nogueira (2013, p.56), a “cidade é cidade-corpo”, e entendemos que a *praça é praça-corpo*. Os relatos transpareceram a conexão dos corpos que circulam naquela praça e que a percebem e sentem com “*os músculos e ossos*” (Tuan, 1983, p.203).

Por conta disso é que, para estudos futuros, sugerimos a inclusão de um painel de especialistas (Pinheiro, Farias e Abe-Lima, 2013), cujas informações poderão ser dialogadas com os dados das entrevistas com a finalidade de aprofundamento de alguns aspectos. Em nossa pesquisa, a opção pela seleção intencional não probabilística de participantes conduziu à saturação dos dados na décima quarta entrevista, o que permitiu a discussão de todas as categorias de análise de forma satisfatória, mas não propiciou maior exploração de questões que emergiram no campo de coleta.

Uma das dificuldades foi a impossibilidade de realização de entrevistas longas, dado o fato de que os participantes estavam em seu momento de lazer e descanso, ou acompanhados por crianças ou familiares. Daí a sugestão de novos estudos que incluam o painel de especialistas, que admitirá um maior aprofundamento de indagações relacionadas à identidade urbana, senso de comunidade e pertencimento, estima, autoestima e cidadania – fatores disparados pela nova apropriação da praça por parte dos habitantes. Outra vantagem do painel é a possibilidade de agendamento das entrevistas e um maior tempo para realizá-las em profundidade.

A opção de utilização do mapeamento comportamental respondeu ao primeiro objetivo específico de descrever os aspectos de uso da praça. Consideramos que sua aplicação atendeu a nossa necessidade de síntese da “vida na praça”, sempre tendo em vista, evidentemente, as limitações inerentes a um protocolo com categorias comportamentais. Destacamos aqui os dados finais, que indicaram que em uma semana de uso a praça recebe 4.375 visitas. Em uma situação hipotética¹⁷, se considerássemos que cada visita foi feita por um indivíduo diferente, poderíamos assinalar que, em uma semana de uso, 12% da população da cidade¹⁸ utiliza a praça, durante o período de inverno cujas temperaturas chegaram a 10°C.

O mapeamento comportamental possibilitou a quantificação de alguns comportamentos realizados na praça, e aqui daremos destaque ao comportamento de travessia, que representou 22% das ocorrências observadas. Ou seja, das 4.375 visitas à praça, 975 delas configuraram travessia. Ela diferencia-se do comportamento de caminhar ou

¹⁷ O número total de visitas considera a possibilidade de que o mesmo indivíduo tenha sido marcado mais de uma vez ao longo da semana. O instrumento de MC quantificou o total de visitas e não o número total de indivíduos.

¹⁸ Total de 35.054 habitantes.

perambular, pois faz uso do espaço público como local de passagem. Alguns entrevistados descreveram esse comportamento como um ato motivado, já que, ao locomover-se a pé no centro da cidade, cruzam a praça para apreciá-la, mesmo tendo várias opções de trajetos e até mesmo, trajetos mais curtos.

A travessia nos ajudou a refletir sobre o conceito de lugar. Os caminhos percorridos e as pausas possibilitam a constituição dos lugares e, com o tempo, “[...] o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar” (Tuan, 1983, p.200). Logo o lugar é estável mas não estanque: a travessia na praça é movimento, mas não é um movimento desconectado do espaço físico. Ela também pode ser uma experiência corpórea na cidade. A praça é convite para pausa e para movimento, para sentar na grama e para ser atalho no centro da cidade. Por conta disso figura como bom exemplo quando se pensa o lugar como produção humana, cujos ritmos e fluxos não retiram sua condição de existência enquanto lugar (Hissa & Corgosinho, 2006), já que não é a ausência do movimento que o define: o lugar desvela-se nas inter-relações de pessoas e o espaço concreto, e é um processo de construção coletiva e datada.

Na praça estudada, os afetos advêm nas relações estabelecidas com um “outro”, que pode ser a cidade, o banco da praça, a flor, a pessoa desconhecida que passa e deseja um bom dia – tais sentimentos e emoções modificam as capacidades dos corpos para a ação e impelem os pensamentos a novas direções. Nesta perspectiva, ao serem convidados a discorrer sobre a praça, os entrevistados o fizeram por meio das cognições, emoções e sentimentos que compõem a afetividade: é o “sentir” como ferramenta para “conhecer” a praça.

Desta forma foi possível responder ao segundo e terceiro objetivos desta pesquisa, que almejavam distinguir a afetividade e ao mesmo tempo compreender as interações entre os atributos do ambiente e a afetividade. Durante as entrevistas, algumas pessoas remeteram-se aos aspectos físicos da praça – suas percepções e motivos relacionaram-se à concretude do ambiente físico e sua interação com ele. De forma distinta, alguns entrevistados, quando perguntados sobre o seu “estar na praça”, fizeram referência a sentimentos e emoções despertados pelo lugar, sem preocupar-se com a descrição dos elementos físicos. Como em uma paleta de cores, as falas revelaram múltiplas tonalidades dos afetos do corpo e da alma.

Observamos que na praça pesquisada é comum encontrar pessoas sozinhas, caminhando com passadas lentas, paradas em pé ou sentadas em banco. A possibilidade de permanecer no local para pensar, meditar,

relaxar e esvaziar os pensamentos é referida como motivação para ir à praça, e permite aos entrevistados reconectarem-se à cidade e a si mesmos. Sentimentos de estima pela cidade (Bomfim, 2010) brotam dos momentos de meditação, enquanto observam o chafariz, a flor, o idoso que passa.

Na fala dos entrevistados, a permanência na praça remete a descanso, relaxamento, tranquilidade, aconchego, bem estar e alívio – estas menções associam-se, em geral, a aspectos da jardinagem e da beleza. Sentimentos de paz, harmonia e aconchego também são apontados como fatores que estimulam o retorno ao local. O sentimento de admiração foi associado ao aspecto estético da praça, cuja beleza foi mencionada por todos os entrevistados. Para aqueles que percebem a praça como “distração”, “diversão” e “lazer”, os sentimentos são de bem estar e alegria - tais menções estão relacionadas, em geral, aos encontros que os entrevistados têm com outras pessoas, e podem assumir múltiplas formas: conversar com um amigo, olhar os filhos brincar, observar os transeuntes.

Um aspecto que merece atenção para próximos estudos é a emergência da autoestima. A praça se fez estimada, motivou o orgulho do habitante da cidade e fortaleceu os laços de identificação e pertencimento. A reconstrução e nova estética da praça despertou a afetividade que extrapola o perímetro da praça e transcende para a cidade, quando o habitante diz que a praça é o “orgulho da cidade”, o “coração da cidade”, ou quando o habitante, ao olhar para a praça, exclama que tem orgulho de ser morador dali. Destacamos a estima e a autoestima como fatores que justificam e argumentam em favor da construção ou renovação das praças públicas, já que se desdobram na implicação da pessoa com a cidade onde mora.

Para pensar o papel da praça pública na atualidade, é mister considerar a lógica da velocidade na qual estamos inseridos. Além disso, tem-se o fenômeno da globalização, que impõe o desafio de se repensar a questão local, que sugere a necessidade de revisitar os lugares no mundo atual e encontrar seus novos significados. Por conta disso esta pesquisa procurou reposicionar o que é a praça pública na época presente, sem incorrer na armadilha de crer que a antiga praça era o modelo “certo” ou “bom” de praça: buscamos abandonar a visão romantizada da praça, e buscar compreender seu significado para as gerações atuais, ao pensar o espaço público em um processo de co-construção.

Ora, se é um processo de co-construção, e se o desafio é compreender as inter-relações entre pessoas e ambiente dentro da

premissa da complexidade, não se pode considerar o habitante e o espaço público em um jogo de figura e fundo. Se pessoa e ambiente constituem-se como totalidade – e são figura – a proposta é tomar a vida urbana como fundo, para pensar as relações. A experiência com este ambiente físico que não é apenas contexto – mas produto e produtor de histórias – nos instiga, como propõe Lefebvre (2001), a “considerar a utopia experimentalmente” para se pensar espaços favoráveis à felicidade

E qual seria este espaço favorável à felicidade? Na Praça Lauro Müller, a multifuncionalidade, a acessibilidade e o aspecto inclusivo do espaço foram percebidos como fatores que influenciam positivamente a percepção que os habitantes têm do local. Tais aspectos físicos, somados, constituem a praça como lugar de encontro de pessoas com necessidades diferentes. Além disso, a praça comporta a coexistência de reuniões, atividades físicas, concertos musicais, teatro, piquenique, feiras, serviços religiosos, passeatas de ONGs, e permite sua apropriação por um grande número de habitantes da cidade, que manifestam interesses distintos. A praça impõe-se como espaço da alteridade, e por isso fica a pergunta: a configuração física pode contribuir para a pluralidade, ou a simples condição de ser “público” a garante?

A praça erige-se como zona de tensão: sua ocupação é plural, onde múltiplos discursos e práticas convivem. Há quem relate as discussões da comunidade no jornal local, do que seria o uso daquele espaço: skate ou caminhada? Idosos ou crianças? Calma ou pressa? Silêncio ou ruído? Não há consenso, todos continuam lá, congregando os dissensos e contradições da cidade, e garantindo o “direito à vida urbana” (Lefebvre, 2001) que se transforma e se renova – e só na cidade encontra sua realização prático-sensível.

Mais do que espaço para descanso ou para travessia, a praça pública encerra biografias e pode servir como representação concreta de eventos da vida, já que uma das qualidades dos lugares é permitir às pessoas compararem presente e passado através das lembranças a eles associados. Esta pesquisa nos permitiu contemplar o seguinte quadro: não basta ser público para celebrar as diferenças. O espaço concreto comunica um convite que pode ser direcionado a todos ou apenas a alguns grupos sociais. Além de convocar sua ocupação, a concretude do ambiente pode anunciar o esvaziamento dos espaços públicos. Na praça pública pesquisada o convite aos visitantes inscreve-se no chão, nos jardins, nos equipamentos. A praça *convida*. Ao compreender a afetividade como mediadora da relações, podemos pensar a praça pública como lugar de encontro: encontro com a cidade e encontro com

as outras pessoas. E se for palco para os bons encontros, a praça carrega a marca da alegria, de onde emergem relações de igualdade: é a praça *com vida*.

8. Referências

- Almeida, L.F.R, Bicudo, L.R.H., & Borges, G.L.A. (2004). Educação ambiental em praça pública: relato de experiência com oficinas pedagógicas. *Ciência & Educação*, 10(1), 121-132.
- Alves, A.J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 77. 53-61.
- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Editora Pioneira.
- Andrade, L.T., Jayme, J.G., & Almeida, R.C.(2009). Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. *Cadernos Metrópole*, 21, 131-153.
- Aragonés, J.I., & Américo, M. (1998). *Psicología Ambiental*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Barbini, F., Ramalheite, F. (2012) A praça: intervenções contemporâneas em espaços do patrimônio. *Urbe. Revista de Gestão Urbana*. 4(2), 233-244.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barthold, L.S. (2012) Rorty, religion and the public-private distinction. *Philosophy & Social Criticism*, 38(8), 861-878.
- Bertini, F.M.A. & Bomfim, Z.A.C. (2013). Afetos de idosos em intervenções urbanas no centro de Fortaleza/CE. *Revista FSA*. 10 (2-17), 302-326.
- Biara, R.W., Alkama, D., & Nabou, M. (2013). The quest for a quality environment, in the urban outside space in Bechar. *Energy Procedia*, 36, 34-41.
- Bomfim, Z.A.C. (2008). Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: Pinheiro, J.Q, & Günther, H. (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. (pp.254-280). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bomfim, Z.A.C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC.
- Bow, V.; Buys, L. (2003). Sense of community and place attachment: the natural environment plays a vital role in developing a sense of community. [Paper presented to the Social Change in the 21st Century Conference. Queensland]. Disponível em <http://eprints.qut.edu.au/115/1/Bow&Buys.pdf>.
- Brasil. (2014). Ministério do Meio Ambiente. *Áreas verdes urbanas*. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes>
- Canter, D.V., Craik, K.H. (1981). Environmental Psychology. *Journal of Environmental Psychology*, 1, 1-11.
- Carlos, A.F.A. (1994). *A (Re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Editora da USP.
- Carrus, G., Scopelliti, M., Laforteza, R., Colangelo, G., Ferrini, F., Salbitano, F., Agrimi, M., Portoghesi, L., Semenzato, P., & Sanesi, G. (2015). Go greener, feel better? The positive effects of biodiversity on the well-being of individuals visiting urban and peri-urban green areas. *Landscape and Urban Planning*, 134, 221-228.
- Cavalcante, S. & Elali, G.A. (orgs.) (2011). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- Cavalcante, S. & Nóbrega, L.M.A. (2011) Espaço e Lugar. In: Cavalcante, S. & Elali, G.A. (orgs.) (2011). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes. 182-190.
- Corral-Verdugo, V. (2005). Psicologia Ambiental: Objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. *Psicologia USP*, 16(1/2), 71-87.
- Cortéz, G.I.C. (2011). El origen de la plaza en México: usos y funciones sociales. *Argumentos*, 24(66), 83-118.

- Cosco, N.I., Moore, R.C., & Islam, M.(2010). Behavior mapping: a method for linking preschool physical activity and outdoor design. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, 513-519.
- Creswell, J.W. (2010). *Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Damasio, A.R. (2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3ª. Ed. São Paulo: Cia das Letras.
- De Angelis, B.L.D., De Angelis Neto,G., Mota, C.R., Scapin,C.R., Mano, L.R., Schiavon, V.S. et al (2005). Avaliação das praças em Maringá, Estado do Paraná, Brasil. *Acta Scientiarum. Agronomy*. 27(4), 629-638.
- De Lucca, G.R., & Pimenta, M.C.A. (2015). O processo de renovação das áreas centrais nas cidades contemporâneas. *Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 792), 268-280.
- Edwards,N., Hooper,P., Trapp,G.S.A., Bull,F., Boruff, B., & Giles-Corti,B. (2013) Development of a public open space desktop auditing tool (POSDAT): a remote sensing approach. *Applied Geography*, 38, 22-30.
- Elali, G. A. (2013). Relations entre comportement humain et environnement: une réflexion fondée sur la psychologie environnementale. In: Jean-Paul Thibaud; Cristiane Rose Duarte. (Org.). *Por une écologie sociale de la ville sensible: ambiances urbaines en partage*. 1ed. Genève: MetisPresses.
- Escobar, M.P. (2014). The power of (dis)placement: pigeons and urban regeneration in Trafalgar Square. *Cultural Geographies*, 21(3), 363-387.
- Espinosa, B. (1992). *Ética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Ferrara, L.D. (1996). As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: Del Rio, V., & Oliveira, L. (orgs.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel. P.61-80.

- Ferreira, M.R. (2004). Problemas ambientais como desafios para a psicologia. In: Günther, H. & Pinheiro, J.Q.; Guzzo, R.S.L. (orgs.) *Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente* (pp.18-30). Campinas: Alínea.
- Fonseca, T.M.G. (2003). A cidade Subjetiva. In: *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS Editora. P. 253-257.
- Foster, S., Giles-Corti, B., & Knuiman, M. (2014). Does fear of crime discourage walkers? A social-ecological exploration of fear as a deterrent to walking. *Environment and Behavior*, 46(6), 698-717.
- Foster, S., Knuiman, M., Wood, L., & Giles-Corti, B. (2013). Suburban neighbourhood design: associations with fear of crime versus perceived crime risk. *Journal of Environmental Psychology*, 36, 112-117.
- Francis, J., Johnston, M., Robertson, C., Glidewell, L., Entwistle, V., Eccles, M. P., & Grimshaw, J.M. (2010). What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studies. *Psychology and health*, 25 (10), 1229-1245.
- Francis, J., Giles-Corti, B., Wood, L., & Knuiman, M. (2012a) Creating sense of community: the role of public space. *Journal of Environmental Psychology*, 32, 401-409.
- Francis, J., Wood, L., Knuiman, M., & Giles-Corti, B. (2012b) Quality or quantity? Exploring the relationship between public open space attributes and mental health in Perth, Western Australia. *Social Science & Medicine*, 74, 1570-1577.
- Freire, J.C., Vieira, E.M. (2006). Uma escuta ética de psicologia ambiental. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 32-37.
- Freitas, W.K., Pinheiro, M.A.S, & Abrahão, L.L.F. (2015). Análise da arborização de quatro praças no bairro da Tijuca, RJ. *Floresta e Ambiente*, 22(1), 23-31.
- Gibbs, G. (2009) *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.

- Gifford, R., Steg, L., & Reser, J. P. (2011). Environmental psychology. In P. Martin, F. Cheung, M. Kyrios, L. Littlefield, M. Knowles, B. Overmier, & J. M. Prieto (Eds.), *The IAAP Handbook of Applied Psychology*. New York: Oxford.
- Gil, A.C. (1991). Como classificar as pesquisas? In:_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas. Pp. 45-62.
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In: Bonnes, M., Lee, T., & Bonaiuto, M. (Eds.). *Psychological theories for environmental issues*. Aldershot: Ashgate.
- Giuliani, M. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: Tassara, E.T., Rabinovich, E. P., & Guedes, M. *Psicologia e Ambiente* (p. 413). São Paulo: EDUC.
- Giuliani, M.V., Ferrara, F., & Barabotti, S. (2003). One Attachment or more? In: Moser, G., Pol, E. , Bernard, Y., Bonnes, M., Corraliza, J.A., & Giuliani, M.V. (ed.). *People, places and sustainability*. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers. Pp.111-122.
- Giuliani, M., & Feldman, R. (1993). Place attachment in a developmental and cultural context. *Jornal of Environmental Psychology*, 13, 267-274.
- Gleizer, M.A. (2005). *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Guest, G., Bunce, A., & Johson, L. (2006). How Many Interviews Are Enough? An Experiment with Data Saturation and Variability. *Field Methods*, 18 (1), 59-82.
- Gunther, H., Elali, G., & Pinheiro, J. (2004). A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-ambiente: características, definições e implicações. *Série: Textos de Psicologia Ambiental*. 23, 1-9.
- Günther, H. & Rozestraten, R. J. A. (2005). Psicologia Ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Textos de Psicologia Ambiental*, 10, 1-7.

- Grose, M.J. (2009) Changing relationships in public open space and private open space in suburbs in south-western Australia. *Landscape and Urban Planning*, 92, 53-63.
- Hajmirsadegui, R.S., Shamsuddin, S., & Forougui, A. (2014). The relationship between behavioral & psychological aspects of design factors and social interaction in public squares. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 140, 98-102.
- Halpenny, E.A. (2010). Pro-environmental behaviours and park visitors: the effect of place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 409-421.
- Heller, A. (2009). *A theory of fellings*. 2nd ed. Lanhan: Lexington Books.
- Hernandez Sampieri, R. Fernández Collado, C. Baptista Lucio, P. (2006). Definición del alcance de la investigación a realizar: exploratoria, descriptiva, correlacional o explicativa. In: _____. *Metodología de la investigación*. (4 ed., PP. 99-117). México D.F.: McGraw Hill Interamericana.
- Hernández, B. Hidalgo, M.C., Salazar-Laplace, M.E., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27, 310-319.
- Hidalgo, M. C. Aspectos socioafectivos del medio ambiente: el apego al lugar. (2002) In: Garcia Mira, R., Sabucedo Cameselle, J.M., & Romay Martinez, J. (eds). *Psicología y medio ambiente: aspectos psicosociales, educativos y metodológicos*. Coruña: Publiedisa. pp.159-169.
- Hidalgo, M. C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281.
- Hissa, C. E. V. & Corgosinho, R. R. (2006). Recortes de lugar. *Geografias*, 2 (1), p. 07-21.
- Hissa, C.E.V. & Mello, A.F. (2008). O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo. In: Hissa, C.E.V. (org.). *Saberes*

ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Hissa, C.E.V. & Nogueira, M.L.M. (2013). Cidade-corpo. *Revista UFMG*, 20(1), p.54-77.
- Hulsmeyer, F.A., Silva, R.H., Purificação, C.S., Barreto, M.I.M., & Rodrigues, R. (2011). A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. *Acta Scientiarum. Technology*. 33(2), 113-121.
- Ittelson W. H., Proshansky H. M., Rivlin, L. G. & G. H. Winkel. (2005). Homem Ambiental. *Série: Textos de Psicologia Ambiental*, 14, 1-9.
- Koohsari, M.J., Karakiewicz, J.A., & Kaczynski, A.T. (2012). Public open space and walking: the role of proximity, perceptual qualities of the surrounding built environment, and street configuration. *Environment and Behavior*, 45(6) 706–736.
- Koohsari, M.J., Kaczynski, A.T., Giles-Corti, B., & Karakiewicz, J.A. (2013) Effects of access to public open spaces on walking: is proximity enough? *Landscape and Urban Planning*, 117, 92-99.
- Koohsari, M.J., Mavoa, S., Vallanueva, K., Sugiyama, T., Badland, H., Kaczynski, A.T., Owen, N., & Giles-Corti, B. (2015). Public open space, physical activity, urban design and public health: concepts, methods and research agenda. *Health & Place*, 33, 75-82.
- Kramer, J.A., & Krupek, R.A. (2012). Caracterização florística e ecológica da arborização de praças públicas do município de Guarapuava-PR. *Revista Árvore*, 36(4), 647-658.
- Kuhnen, A. (2009). Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: Kuhnen, A., Cruz, R.M., & Takase, E. (org). *Interações pessoa-ambiente e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kuhnen, A. (2013). Percepções da comunidade universitária sobre o Bosque do Planetário - Campus Universitário da UFSC. *Revista de Ciências Humanas*, 46, 383-397.

- Kyle, G; Graefe, A & Manning, R. (2005) Testing the dimensionality of place attachment in recreational setting. *Environment and Behavior*, 37 (2), 153- 177.
- Lapham, S., Cohen, D.A., Han, B., Williamson, S., Evenson, K.R., McKenzie, T., Hillier, A. & Ward, P. (2015). How important is perception of safety to park use? A four-city survey. *Urban Studies*, 1-13.
- Lee, N.K. (2009). How is a political public space made? – The birth of Tiananmen Square and the May Fourth movement. *Political Geography*, 28, 32-43.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. (5ª. Ed). São Paulo: Centauro.
- Lima, D.M.A., & Bomfim, Z.A.C. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico (PUCRS)*, 40(4), 491-497.
- Lin, T. (2009). Thermal perception, adaptation and attendance in a public square in hot and humid regions. *Building and Environment*, 44, 2017-2026.
- Low, S.M. (1992). Symbolic ties that bind. In: Altman, I., & Low, S.M. (Ed.). *Place attachment*. New York: Plenum Press. 165-185.
- Low, S.M. Cerrando y reabrindo el espacio público en la ciudad latinoamericana. (2009). *Cuadernos de Antropología Social*, 30, 17-38.
- Luz, G.M. & Kuhnen, A. (2013). O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 552-560.
- Lynch, K. (1960) *The image of the city*. Cambridge: MIT Press.
- MacDonald, D.H., Crossman, N.D., Mahmoudi, P., Taylor, L.O., Summers, D.M., & Boxall, P.C. (2010) The value of public and private green spaces under water restrictions. *Landscape and Urban Planning*, 95, 192-200.

- Manini, M.P., Marchioro, A.A., Colli, C.M., Nishi, L., & Guilherme, A.F. (2012). Association between contamination of public squares and seropositivity for *toxocara* spp. in children. *Veterinary Parasitology*, 188, 48-52.
- Manzo, L.C. (2003). Beyond house and heaven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61.
- Manzo, L.C. (2005). For better or worse: exploring multiple dimensions of place meaning. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 67-86.
- Martinelli, L., Battisti, A., & Matzarakis, A. (2014) Multicriteria analysis model for urban open space renovation. *Sustainable Cities and Society*, (in press).
- Marušić, B.G., & Marušić, D. (2012). Behavioural Maps and GIS in Place Evaluation and Design, *Application of Geographic Information Systems*, Dr. Bhuiyan Monwar Alam (Ed.), ISBN: 978-953-51-0824-5, InTech, DOI: 10.5772/47940. Available from: <http://www.intechopen.com/books/application-of-geographic-information-systems/behavioural-maps-and-gis-in-place-evaluation-and-design>
- Melik, R.V., Aalst, I.V., & Weesep, J.V. (2009) The private sector and public space in Dutch city centres. *Cities*, 26, 202-209.
- Melo, R. G. C. (1991). Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da Psicologia. *Psicologia USP*, 2 (1/2), 85-103.
- Meneguetti, K.S., Rego, R.L. & Pellegrino, P.R.M. (2005) A natureza do cotidiano urbano – o projeto da paisagem na cidade de Maringá. *Acta Scientiarum. Technology*, 27(2), 167-173.
- Menezes, M. A praça do martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição na praça no mapa social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, 32, 301-328.

- Milligan, M.J. (1998). Interactional Past and Potential: the social construction of place attachment. *Symbolic Interaction*, 21 (1), 1-33.
- Miternique, H.C. (2014). El retorno a la plaza: um caso de estudio em Concepción (Chile). *Cuadernos de Geografía*, 23(1), 39-45.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32
- Nascimento, L.L., & Trentin, F. (2011). Políticas públicas para o desenvolvimento do turismo cultural na Praça XV de Novembro – Rio de Janeiro. *Interações*, 12(2), 161-173.
- Nasution, A.D., & Zahrah, W. (2012) Public open space pravatization and quality of life, case study Merdeka Square Medan. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 36, 466-475.
- Ngesan, M.R., & Zubir, S.S. (2015). Place identity of nightie urban public park in Shah Alam and Putrajaya. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 170, 452-462.
- Ozdemir, A., & Yilmaz, O. (2008). Assesment of outdoor school environments and physical activity in Ankara's primary schools. *Journal of Environmental Psychology*, 28, 287-300.
- Paquet, C., Orschulok, T.P., Cofee, N.L., Howard, N.J., Hugo, G., Taylor, A.W., Adams, R., & Daniel, M. (2013) Are accessibility and characteristics of public open space associated with better cardiometabolic health? *Landscape and Urban Planning*, 118, 70-78.
- Peres, P.M.S. (2013). *Percepção da interação criança-natureza por cuidadores no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Perovic, S., & Folic, N.K. (2012) Visual perception of public open spaces in Niksic. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 68, 921-933.

- Pinheiro, J.Q. (2003). Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI: sustentável? In: Yamamoto, O.H., Gouveia, V. V. *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica*. (pp.280-313) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinheiro, J.Q., Elali, G.A., & Fernandes, O.S. (2008). Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: Pinheiro, J.Q, & Günther, H. (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. (pp.75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinheiro, J.Q.; Farias, T.M. & Abe-Lima, J.Y. (2013). Painel de especialistas e estratégia multimétodos: reflexões, exemplos, perspectivas. *Psico*, 44 (22), 184-192.
- Pol, E., & Valera, S. (1999). Symbolisme de l'espace public et identité sociale. *Villes en Parallèle*, 28(29), 13-33.
- Poncela, A.M.F. (2011). Antropología de las emociones y teoría de los sentimientos. *Revista Versión Nueva Época*, 26, 1-24.
- Ponte, A.Q., Bomfim, Z.A.C., & Pascual, J.G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicologia Argumento*, 27 (59), 345-354.
- Rašcović, S., & Decker, R. (2015). The influence of trees on the perception of urban squares. *Urban Forestry & Urban Greening*. 14, 237-245.
- Raymundo. L.S., Kuhnen, A., & Soares, L.B. (2011). Mapeamento comportamental: observação de crianças no parque da pré-escola. *Paidéia*, 21(50), 431-435.
- Ricardo, C.M, Siqueira, P.P., & Marques, C.R. (2013). Estudo conceitual sobre os espaços urbanos seguros. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 7(1), 200-216.
- Rocha, N.M.D., Nascimento, V.S., & Silva, A.M.S. (2013). Afeto e cidade: reflexões dos jovens sobre o viver em Sobral. *Psicologia Argumento*, 31(75), 751-760.

- Rodriguez, L. B. (2010). Práticas cotidianas de personas adultas jóvenes que viven em la plaza Zarco (Ciudad d México). *Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(1), 411-437.
- Romani, G.N., Gimenes, R., Silva, M.T., Pivetta, K.F.L., & Batista, G.S. Análise quali-quantitativa da arborização na praça XV de Novembro em Ribeirão Preto – SP. (2012). *Revista Árvore*, 36(3), 479-487.
- Rossi, F., Anderini, E., Castellani, B., Nicolini, A., & Morini, E. (2015). Integrated improvement of occupants' comfort in urban area during outdoor events. *Building and Environment*, 93, 285-292.
- Rivlin, L.G. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 215-220.
- Sawaia, B.B. (1995). O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *São Paulo em Perspectiva*, 9 (2), 20-24.
- Sawaia, B.B. (2000a). *A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa*. In: III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural: Cultura A Dimensão Psicológica e a Mudança Histórica e Cultural, São Paulo. Acessado em 01 out. 2014, de <http://www.fae.unicamp.br/br>
- Sawaia, B.B. (2000b). *Por que investigo afetividade?* Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC/SP. Impresso.
- Scannell, L. Gifford, R. (2010). Defining place attachment: a tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 1-10.
- Sennet, R. (2008). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.

- Shi, S., Gou, Z., & Chen, L.H. (2014) How does enclosure influence environmental preferences? A cognitive study on urban public open space in Hong Kong. *Sustainable Cities and Society*, 13, 148-156.
- Silva, G.C, Lopes, W., & Lopes, J.B. (2011). Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. *Ambiente Contruido*, 11(3), 197-212.
- Silva, A.T., Tavares, T.S., Paiva, P.D.O, & Nogueira, D. (2008). As praças Dr. Augusto Silva e Leonardo Venerando Pereira, Lavras – MG, Segundo a visão dos seus frequentadores. *Ciencias Agrotécnicas*, Lavras, 32(6), 1701-1707.
- Shaughnessy, J.J., Zechmeister, E.B., & Zechmeister, J.S. (2012). *Research methods in psychology*. 9ed. New York: McGraw Hill.
- Sommer, R., & Sommer, B. (2002). *A practical guide to behavioral research: tools and techniques*. New York: Oxford Press Inc.
- Souza, A.L., Ferreira, R.A., Mello, A.A., Plácido, D.R., Santos, C.Z.A., Graça, D.A.S., Almeida, P., Barreto, S.S.B., Dantas, J.D.M., Paula, J. W.A., Silva. T., & Gomes, L.P.S. (2011). Diagnóstico quantitativo e qualitativo da arborização das praças de Aracaju, SE. *Revista Árvore*, 35(6), 1253-1263.
- Sugimoto, K. (2013). Quantitative measurement of visitors' reactions to the settings in urban parks: Spatial and temporal analysis of photographs. *Landscape ans Urban Planning*, 110, 59-63.
- Tang, B., & Wong, S. (2008) A longitudinal study of open space zoning and development in Hong Kong. *Landscape and Urban Planning*, 87, 258-268.
- Tassara, E. T. d. O., & Rabinovich, E. P. (2003). Perspectivas da Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 339-340.
- Thornton, P. M. (2010) From liberating production to unleashing consumption: mapping landscapes of power in Beijing. *Political Geography*, 29, 302-310.

- Tuan, Y. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Turel, H.S., Yigit, E.M., & Altug, I. (2007) evaluation of elderly people's requirements in public open spaces: a case study in Bornova District. *Building and Environment*, 42, 2035-2045.
- Twigger-Ross, C., & Uzzel, D.L. (1996). Place identity and processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- Uzzell, D. (2005). Questionando os métodos na pesquisa e na prática interdisciplinar da Psicologia Ambiental. *Psicologia USP*. 16(1/2), 185-199.
- Vadiatti, N., & Kashkooli, A.M.S. (2011) Environmental sustainability of newly developed city squares in historic cities: case study os Isfahan-Iran. *Procedia Engineering*, 21, 829-837.
- Valera, S. (1996a). Psicologia Ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In L. Iñiguez & E. Pol (Eds.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 1-14). Barcelona: Universidad de Barcelona Publicaciones.
- Valera, S. (1996b). Análisis de los aspectos simbólicos del espacio urbano. Perspectivas desde la Psicología Ambiental, *Revista de Psicología Universitas Tarraconensis*, 18(1), 63-84.
- Valera, S., & Guardia, J. (2014). Perceived insecurity and fear of crime in a city with low-crime rates. *Journal of Environmental Psychology*, 38, 195-205.
- Vasconcellos, M.J.E. (2013). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Velásquez, J.G. (2005). Continuidad y cambio en la organización de los espacios arquitectónicos de Huaca de la Luna y Plataforma A de Galindo, costa norte del Perú. *Bulletin de l'Institut Francais d'Études Andines*, 34(2), 161-183.

- Viegas, C.C.L., Silva, E.A.R., & Elali, G.A. (2014). Um oásis urbano: dois estudos das interações pessoa-ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN. *Psico*, 45(3), 305-315.
- Wiesenfeld, E. Zara, H. (2012). La psicología ambiental latinoamericana en la primera década del milênio. Un análisis crítico. *Athenea Digital*, 12(1), 129-155.
- Yang, W., & kang, J. (2005) Acoustic comfort evaluation in urban open public spaces. *Applied Acoustics*, 66, 221-229.
- Zacharias, J., Stathopoulos, T., & Wu, H. (2004). Spatial behavior in San Francisco's Plazas: the effects of microclimate, other people, and environmental design. *Environment and Behavior*, 36(5), 638-658.
- Zanette, L.R.S., Martins, R.P., & Ribeiro, S.P. (2005) Effect of urbanization on neotropical wasp and bee assemblages in a Brazilian metropolis. *Landscape and Urban Planning*. 71, 105-121.

9. Anexos

Anexo 1 - Termo de Consentimento do Órgão Público Responsável



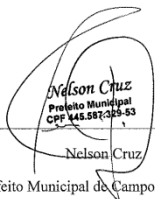
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS NOVOS

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: **“Experiências afetivas urbanas: a relação de cidadãos com sua praça central”**, a ser realizado pela mestranda **Camila Klein**, vinculada ao **Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina**.

Objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, estou de acordo com os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Portanto, autorizo a realização da pesquisa em nome da Prefeitura Municipal, permitindo a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação de seus participantes.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.



Nelson Cruz
Prefeito Municipal
CPF 445.587-35-53

Nelson Cruz

Prefeito Municipal de Campos Novos -SC

Campos Novos, 03 de fevereiro de 2015.

Anexo 2 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiências afetivas urbanas: a relação de cidadãos com sua praça central

Pesquisador: Ariane Kuhnen

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42095015.2.0000.0121

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.057.145

Data da Relatoria: 13/04/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto (CAAE: 42095015.2.0000.0121) intitula-se "Experiências afetivas urbanas: a relação de cidadãos com sua praça central", é coordenado pela pesquisadora Ariane Kuhnen. Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em psicologia da UFSC. A pesquisa é descritiva, de natureza qualitativa e corte transversal, com o fim de compreender o panorama da interação pessoa-ambiente no contexto da Praça Pública. O fenômeno psicológico a ser investigado é o da vinculação afetiva entre os cidadãos e a praça, cuja discussão será realizada dentro da proposta teórica da Psicologia Ambiental.

O período de coletas entre etapa 1 (observacional) e 2 (entrevista semi-estruturada) será no mês de maio de 2015 realizada com indivíduos que frequentem mesmo que eventualmente a praça pública central da cidade de Campos Novos-SC.

Os participantes do estudo serão 12 indivíduos acima de 18 anos, que frequentem mesmo que eventualmente o local acima citado. A metodologia utilizada será de estudo de caso, que utiliza múltiplos procedimentos de coleta e está em consonância com as estratégias utilizadas pela Psicologia Ambiental, cuja abordagem multimétodos articula

diferentes estratégias de pesquisa que possibilitam uma averiguação mais precisa das interações pessoa ambiente. A etapa inicial de coleta de dados será centrada no ambiente e utilizará o método observacional.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R. Desembargador Vitor Lima,
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesa@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 1.057.145

Esta etapa terá caráter exploratório e atenderá ao primeiro objetivo específico de caracterizar o contexto físico e de uso da praça. Realizar-se-á observação naturalista dos comportamentos dos usuários da praça, da maneira como ocorrem ordinariamente, e será utilizada a técnica de mapeamento comportamental centrado no lugar, que corresponde à representação gráfica das localizações e comportamentos das pessoas no espaço da praça. Para responder ao objetivo específico de caracterizar a vinculação afetiva dos cidadãos com a praça, a segunda etapa da pesquisa terá natureza descritiva, composta por entrevista semi-estruturada. Os dados da primeira e segunda etapas serão articulados e convergidos para responder ao terceiro objetivo proposto, que almeja distinguir se há atributos do ambiente que influenciam na afetividade. Dentre os resultados esperados estão a identificação e compreensão dos vínculos afetivos das pessoas em relação aos espaços urbanos públicos. Embora o estudo circunscreva um locus específico – a praça pública – espera-se que a discussão dos dados permita a reflexão acerca dos aspectos físicos dos espaços públicos de forma ampla e como tais espaços influenciam na afetividade. Também espera-se distinguir se tais afetos desdobram-se de fato em comportamentos de ética e cidadania.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender a afetividade de cidadãos em relação à sua praça central, sob a perspectiva das interações pessoa-ambiente.

Objetivo Secundário:

Descrever aspectos físicos e de uso da praça central. Caracterizar a vinculação afetiva dos cidadãos com a praça. Distinguir os atributos do ambiente que influenciam na afetividade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores mencionam que há riscos de os participantes sentirem algum desconforto psicológico ou constrangimento durante a realização da entrevista, e que, caso isso ocorra, poderão solicitar seu desligamento da pesquisa a qualquer tempo.

Sobre os benefícios, contribuirá para a produção de conhecimento a respeito dos vínculos afetivos estabelecidos com os espaços livres públicos das cidades, bem como oferecerá justificativas científicas para a revitalização/construção de praças, por parte do poder público, não apenas no município estudado, como em outros municípios.

Também é descrito que este estudo poderá agregar conhecimentos às pesquisas que já vem sendo realizadas no Laboratório de Psicologia Ambiental (LAPAM/UFSC) em espaços abertos públicos, e que preocupam-se em investigar as interações pessoa-ambiente em contextos de áreas verdes

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R. Desembargador Vitor Lima,
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefons: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 1.057.145

urbanas - parques públicos e bosques - e seus benefícios para o bem-estar humano.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

Os pesquisadores atenderam as recomendações indicadas pelo relator.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 11 de Maio de 2015

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima,
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

10. Apêndices

Apêndice 1 – Termo de Consentimento dos participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Camila Klein, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Prof. Dr^a. Ariane Kuhnen, intitulada: “Experiências afetivas urbanas: a relação de cidadãos com sua praça central”.

A pesquisa tem como objetivo compreender a afetividade de cidadãos em relação à sua praça central, na cidade de Campos Novos, interior de Santa Catarina. Como benefícios, acredita-se que a pesquisa permitirá uma reflexão acerca de seus sentimentos e emoções relacionados à praça, e a importância destes para a manifestação da cidadania, da ética e do cuidado. Sua participação é importante, pois se espera que a pesquisa venha a servir de subsídio para que autoridades responsáveis pelos espaços públicos invistam em revitalização e construção de praças públicas nas cidades.

O seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-lo, não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo. Sua participação acontecerá por meio do seu consentimento em responder uma entrevista semiestruturada, durante a qual haverá gravação em áudio.

O risco previsto pelas pesquisadoras é de que, durante a entrevista, você venha a sentir algum desconforto psicológico ou constrangimento. Caso isso ocorra, você poderá solicitar a interrupção das perguntas a qualquer momento. Em caso de mal estar psicológico durante a entrevista, a própria pesquisadora poderá fazer o acolhimento necessário da demanda e, se for necessário, você poderá ser

encaminhado para atendimento psicológico público ou privado, neste município, de acordo com sua preferência.

A sua participação é absolutamente voluntária, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento. Você é livre para se recusar a dar resposta a qualquer questão durante as entrevistas, parar ou desistir da participação a qualquer momento. As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração do trabalho científico que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados no meio acadêmico após a defesa da Dissertação, em data a ser agendada.

A pesquisadora responsável compromete-se a cumprir as exigências contidas na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa com seres humanos. O contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pode ser feito através do email cep.propesq@contato.ufsc.br, ou pelo do telefone (48)3721-9206 ou na Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, bairro Trindade - Florianópolis-SC, CEP 88040-900, na Biblioteca Universitária Central, Setor de Periódicos.

A pesquisadora coloca-se a disposição para dirimir quaisquer dúvidas por meio dos seguintes contatos: telefones (48) 33049057 / 91909667 ou no Campus Universitário, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia – Laboratório de Psicologia Ambiental, LAPAM, sala 11B, bairro Trindade, Florianópolis-SC, CEP 88040-970.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e que os meus dados de identificação serão sigilosos. Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso do participante:

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

Data: ____/____/____

Pesquisadora Responsável

Prof. Dr^a. Ariane Kuhnen

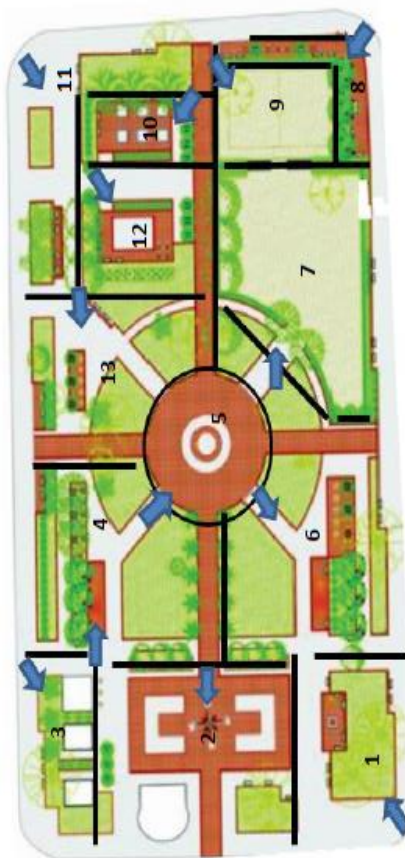
E-mail: arianekuhnen@gmail.com

Pesquisadora

Mestranda: Camila Klein

E-mail: kleincamila.ck@gmail.com

Descrição dos Setores para Mapeamento Comportamental



Setores:

- 1) bancos e pergolado
- 2) piso livre e bancos
- 3) bancos e pergolados
- 4) bancos e pergolados
- 5) fonte de água central
- 6) bancos com vista para igreja
- 7) parque infantil
- 8) praça Padre Quinlino
- 9) caminho
- 10) painéis de música
- 11) bancos no monumento
- 12) praça das borboletas
- 13) bancos e mesas para jogos

Descrição das Categorias Comportamentais

1. Atividade física: uso do setor para realização de ginástica, corrida, caminhada no perímetro, prática de esporte / jogo
2. Sozinho e sentado em banco: permanecer sentado em banco sem companhia.
3. Estar sozinho em pé: permanecer em pé, sozinho, no setor
4. Adulto acompanhando criança: acompanhar, cuidar de criança, estar com criança no espaço da praça.
5. Brincar: ato de brincar que não se enquadra em "atividade física/jogo"
6. Reunião de pessoas: grupo de pessoas conversando de pé ou sentados, pessoas paradas no mesmo setor pertencentes ao mesmo grupo
7. Caminhada na praça: caminhar pelo espaço da praça, "passar".
8. Cruzar a praça / travessia: usar a praça como caminho para deslocar-se na cidade, usar a praça como travessia / passagem.

Apêndice 3 – Postos de observação do MC

Setor 1 – Bancos e pergolado



Setor 2 – Piso livre



Setor 3 – Banheiros e bancos



Setor 4 – Bancos e pergolados



Setor 5 – Fonte de Água



Setor 6 – Bancos com vista para a igreja



Setor 7 – Parque infantil



Setor 8 – Praça Padre Quintilio



Setor 9 – Campinho



Setor 10 – Ginastica publica



Setor 11 – Bancos no monumento



Setor 12 – Praça das Borboletas



Setor 13 – Bancos e mesas para jogos



Apêndice 4 – Roteiro de Entrevista

Data:	Horário:
Primeiro nome: _____ Sexo: () masculino () feminino Idade: _____ _____ Naturalidade (Cidade onde nasceu): _____ _____ Tempo de residência em CN: _____ Profissão / ocupação: _____ Tipo de moradia: () Apartamento () Casa	Escolaridade: () Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo OBS:
Com que frequência costuma vir à praça? () anualmente () semestralmente () mensalmente () semanalmente () diariamente	

ASPECTOS DE USO / ENCONTROS

1. O que costuma **fazer** na praça? (diferenciar atividades de encontros)
2. Faz sozinho ou com mais pessoas? (Checar aspectos de interação social na praça)
3. Responda a primeira coisa que vem na cabeça: “Quando você vem aqui o que mais gosta é_____” (diferenciar aspectos de interação grupal com interação com o ambiente físico)

ASPECTOS AFETIVOS / ATRIBUTOS FÍSICOS (percepção) QUE INFLUENCIAM AFETOS

4. Preciso entender o que, fisicamente, lhe chama mais atenção na praça. Onde fica isso?
Consegue me explicar o que faz você escolher isso?
5. Existe alguma coisa da praça que você mudaria?
O que lhe levaria mudar?
6. Agora que você já me contou o que gosta de fazer aqui, e o que gosta na praça, como se você se **sente** quando está aqui?
7. CASO O RESPONDENTE SÓ FALE ASPECTOS POSITIVOS: existe algum sentimento que seria negativo? Se sim, qual?
8. Se fosse resumir seus sentimentos em relação à praça, com que palavras você resumiria? (tentar saturar a categoria “sentimentos e emoções)

ENGAJAMENTO

9. Acha o espaço da praça cuidado/conservado/? O que lhe passa esta impressão?
10. Faz ou já fez algo que ajude no cuidado/conservação/envolvimento com a praça? Se sim, o quê?
11. EM CASO DE NEGATIVA ACIMA: O que você acha que poderia fazer para participar para o cuidado/conservação/ da praça?

SIMBOLISMOS / SIGNIFICADOS E SENTIDOS

12. Para você, o que a praça representa?
13. E para a comunidade, o que a praça representa?

Apêndice 5 – Transcrição de Entrevista

Segue abaixo uma transcrição de entrevista como exemplo da etapa de coleta de dados com foco nas pessoas.

Entrevista n. 5

Data: 04/06/2015	Horário: 19:30
Primeiro nome: nome excluído para preservar identidade	Escolaridade: () Ensino fundamental incompleto
Sexo: () masculino (x) feminino	() Ensino fundamental completo
Idade: 47 anos	() Ensino médio incompleto
Naturalidade (Cidade onde nasceu): Campos Novos	() Ensino médio completo
Tempo de residência em CN: 47 anos	() Ensino superior incompleto
Profissão / ocupação: professora	(x) Ensino superior completo
Tipo de moradia: () Apartamento (x) Casa	OBS: Abordagem: Estava com a filha na praça, sentada em um banco. A entrevistada morou a vida toda a 100m da praça e demonstrou disponibilidade em conceder a entrevista.
Com que frequência costuma vir à praça? () anualmente () semestralmente () mensalmente () semanalmente (x) diariamente	

P. O que você costuma fazer na praça?

R. Eu costumo vir aqui com a minha filha, meu marido...a gente vem pra caminhar, a minha filha vem pra brincar no parquinho, a gente gosta

muito de sentar em frente ao chafariz, ficar observando, ou até mesmo ficar observando, assim, as flores, os jardins, as árvores, a natureza em geral e até as próprias pessoas que aqui frequentam, então é uma maneira de se distrair, se divertir, de arejar a cabeça, de relaxar.

P. Agora eu gostaria que você tentasse responder a primeira coisa que vem na sua cabeça...a primeira palavra... a primeira frase..."Quando você vem aqui na praça o que mais gosta é..."

R. As flores, o colorido.

P. E tem algum setor específico da praça, uma parte da praça que tenha uma preferência sua ou são só as flores em geral?

R. As flores ao redor do chafariz (sorriso).

P. Qual o aspecto físico da praça que mais lhe chama a atenção?

R. A jardinagem e o chafariz, o conjunto que tudo isso se transforma quando você chega, você vê assim coisas que o humano fez e coisas que Deus fez, né, no caso assim, a natureza em geral e em harmonia com a criação do homem.

P. E se você pudesse mudar alguma coisa na praça, o que você mudaria?

R. Eu faria as árvores crescerem um pouco mais rápido (risos)

P. Por que você acha isso?

R. Porque elas ainda são muito jovens e no verão nós ainda temos um pouco de falta de sombra, então...mas isso é uma consequência que daqui uns cinco ou seis anos já estará bem melhor, né, já estará no tamanho apropriado para trazer mais sombra.

P. O que você sente quando está na praça?

R. (silêncio) Paz. Muita paz e assim, uma sensação de você estar vivendo bem, um bem estar muito grande.

P. Além de paz, você conseguiria dizer mais algum sentimento, algumas palavras?

R. Nossa, muito. Quando a gente está aqui na praça é um momento que a gente tem pra pensar na vida da gente, de pensar assim, como a gente está aqui agora, a gente está aqui conversando, né, então é um momento de pensar na sua vida, pensar nas coisas bonitas que ela tem, dar valor a isso, e principalmente assim toda essa harmonia que tem aqui na praça e isso tudo é muito importante porque isso passa pra gente, como é uma praça que foi, foi planejada pra isso, pra vários efeitos no caso, pras crianças irem brincar no parque, pras pessoas virem ali praticar exercícios físicos, pras pessoas caminharem, pras pessoas...aqui você pode ver gente assim, fazendo piquenique ali na frente, outros estão comendo pipoca com chimarrão, outros então tomando uma cervejinha, você vê idosos, você vê adultos, você vê jovens, você vê crianças, você vê famílias, muitas famílias, no verão principalmente têm muitas famílias

aqui, e o pessoal vem aqui e se diverte, não é só entretenimento, é uma diversão, depende o que cada um vem buscar.

A mudança da praça foi indiscutivelmente, assim, trouxe um benefício pra população muito grande, porque a praça anterior, desde que eu me lembro, quando eu era criança ela era uma praça assim, com a calçada era daquelas pedras portuguesas, ela tinha um mosaico, era bonita, tinha alguns ciprestes, algumas árvores de flores, mas não era feito jardinagem, era grama, e estas árvores eram recortada, só que como não foi dada muita manutenção, nem muita atenção, ela se tornou uma praça escura, onde as pessoas frequentavam muito pouco porque ahnn começou a ser um lugar onde era perigoso pra ir a partir das cinco seis horas da tarde ela ficou uma praça escura, ali era boca de fumo, os maconheiros da cidade se reuniam ali, e praticamente pouquíssimas crianças iam ali, quando iam, tinham que ir com os pais né, mas era assim, ficava durante o dia, e a manutenção com os brinquedos das crianças era péssima, fora que ali tinha muito borrachudo, porque era grama, então era insuportável, então chegava assim um ponto que não teve mais condições, graças a Deus, “Ele” mandou um twister, um redemoinho que arrebentou com tudo que foi assim que as pessoas tiveram que se propor a fazer uma coisa nova e o prefeito, ele foi muito feliz acredito até que por influência de ele ter uma origem tirolesa ali de Treze Tílias, ele se preocupou em fazer uma funcional, mas um praça extremamente bonita, Campos Novos hoje tem uma praça que digamos assim, é o nosso cartão postal, é o nosso cartão de visita, todo mundo acha ela bonita, e ela é muito bem aproveitada pelas pessoas, porque agora nós temos assim, espaço, claro, meu Deus, eu não tenho nem ideia de quantos postes tem aqui mas tanto durante o dia quanto durante a noite ela é uma praça que pode ser frequentada porque ela ficou aberta ficou, assim, ahnn, ampla, clara, agradável, bonita, muito bonita, então dá para as crianças correrem, dá para os jovens aproveitarem, então, né, como eu falei até antes, assim, eu acho que não tem nem comparação, porque a praça antiga ficou pruma época que era de quando meu pai veio para cá, então pensa assim, há sessenta anos atrás era uma praça muito bonita, só que ela não era mais viável para Campos Novos, hoje, essa praça de hoje é uma praça viável para nós hoje, Campos Novos hoje com trinta e quatro mil habitantes, então é uma praça que está sendo realmente usada, usufruída.

P. Em relação à conservação, qual sua opinião?

R. Eu acho assim, a conservação ela é boa mas ela poderia melhorar na parte eu acho dos usuários, nessa coisa do lixo, né, jogar o lixo no lixo, porque a gente vê que as pessoas saem das mesinhas e não recolhem o

lixo, mas isso faz parte da educação, assim, mas ahnn eu acho assim que também aquela parte das flores tipo assim quando termina o verão já replantar as flores que são naturais do inverno, né e quando tá terminando o inverno já replantar, eu acho que poderia ser feito mais rápido, mas, mesmo assim ela muito bem conservada nesse aspecto da jardinagem.

P. Entendi, e da sua parte o que você faz para contribuir para esta conservação oi u o que você poderia fazer?

R. o que eu faço para contribuir...bom, eu joga lixo no lixo, não piso na grama, não tiro flores, eu simplesmente usufruo sem prejudicar nada do que tem na praça.

P. Você participa de alguma associação, algum clube, alguma organização civil aqui na cidade?

R. Não , pago só meus IPTUs em dia.

P. Para nós finalizarmos, a praça, para você, o que ela representa?

R. Eu acho que a praça, hoje para mim ela é uma parte de mim, ela faz parte da minha lembrança de criança e ela é parte da minha vida, assim, eu não me imagino sem (pareceu muito comovida), e pelo menos uma vez por semana venho a praça ou só passar, então ela é parte da minha vida...é...uma...como é que podia definir bem...ela é...uma coisa que assim que eu não consigo me imaginar sem...se eu me mudasse daqui eu iria sentir muita falta da praça (voz embargada de emoção).

P. Entendo...e para a comunidade, o que a praça representa para a comunidade?

R. Eu acho que mais do que um ponto de referencia do Centro ela é um lugar onde hoje as pessoa podem se divertir né, realmente onde elas podem usufruir um tempo coma família ou até sozinho, ou com amigos, é um espaço pra diversão, pra entretenimento e até pra pensar um pouco na vida.

DADOS DE DIÁRIO DE CAMPO:

Ao final da entrevista, com o gravador desligado, disse que ficou um pouco inibida com o aparelho, e que muitas coisas lhe vinham à cabeça naquele momento.

Ficou pensando que desde seu nascimento e sua vida na casa dos pais, até depois de casar, e mudar-se de casa, morou a no mínimo cem metros da praça.

A entrevista a fez pensar o quanto a praça foi cenário de tantas coisas de sua vida, desde aprender a subir em árvores, quando era criança, a época de namoro com seu atual marido, e hoje como local de passeio com sua família.

Ficou emocionada em pensar que o local realmente fazia parte de sua vida, tanto que na pergunta sobre o que a praça representava para ela, seus olhos ficaram marejados de lágrimas (acredito que lembranças foram evocadas).

Também contou que costuma levar seus alunos para andar na praça e aprender a matéria. Contou que na época da reconstrução muitas pessoas eram contra as modificações pelas quais a praça passou, mas que “o povo não sabe o que diz, depois vai lá aproveitar, eram contra, mas bem que depois passaram a ir à praça”. Ela atribuiu a falta de apoio para a revitalização à rivalidades político partidárias.